

# AS IFIGÉNIAS DE EURÍPIDES

---

CÂNDIDO LUSITANO

---

ANA INÁCIO  
MARIA DE FÁTIMA SILVA  
NUNO SIMÕES RODRIGUES



**IMPRESA** DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# AS IFIGÉNIAS DE EURÍPIDES

---

CÂNDIDO LUSITANO

---

ANA INÁCIO  
MARIA DE FÁTIMA SILVA  
NUNO SIMÕES RODRIGUES



**IMPRESA** DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

# coleção dramaturgia

A coleção DRAMATURGIA dedica-se à escrita para teatro, acolhendo clássicos, modernos e contemporâneos, autores consagrados e emergentes, com atenção especial dedicada aos processos de transformação da escrita de palco. A coleção apresenta no espaço da língua portuguesa uma proposta editorial de referência no domínio do teatro, propondo edições criteriosas e acompanhadas de aparato crítico.

DIRETOR MAIN EDITOR

**Fernando Matos Oliveira** UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DIRETORES ADJUNTOS ASSOCIATE EDITORS

**Alexandra Moreira da Silva** UNIVERSITÉ SORBONNE NOUVELLE - PARIS 3

**Rui Pina Coelho** UNIVERSIDADE DE LISBOA

CONSELHO EDITORIAL EDITORIAL BOARD

**Ana Isabel Vasconcelos** UNIVERSIDADE ABERTA

**Christine Zurbach** UNIVERSIDADE DE ÉVORA

**Francisco Frazão** TEATRO DO BAIRO ALTO

**José Augusto Cardoso Bernardes** UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**José Da Costa** UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**João Maria André** UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**Luiz Fernando Ramos** UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**Manuel F Vieites** ESCOLA SUPERIOR DE ARTE DRAMÁTICA DE GALICIA

**Maria de Fátima Sousa e Silva** UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**Maria João Brillhante** UNIVERSIDADE DE LISBOA

**Marie-Amélie Robilliard** MAISON ANTOINE VITEZ - PARIS

**Marta Teixeira Anacleto** UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**Pedro Eiras** UNIVERSIDADE DO PORTO

# AS IFIGÉNIAS DE EURÍPIDES

---

CÂNDIDO LUSITANO

---

ANA INÁCIO  
MARIA DE FÁTIMA SILVA  
NUNO SIMÕES RODRIGUES



**IMPRESA** DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: [imprensauc@ci.uc.pt](mailto:imprensauc@ci.uc.pt)

URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

INFOGRAFIA

Mickael Silva

PRINT BY

KDP

ISBN

978-989-26-2299-6

ISBN DIGITAL

978-989-26-2300-9

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2300-9>

DEPÓSITO LEGAL

502193/22

## SUMÁRIO

PARTE I – IFIGÊNIA SEGUNDO CÂNDIDO LUSITANO.....	7
1. O MITO DE IFIGÊNIA E SUAS FONTES.....	9
1.1 OS PRIMEIROS REGISTOS DO MITO.....	9
1.2 IFIGÊNIA ALÉM DA TRAGÉDIA.....	16
2. OS CLÁSSICOS ENTRE OS POETAS DA ARCÁDIA LUSITANA.....	20
2.1 CRITÉRIO NO USO DE UM MODELO.....	20
2.2 A TÉCNICA DA TRADUÇÃO NO SÉCULO XVIII: ALGUMA DOCTRINA.....	23
2.3 CÂNDIDO LUSITANO, IFIGÊNIA: PERCURSO DE UM MITO.....	27
3. ESPECIFICIDADES (E AUSÊNCIA DELAS) DAS VERSÕES DE CÂNDIDO LUSITANO.....	30
3.1 <i>IFIGÊNIA EM ÁULIS</i> .....	30
3.2 <i>IFIGÊNIA ENTRE OS TAUROS</i> .....	33
4. SOBRE A LEITURA PALEOGRÁFICA DAS VERSÕES DE CÂNDIDO LUSITANO.....	38
PARTE II – AS TRAGÉDIAS.....	45
1. <i>IFIGÊNIA EM ÁULIS</i> .....	47
2. <i>IFIGÊNIA ENTRE OS TAUROS</i> .....	139



**PARTE I**  
**IFIGÊNIA SEGUNDO**  
**CÂNDIDO LUSITANO**

(Página deixada propositadamente em branco)

## 1. O MITO DE IFIGÉNIA E SUAS FONTES

### 1.1 Os primeiros registos do mito

Apesar de a *Ilíada* referir os filhos de Agamémnon e Clitemnestra, não é como “Ifigénia” que esta Atrida ali aparece. No poema homérico, que podemos considerar como o repositório do primeiro estágio do mito tal como o conhecemos, Agamémnon diz ser o pai de três filhas: Crisótemis, Laódice e Ifianassa (*Il.* 9.144-145, 286-287)<sup>1</sup>. Às três jovens, a tradição acrescentará depois Orestes, o filho mais novo. Crisótemis será recuperada por Sófocles na tragédia *Electra*. Com efeito, esta peça e a tragédia grega em geral têm *Electra* como uma das filhas de Agamémnon e Clitemnestra. Mas os Poemas Homéricos ignoram-na<sup>2</sup>. *Electra* surge sobretudo nos trágicos, sendo mesmo uma das personagens tratadas pelos três grandes: Ésquilo (em *Coéforas*), Sófocles (em *Electra*) e Eurípides (em *Electra* e *Orestes*). É possível que a personagem de *Electra* corresponda à Laódice referida na *Ilíada*, visto este nome deixar de aparecer nas fontes. Para muitos investigadores, isso significa que o nome/figura de *Electra* acabou por se sobrepor ao de Laódice, substituindo-a definitivamente nos textos do período clássico e posterior. Esta ideia parece-nos verosímil. Apesar do impacto do nome “Laódice” (de *laos* + *dike*, de onde “justiça popular”), e da eventual pertinência de ser associado

---

<sup>1</sup> Nesta enumeração, reconhecemos ainda um elemento tópico: o rei com três filhas. É essa convenção estrutural que encontramos, por exemplo, nos mitos de Preto e Estenebeia (Apollod. *Bib.* 2.2, neste caso, uma das filhas chama-se, curiosamente, Ifianassa) e de Eros e Psique (Apul. *Met.* 4.28.1); ou em narrativas como a que dá corpo à tragédia *King Lear* de W. Shakespeare, que se baseia na lenda de Leir da Bretanha. A convenção «três» dá também corpo a outras construções mitológico-literárias, como as tríades: as três Horas, as três Graças, as três Meras, as três Górgones, as três Greias, ou até as três deusas do julgamento de Páris, Hera, Atena e Afrodite. Sobre esta questão, vide e.g. Liabenow 2014.

<sup>2</sup> Também Apollod. *Epit.* 2.16 se refere às três filhas de Agamémnon: Crisótemis, *Electra* e Ifigénia.

às narrativas de Orestes na tragediografia, “Electra” (“âmbar”, “brilhante”, “loura”) sugere uma colagem à figura feminina que se coaduna com o caráter desta filha de Agamémnon. Além disso, a tradição homérica refere uma outra Laódice, filha de Príamo e Hécuba (eventualmente, uma duplicação da filha de Agamémnon e Clitemnestra), casada com Helicáon e que se teria enamorado de um dos filhos de Teseu. Esta Laódice teria sido engolida pela terra, ao fugir dos Gregos que tomavam Troia (*Il.* 3.124, 6.252; Quint. Smyrn. 13.544-602). Não nos parece inverosímil que a tradição acabasse por substituir o nome da Laódice aqueia por Electra, de modo a não a confundir com a personagem troiana.

Quanto a Ifianassa, não é impossível que a forma onomástica tivesse evoluído para “Ifigénia”, que se teria assim tornado numa variante do nome da personagem atrida. Na verdade, entre ambos os nomes há um elemento comum: *iphi*, “força”. Assim, “Ifianassa” significa “senhora de força” ou “rainha de força”, enquanto “Ifigénia” significa “nascida com força”, de onde “nascida com nobreza”. Na sua essência, o significado de ambos os nomes é, por isso, muito próximo ou mesmo semelhante, constituindo-se assim um como variante do outro<sup>3</sup>.

Ainda que a *Ilíada* nos surja como o texto mais antigo a incluir a figura que se poderá configurar como Ifigénia, porque é também o primeiro que temos estruturalmente completo, a verdade é que as fontes nos sugerem tratamentos eventualmente anteriores. Parece ter sido nas epopeias cíclicas, como os *Cantos Cíprios*, hoje desaparecidos, que o mito de Ifigénia se terá desenvolvido. Há mesmo quem considere que nesses textos Ifigénia e Ifianassa seriam duas personagens distintas, sendo a primeira evitada pelo poeta da *Ilíada*, de modo a libertar a sua audiência de histórias sinistras como a do sacrifício da filha do rei aqueu em prol da guerra<sup>4</sup>. Com efeito, um escoliasta da *Electra* de Sófocles revela que o autor desse poema distinguia Ifigénia de Ifianassa, atribuindo a Agamémnon quatro filhas: tanto Ifigénia como Ifianassa, além de Electra e Crisótemis (F20)<sup>5</sup>. Já o resumo de Proclo sugere que os *Cantos Cíprios* abordariam o tema do sacrifício de Ifigénia em Áulis, incluindo o tópico da substituição da jovem pelo veado e a consequente deslocação para o país dos Tauros<sup>6</sup>, temas que reencontramos na tragédia.

<sup>3</sup> Com efeito, Lucr. 1.85, e.g., toma Ifianassa por Ifigénia.

<sup>4</sup> Davies 2001: 44-45. Como nota este autor, o tema do sacrifício de Ifigénia parece ser alheio a Homero, recordando que a julgar pelo que lemos na *Ilíada* a filha de Agamémnon chamada Ifianassa ainda vive no nono ano da guerra, *Il.* 9.144. Vide ainda Almeida & Silva 1998: 26; Jouan 1966: 265.

<sup>5</sup> West 2003: 99-101.

<sup>6</sup> Vide West 2003: 75.

A avaliar por um fragmento que se julga pertencer ao *Catálogo das Mulheres* de Hesíodo, obra hoje infelizmente perdida, nesse texto contar-se-ia que a jovem princesa teria sido salva por Ártemis e imortalizada como eternamente jovem, tendo sido sacrificado em seu lugar um *eidolon*. Ifigénia (ali chamada Ifimedia) teria passado a ser conhecida como Ártemis *Einodia*, a senhora dos caminhos e sacerdotisa da deusa do dardo (F23, sobretudo linha 21 Merkelbach-West). Esta informação é em parte confirmada por Pausânias, o Periegeta do século II d.C., que dá à sua audiência outra informação pertinente: Hesíodo registara no seu *Catálogo das Mulheres* que Ifigénia não morreria, mas que fora transformada por Ártemis em Hécate. Esta informação é então relacionada com o que lemos também em Heródoto, segundo o qual Ifigénia era uma deusa reconhecida entre os Tauros, assimilando-se, no entanto, a Ártemis (Hdt. 4.103; Paus. 1.43.1). Esta nota de Pausânias é tão mais pertinente quanto o facto de ela ter vindo a ser confirmada pelo fragmento do referido *Catálogo das Mulheres* (F23 Merkelbach-West). Outros poetas do período arcaico deverão ter tratado o mitema de Ifigénia. Entre eles Estesícoro, como alguns dos fragmentos de textos que lhe são atribuídos deixam adivinhar, percebendo-se neles algumas das temáticas que contribuirão tanto para a perenidade como para as variações do tema<sup>7</sup>. Segundo Filodemo, esse poeta do século VI a.C. seguira também Hesíodo, por exemplo, na associação da Atrida à deusa ctónica Hécate: “Estesícoro na *Oresteia*, em conformidade com Hesíodo, afirma que a Ifigénia filha de Agamémnon é aquela que atualmente denominamos Hécate.”<sup>8</sup> Também Píndaro, outro poeta do mesmo período, alude ao mito de Ifigénia, relacionando-a com a fúria homicida de Clitemnestra no momento em que, regressado da guerra, recebe o marido em casa e ali o mata (P. 11.22-24).

A maturidade do tema de Ifigénia, porém, só terá sido alcançada com os poetas trágicos, ainda que, aparentemente, estes tenham recorrido a matéria que no seu tempo já não era original. Apesar de hoje apenas termos, completas, a *Ifigénia em Áulis* e a *Ifigénia entre os Tauros* de Eurípides, sabemos que Ésquilo dedicou uma das suas composições, *Ifigénia*, a essa personagem do ciclo troiano (*TrGF* 3 F94<sup>9</sup>), na qual

<sup>7</sup> Como nota Almeida & Silva 1998: 33, é verosímil que o tema do falso pretexto do casamento de Aquiles com Ifigénia em Eurípides tenha sido inspirado na obra de Estesícoro, ainda que o tópico surgisse já nos *Cantos Cíprios*. Vide ainda Carvalho 2017: 151-155, 193, 199-204.

<sup>8</sup> Apud Almeida & Silva 1998: 26; vide também Carvalho 2017: 201. A associação de Ifigénia a Hécate traduz a complexidade da figura. Uma discussão da problemática pode ser lida em Budin 2016: 120-123.

<sup>9</sup> Kannicht, Snell and Radt 1971-2004.

muito provavelmente seguia o argumento mais célebre e tradicional, que seria o do sacrifício em Áulis<sup>10</sup>. Os fragmentos disponíveis, contudo, são demasiado pobres para que possamos concluir algo de mais concreto. Mas o tema de Ifigénia foi também usado por este poeta no *Agamémnon*. No párodo desta peça, refere-se que a culpa da ira de Ártemis fora não a ação de Agamémnon, mas de duas águias de Zeus que devoraram uma lebre ainda prenhe, metáfora do futuro saque de Troia (Ag. 135-139). Trata-se, portanto, de mais uma variação do mito. A culpa de Agamémnon está em aceitar o sacrifício da filha para apaziguar a ira da deusa (Ag. 206-216, 229-236). As palavras finais do coro no párodo (“O que se seguiu não vi, não posso dizê-lo, mas as artes de Calcas não são vãs”, trad. M. O. Pulquério) não deixam a certeza da salvação da Atrida no último momento, como advogam outras tradições, não sendo por isso inverosímil que alguma variante do mito contasse que afinal Ifigénia não teria sido salva e teria dado a vida pela empresa dos Aqueus<sup>11</sup>.

Um argumento semelhante ao de *Ifigénia em Áulis* parece ter sido usado por Sófocles, na sua *Ifigénia*, igualmente desaparecida (*TrGF* 4 F305-312)<sup>12</sup>. Uma outra tragédia de Sófocles, porém, tem sido apontada como incluindo parte do tema de Ifigénia e até fazendo dela uma das personagens da peça. Trata-se do *Crises*, tragédia de que temos apenas cinco fragmentos, e tão gerais que pouco ou nada conseguimos dizer acerca do argumento ou do enredo (*TrGF* 4 F726-730). No entanto, como nota Wright, a maioria dos investigadores tem considerado o mito transmitido por Higino, autor latino do século II, nas suas *Fábulas* como aquele que muito provavelmente dava consistência a esta peça sofocliana. O texto de Higino deverá mesmo ser um resumo da peça. Essa narrativa constitui parcialmente uma variante ao começo da *Ilíada*. Segundo esse texto latino, quando Agamémnon ia para Troia, Aquiles apareceu-lhe com Criseida, a filha de Crises, entregando-lha para que fizesse dela sua concubina. Crises suplicou então a Agamémnon que este lhe devolvesse a filha, mas em vão. Por isso, Apolo interveio, destruindo parte do exército dos Aqueus, lançando sobre ele a fome e a peste. Agamémnon devolveu então a filha ao pai, mas a jovem estava já grávida. Criseida, porém, negava que o pai do seu filho fosse Agamémnon, dizendo que era Apolo. E assim nasceu Crises-o-Jovem, filho de Criseida. Mais tarde, em Esminte, onde Crises e o neto Crises-o-Jovem eram sacerdotes de Apolo e para onde Orestes, Ifigénia e Pílates haviam fugido ao deixar a Táurica, Crises revelaria ao neto que na verdade ele era filho de Agamémnon, e por isso irmão dos recém-chegados Orestes e Ifigénia. Reconhecendo os irmãos, Crises-o-Jovem teria

---

<sup>10</sup> Wright 2019: 35.

<sup>11</sup> Vide Almeida & Silva 1998: 29.

<sup>12</sup> Wright 2019: 35, 97.

então ajudado Orestes a eliminar Toas, o rei dos Tauros, que perseguira os Atridas em fuga até Esminte, e fugiria depois para Micenas, acompanhando os irmãos e levando consigo a estátua de Diana/Ártemis (Hyg. *Fab.* 120-121<sup>13</sup>).

Dado o desaparecimento destas criações de Ésquilo e de Sófocles, foi Eurípides que se tornou o marco de influência do tema de Ifigénia. Tendo estreado entre 414 e 411 a.C., talvez em 414 ou 413<sup>14</sup>, *Ifigénia entre os Tauros* foi a primeira das peças que este poeta dedicou ao tema da princesa aqueia. Nela, é perceptível aquela que parece ter sido uma originalidade significativa, ao deslocar o centro da ação e do enredo do campo militar estacionado em Áulis para a Táurica, terra bárbara para onde, já segundo os *Cantos Cíprios*, a jovem teria sido levada, depois de no último instante ter sido substituída por um veado ou uma corça, graças à intervenção de Ártemis, no altar do sacrifício à deusa.

O momento da oferenda sacrificial a Ártemis seria a *acme* do mito de Ifigénia. Segundo o que conseguimos recolher das fontes antigas, contava-se entre os Gregos que Agamémnon provocara a cólera de Ártemis. As fontes divergem quanto ao motivo, destacando-se uma que refere que o cervo sagrado da deusa teria sido morto por um dos soldados gregos, ou pelo próprio Agamémnon<sup>15</sup>, quando se organizavam para largar de Áulis em direção a Troia. Por essa razão, a armada dos Aqueus teria ficado retida na baía de Áulis, quer por uma prolongada calmaria provocada pela deusa da caça, quer por excesso de ventos. Também aqui as versões divergem. Os Aqueus decidiram então consultar Calcas, o adivinho, para que ele lhes dissesse

---

<sup>13</sup> Estes dois capítulos de Higino parecem resumir duas tragédias distintas, mas complementares: a *Ifigénia entre os Tauros* de Eurípides e o *Crises* de Sófocles. Como nota Wright 2019: 135, porém, não deixa de ser estranho que, sendo a peça de Sófocles anterior à de Eurípides, o argumento daquela pareça ser uma sequela do desta. O argumento do *Crises* parece até ser mais euripidiano do que sofocliano. Como tal, propõe de modo pertinente Wright, talvez a peça de Sófocles tenha sido uma resposta direta do poeta à composição de Eurípides e, por conseguinte, produzida depois da *Ifigénia entre os Tauros*.

<sup>14</sup> Storey & Allan 2005: 268; Rodrigues 2014: 8.

<sup>15</sup> E.g. Hyg. *Fab.* 261; Dict. Cr. *Bell. Tr.* 1.19. Entre os séculos I e II d.C., Apollod. *Ep.* 3.21 refere que a ira da deusa se devia ao facto de Agamémnon, ao ter alvejado um cervo, ter proclamado “nem Ártemis”, sugerindo um presunçoso auto-elogio relativo à sua perícia na caça. No mesmo passo, porém, Apolodoro introduz ainda uma outra justificação, remetendo a razão da ira da deusa para um período anterior, bem ao gosto mitológico dos Gregos: a razão seria o facto de Atreu, o pai de Agamémnon, se ter recusado a sacrificar uma bela ovelha cuja lã era constituída por fios de ouro, cf. *Ep.* 2.10. A causa da ira da deusa e da desgraça de Ifigénia estaria assim na *hybris* de um antepassado.

o que impedia que os ventos se levantassem, ou se acalmassem, e assim a armada pudesse largar em direção à Tróade. Calcas respondeu que só o sacrifício de uma virgem, mais concretamente de Ifigénia, a filha de Agamémnon, aplacaria a ira de Ártemis e assim permitiria que os ventos soprassem ou se acalmassem. De início, o rei dos Aqueus recusou tamanha barbaridade, mas depois, pressionado quer pelos soldados quer, sobretudo, por Menelau e Ulisses, dois dos outros reis aqueus, acabou por ceder. Agamémnon mandou então chamar a filha Ifigénia, que estava em Micenas, na companhia da mãe, Clitemnestra, e dos irmãos. De modo a atrair a filha e a mãe ao acampamento militar, o rei inventa um pretexto: casá-la com o rei dos Mirmídones, Aquiles, antes de todos partirem para Troia. Enganadas, mãe e filha chegam de Micenas a Áulis e, apesar da resistência de Clitemnestra e de Aquiles, Ifigénia acaba por ser conduzida ao altar sacrificial. No momento derradeiro, porém, Ártemis ter-se-ia apiedado da jovem e tê-la-ia substituído por uma corça. Quanto a Ifigénia, Ártemis tê-la-ia levado para a Táurica, território que corresponde à atual Crimeia e que, portanto, para os Gregos estava já na esfera da barbárie. Ali, Ártemis teria feito de Ifigénia sua sacerdotisa<sup>16</sup>.

No essencial, esta é a estrutura do mito que está na base das duas composições de Eurípides (que opta pela ausência de vento em Áulis) e que estaria nas duas de Ésquilo e Sófocles. Apesar de apresentada antes, a *Ifigénia entre os Tauros* de Eurípides reportaria à parte final do mito, centrando-se no momento em que, sacerdotisa entre os Tauros, Ifigénia está encarregada de zelar pelo culto e pelos rituais da deusa, sacrificando-lhe, como seria costume entre aquele povo bárbaro, todos os estrangeiros que ali chegassem. Este é um tópico que aparece também em Heródoto, o qual, como assinalámos, se refere a Ifigénia como uma deusa reconhecida entre os Tauros, assimilando-se, por conseguinte, a Ártemis (Hdt. 4.103)<sup>17</sup>. E esse é também o *leitmotiv* da tragédia euripídiana, que parece inovar (caraterística frequentemente atribuída a Eurípides pela investigação moderna) ao introduzir no enredo a chegada, também à Táurica, de Orestes e Pílades, irmão e primo de Ifigénia, que andam fugidos da casa de Atreu desde que Clitemnestra matou o marido, Agamémnon, com o apoio do amante, Egisto. Tudo aconteceu quando Agamémnon regressou a casa, depois da conquista de Troia, e um dos motivos do maricídio teria sido precisamente o alegado sacrifício de Ifigénia, em Áulis.

---

<sup>16</sup> Tema também referido por D.S. 4.44; vide ainda Paus. 1.23.7, 1.33.1, 1.43.1.

<sup>17</sup> Sobre essa relação entre Ártemis e Ifigénia, no que ao culto religioso diz respeito, vide e.g. Rebelo 1992; Lloyd-Jones 1983.

Na tragédia de Eurípides, uma das que se conhece com “final feliz”<sup>18</sup>, Ifigénia acaba por reconhecer o irmão (tópico bem euripídiano<sup>19</sup>) e, juntos, engendram um plano para enganar o rei dos Tauros, fugir da Táurica e regressar à terra de seu pai, na companhia do primo, Pílates. Na fuga, levam consigo a estátua de culto da deusa Ártemis. Desde o início, os dois irmãos são ajudados por Apolo, irmão de Ártemis, que na verdade desencadeara toda esta ação, tal como o refere Orestes e Atena salienta no final (E. *IT* 936-937, 1013, 1435-1440). Este elemento faz com que, juntamente com a deusa-irmã, o deus arqueiro funcione como uma duplicação divina de Orestes e Ifigénia.

Produzida já após a morte de Eurípides, *Ifigénia em Áulis* deverá ter estreado em 405 a.C.<sup>20</sup> Esta peça distingue-se da primeira ao nível do argumento, o qual remete para um momento do mito anterior ao da estada na Táurica, e destaca-se no conjunto da produção de Eurípides por retratar alguns dos heróis homéricos de forma até então nunca vista: Agamémnon é aqui um guerreiro temeroso em candidatura para a chefia, Menelau é um egoísta para quem apenas a própria honra conta e Aquiles é reduzido a um jovem frágil incapaz de influenciar o curso dos eventos<sup>21</sup>. Por outro lado, Clitemnestra é redefinida, deixando de ser a mulher máscula, vingativa e adúltera de Ésquilo e de Sófocles, para passar a ser uma mãe em desespero por salvar a filha das mãos dos seus algozes. Em todas estas metamorfoses dos caracteres vemos, uma vez mais, a genialidade de Eurípides. Ainda assim, Aristóteles não hesitou em criticar negativamente alguns aspetos desta tragédia, nomeadamente a evolução do caráter psicológico da heroína titular (*Po.* 1454a30-32). Para isso, talvez tenha contribuído o facto de a peça não ser integralmente da autoria de Eurípides<sup>22</sup>.

Sabemos que o tema de Ifigénia terá sido tratado por outros tragediógrafos, inclusive do século IV a.C.<sup>23</sup> No entanto, das obras desses, apenas nos restam fragmentos ou breves

---

<sup>18</sup> Autores como Wright 2005: 6-55 e Conacher 1967 integram esta tragédia na categoria de “Tragédia Romântica”.

<sup>19</sup> Wright 2019: 179.

<sup>20</sup> Storey & Allan 2005: 273. Vários investigadores têm salientado, aliás, o caráter espúrio do final (e não só) da tragédia, eventualmente redesenhado pelo autor último com o objetivo de coordenar as duas versões tratadas por Eurípides. Sobre esta questão vide e.g. Wright 2019: 35, n. 90; Collard & Morwood 2017; Storey & Allan 2005: 273.

<sup>21</sup> Reflexões gizadas por Storey & Allan 2005: 273.

<sup>22</sup> Wright 2019: 35, n. 90; Collard & Morwood 2017; Storey & Allan 2005: 273; Almeida & Silva 1998: 71-84.

<sup>23</sup> Wright 2016: 122.

referências. Através de Aristóteles, por exemplo, sabemos que um dramaturgo de nome Poliido (talvez Poliido de Selímbría) teria composto uma *Ifigénia* (*Po.* 1455b10), cujo enredo deveria seguir e estar muito próximo da *Ifigénia entre os Tauros* de Eurípides. É mesmo possível que esse poeta tenha introduzido novidades significativas no tema trabalhado por Eurípides, no século anterior. Que este era um assunto popular, a pintura sobre cerâmica também o comprova e até nos permite abordar a problemática das versões trágicas perdidas do tema de Ifigénia<sup>24</sup>. Por isso, não é de estranhar que outros poetas apresentassem recorrentemente à *polis* a sua proposta da reescrita deste mito<sup>25</sup>.

## 1.2 Ifigénia além da tragédia

A julgar pelo que colhemos nas fontes, o mitema de Ifigénia não foi imune às variações, como tantas vezes percebemos na mitologia grega. Para isso contribuiu por certo o facto de o mito desta Atrida não se ter cristalizado na tragédia ática, mas ter continuado presente noutras vozes, noutros autores, noutros textos, noutros géneros literários, noutro tipo de representações. A partir do período helenístico, com a valorização da mitologia, enquanto “género” que consiste num *corpus* de narrativas míticas, essas variações emergiram e fizeram-se notar, dependendo dos autores que as registaram e do tempo e do lugar em que o fizeram. O já mencionado Higino, por exemplo, basicamente resumiu as tragédias conhecidas de Eurípides, tendo sido essas muito provavelmente as suas fontes para as rubricas que incluiu nas suas *Fábulas* sob as entradas “Ifigénia” (*Fab.* 98) e “Ifigénia Táurica” (*Fab.* 120)<sup>26</sup>. Antes de Higino,

---

<sup>24</sup> Sobre o tema de *Ifigénia entre os Tauros* na pintura sobre cerâmica grega, vide e.g. Trendall & Webster 1971: 3.27, 3.30(a-b); Taplin 2007: 152-153; e o pioneiro Séchan 1967: 369-388, em que também se analisam as representações plásticas de *Ifigénia em Áulis*. Como bem nota Lefteratou 2018: 26-31, os primeiros três séculos da nossa era foram particularmente ricos em representações do tema de Ifigénia nas artes plásticas, o que confirma a manutenção do interesse pelo mitema, o qual, em parte, se deverá explicar pelo seu *happy ending*.

<sup>25</sup> Sobre a versão e originalidade de Poliido, vide também Wright 2016: 151-153, 204.

<sup>26</sup> Vide ainda Hyg. *Fab.* 261. *Fab.* 238.1 refere explicitamente que Agamémnon teria sido um dos pais da mitologia que mataram as suas filhas. Outros textos assumem que o sacrifício teria sido levado a cabo por um sacerdote.

o poeta também latino Ovídio seguiu a mesma tendência quando resumiu o mito de Ifigénia nas *Metamorfoses* (*Met.* 12.24-38, 13.185, 483).

O mitógrafo, no entanto, a propósito de outro mito, refere-se a uma outra aventura envolvendo Ifigénia e os irmãos e que é desconhecida dos textos antes mencionados, nomeadamente das tragédias que nos chegaram. Segundo Higino, Electra teria recebido a notícia de que Orestes e Pílates teriam sido imolados a Ártemis/Diana, na Táurica; ter-se-ia então deslocado a Delfos para se informar da morte do irmão. A jovem teria ali chegado precisamente no mesmo dia em que chegaram também Orestes e Ifigénia em fuga da Táurica, sendo então dito a Electra que Ifigénia era a assassina do irmão dela. Nesse momento, Electra teria pegado num pedaço de madeira que ardia no altar e tentado cegar Ifigénia, o que só não aconteceu porque Orestes teria intervindo e o reconhecimento dos três irmãos teria acontecido, evitando o pior (*Hyg. Fab.* 122). O argumento apresentado por Higino sugere o de uma tragédia. Talvez se trate de uma composição desaparecida, por exemplo o *Aletes*, de Sófocles<sup>27</sup>.

No século IV, a tradução latina de um original grego datado dos séculos I-II d.C. e atribuído a Díctis de Creta refere que o que paralisou o exército dos Aqueus em Áulis foi uma peste difundida por Diana/Ártemis e não a falta ou excesso de ventos na baía (*Bell. Tr.* 19)<sup>28</sup>. De qualquer modo, é a ira da deusa desencadeada pela morte da sua corça às mãos de Agamémnon que se abate sobre os Aqueus e leva à exigência do sacrifício de Ifigénia. Ao recusar-se a entregar a filha para sacrifício, Agamémnon é, nesta versão, destituído da sua função régia, levando a uma divisão do exército aqueu. É Ulisses quem então engendra o plano de enganar Clitemnestra, usando para isso cartas falsificadas em nome de Agamémnon, nas quais o rei deposto comunica à mulher o plano de casar Ifigénia com Aquiles, antes da largada para Troia. Convencida e envaidecida com o plano de casar a filha com o mais valente dos Gregos, Clitemnestra entrega Ifigénia a Ulisses, que a conduz a Áulis e ao lugar do sacrifício<sup>29</sup>. Ao se inteirar do plano de Ulisses, Agamémnon cogita a fuga com a filha, mas Nestor convence-o a abandonar essa ideia e a aceitar o sacrifício (*Bell. Tr.* 20). Entretanto, Ulisses e Menelau preparam a oferenda, quando se abate sobre a cena um ambiente de *locus horrendus*, que leva

---

<sup>27</sup> Rincón Sanchez 2009: 156; Jebb 1917: 62-67.

<sup>28</sup> Talvez numa tentativa de racionalização da narrativa, o autor deste texto refere as alterações atmosféricas como possíveis causas da difusão da peste entre os Aqueus, mas não como a razão da retenção do exército em Áulis.

<sup>29</sup> O texto atribuído a Díctis Cretense coincide aqui com o que lemos em Apolodoro (*Ep.* 3.22), que afirma que Agamémnon enviou Ulisses e Taltíbio a Clitemnestra, para lhe pedir que deixasse Ifigénia acompanhá-los, para que se casasse com Aquiles.

Menelau a hesitar e a suspender o sacrifício da jovem, ao mesmo tempo que teme interromper o ritual já iniciado e as consequências dessa decisão. É então que os homens escutam uma voz feminina, profética, no bosque que lhes diz que a divindade rejeita sacrifícios humanos e que por isso devem substituir Ifigénia por uma vítima animal: uma cerva (cf. Paus. 9.19.6). Quanto a Agamémnon, o seu castigo estava guardado para quando chegasse a casa depois da guerra (evidente alusão à morte do rei às mãos de Clitemnestra, a sua mulher; *Bell. Tr.* 21). O ambiente regressa então ao *locus amoenus*, ao mesmo tempo que Aquiles, informado por Clitemnestra do alegado casamento que para ele fora planeado, avança encolerizado em direção ao bosque e resgata Ifigénia, entregando-a ao rei dos Citas (*Bell. Tr.* 22)<sup>30</sup>. Regressando tudo à normalidade, também Agamémnon é reinstituído como rei pelos seus homens (*Bell. Tr.* 23). Como se verifica, a versão atribuída a Díctis Cretense é essencialmente semelhante à que conhecemos no século V a.C., mas foram introduzidas algumas alterações significativas no mito. Dessas alterações, a que talvez mais se destaca é a do resgate de Ifigénia por um Aquiles encolerizado, que contrasta fortemente com a versão que Eurípides dá, sobretudo do caráter do rei dos Mirmídones, em *Ifigénia em Áulis*.

Mais significativa pela diferença é a versão de Antonino Liberal, um gramático grego do século II d.C. Nas suas *Metamorfoses*, e baseando-se no livro IV das *Metamorfoses* de Nicandro (sec. II a.C.), este autor conta que Ifigénia era na verdade filha de Helena e de Teseu, e que Clitemnestra apenas a teria criado, enganando o marido, ao dizer-lhe que teria dado à luz a criança. Antonino Liberal liga assim a história de Ifigénia ao tempo das relações de Helena com o rei de Atenas (cf. Plut. *Th.* 29, 31). Esta versão, que na verdade já deveria constar da obra de Estesícoro (F86f)<sup>31</sup>, ecoa também na obra de Pausânias, que confirma a existência da tradição que dava conta de que Ifigénia era na verdade filha de Helena e de Teseu e que apenas fora criada por Clitemnestra. Pausânias evoca em seu auxílio os nomes dos poetas Eufóron de Cálcis, Alexandre de Plêuron e Estesícoro de Hímera (Paus. 2.22.7). Esta variante do mito sugere que o sacrifício de Ifigénia seria como que uma punição de Helena, a sua verdadeira mãe, enquanto causa da Guerra de Troia.

Ainda segundo Antonino Liberal, Helena teria negado ser mãe de Ifigénia, assegurando aos irmãos, Castor e Pólux, que saíra virgem da casa de Teseu. De resto, o mitógrafo inclui ainda na sua narrativa o episódio de Áulis e a exigência de Ártemis

---

<sup>30</sup> Cf. Hdt. 4.103, que confirma essa relação com os Citas. Num outro passo do mesmo texto, porém, sugere-se que Agamémnon pensa que a filha morreu, cf. Dict. Cr. *Bell. Tr.* 2.7, 9.

<sup>31</sup> Vide e.g. Carvalho 2017: 129, 151.

para que Ifigénia lhe fosse dada em sacrifício, tendo a jovem sido salva *in extremis*, substituída no altar por um bezerro e levada para a Táurica. Mas Antonino Liberal regista também que, quando chegou a sua hora, Ifigénia teria sido levada por Ártemis para a ilha de Lêucade, para junto de Aquiles, com quem então se casou, ganhando ali a imortalidade e a apoteose. Como deusa, Ifigénia passou a chamar-se Orsilóquia, que na verdade era um dos epítetos de Ártemis, enquanto protetora das parturientes. Deste modo, consumou-se a metamorfose de Ifigénia, uma mortal, em Orsilóquia, uma imortal<sup>32</sup>. Nesta versão, confirma-se a costumeira confusão entre Ifigénia e Ártemis, ou retoma-se a evocação de uma Ifigénia divinizada<sup>33</sup>. Também se altera o animal que teria substituído a jovem no altar do sacrifício, sendo que em vez de uma corça se refere aqui uma bezerra. Sabemos que os Antigos, porém, referiam também um urso<sup>34</sup>.

No entanto, as variações mais significativas e complementares do mito podem ser lidas em Pausânias, autor do século II. Segundo o Periegeta, depois de abandonar a Táurica, Ifigénia teria chegado a Bráuron, perto de Atenas e de Maratona, levando consigo a imagem de Ártemis. Ifigénia deixou ali o ícone da deusa, seguindo depois para Argos, não sem antes passar por Atenas. Segundo o autor, em Bráuron havia efetivamente uma estátua da deusa em madeira, mas na sua opinião essa não seria a que teria vindo da Táurica (1.33.1). Num outro passo, no livro dedicado à Lacónia, Pausânias diz que havia ali um sítio, Limnéon, que estava consagrado a Ártemis Órtia e que se dizia que a estátua que ali se podia ver seria precisamente a que Orestes e Ifigénia haviam trazido consigo da Táurica. Pausânias confessa considerar esta versão mais plausível do que a que apresentara antes, relativamente a Bráuron (3.16.7)<sup>35</sup>. Mas o facto é que o culto de Ártemis em Bráuron tinha renome na Antiguidade e era da maior importância para o sexo feminino, visto que tinha um carácter iniciático e estava centrado nas várias etapas da vida das mulheres, nomeadamente a entrada na vida adulta e a maternidade. Aliás, o final de *Ifigénia entre os Tauros* sugere uma relação

---

<sup>32</sup> Vide Canto Nieto 2003: 196. Neste ponto, Antonino Liberal vai ao encontro do que lemos em Apollod. *Ep.* 3.22.

<sup>33</sup> Sobre esta questão, vide Rebelo 1992.

<sup>34</sup> Fanodemo, por exemplo, teria referido a substituição por um urso ou ursa, Canto Nieto 2003: 196. A substituição da jovem por um urso relacionava-se com os cultos celebrados em Bráuron e em Muníquia, nomeadamente os *Arkteia*. Sobre esta problemática, vide ainda Dowden 1989: 15-17, 22-32.

<sup>35</sup> O Periegeta nota também que a fama da deusa táurica, no caso Ártemis, era tanta que vários povos e lugares reclamavam ter consigo a estátua original, cf. Paus. 3.16.8-9. Sobre o culto em Bráuron, vide também Dowden 1989: 15-17, 23-32.

próxima do texto com esse culto, como se pode aferir pelas palavras de Atena no final da peça (*IT* 1446-72)<sup>36</sup>.

Mas, como parece evidente pela leitura de Pausânias, eram várias as regiões ou cidades da Grécia que reclamavam a presença de Ifigénia no seu território, revelando que a figura acabou por adquirir um estatuto pan-helénico, o que aliás vem no seguimento do que se verifica com a difusão do ciclo troiano na cultura grega. Com efeito, Pausânias informa a sua audiência que em Mégara, na Ática, havia um templo ou santuário (um *heroon*, que era um espaço consagrado a heróis) dedicado à filha de Agamémnon<sup>37</sup>. A razão da sua existência estaria no facto de ali se contar que era o sítio onde Ifigénia morrerá. Já a propósito de Trezena, na região de Corinto, o Periegeta refere a existência de um templo dedicado a Ártemis Ifigénia, confirmando-se a confusão, ou sincretismo, entre as duas figuras ao nível do culto popular, em várias regiões da Hélade (Paus. 2.35.1). Essa mesma síncrese seria verificável no templo de Ártemis, em Egira, na Acaia (Paus. 7.26.5).

Apesar das variações e dos aspetos tópicos ligados ao culto e ao rito, o facto é que o mito de Ifigénia se tornou perene, acabando inclusive por ser usado como modelo de narrativas posteriores, como o romance e suas heroínas<sup>38</sup>. Mas essa perenidade adveio sobretudo da tragédia. Das tragédias de Eurípidés, evidentemente. É disso que fazem eco as versões de Cândido Lusitano, que agora se publicam.

## 2. OS CLÁSSICOS ENTRE OS POETAS DA ARCÁDIA LUSITANA

### 2.1 Critérios no uso de um modelo

Parece incontornável o fascínio que os Clássicos greco-latinos tiveram sobre a poesia portuguesa do séc. XVIII representada pelos membros da Arcádia Lusitana (1757-1776). A sua recuperação foi mesmo uma bandeira adotada como arma contra o Barroco, o padrão literário vigente na geração anterior, a dos seiscentistas, que tinham vindo prejudicar ou arredar, na opinião dos Árcades, o brilho fulgurante do Renascimento

---

<sup>36</sup> Silva 2022.

<sup>37</sup> Sobre o culto de heroínas, e o de Ifigénia em particular, vide Larson 1995: 39-42, 116-118.

<sup>38</sup> Lefteratou 2018: 101-105.

português. Nos Clássicos, os Arcades procuravam simplicidade e harmonia, como qualidades a privilegiar na criação literária e artística em geral. No que à produção dramática especificamente diz respeito, o esforço desenvolvido pelos nomes com intervenção mais destacada - Correia Garção, Manuel de Figueiredo, Domingues dos Reis Quita e Francisco José Freire (Cândido Lusitano) - concretizou-se em duas frentes: ao nível da teorização e doutrinação estético-literária e, por outro lado, no projeto da tão desejada restauração do teatro nacional, sob a influência de preceitos neoclássicos e de modelos da dramaturgia estrangeira de prestígio, nomeadamente, francesa. Mas a harmonia desejável entre estes dois propósitos parece não ter sido conseguida. No dizer de Cruz<sup>39</sup>, “a Arcádia Lusitana pouca ou nenhuma influência teve na evolução do teatro português”, mas, apesar disso, os “Arcades foram os primeiros doutrinadores a debruçar-se, com interesse e coerência, sobre o teatro como fenómeno estético”.

Não se tratou uma vez mais, como em geral acontece com o processo de receção, de um diálogo direto entre as reescritas e os originais; ao longo dos séculos foi sempre marcante a influência daquilo a que poderíamos chamar ‘novos originais’ – textos que, pelo seu valor literário e originalidade e pelo interesse que despertaram, se converteram eles também em fontes de referência na interpretação de um determinado mito. Em relação aos Arcades, esse papel foi, em boa medida, desempenhado pela literatura francesa, que então estabelecia na Europa um novo critério de gosto literário e, sob a perspetiva estrita da herança clássica, introduzia uma marca profunda na intelectualidade portuguesa do séc. XVIII e no percurso da receção<sup>40</sup>. A função deste intermediário, no que à transmissão do teatro clássico diz respeito, tornou-se relevante por dois motivos distintos; em primeiro lugar pela influência que os grandes criadores da tragédia francesa – e.g. Corneille, Racine, Voltaire -, todos eles marcados pela tradição clássica, exerceram na Europa - e Portugal não foi exceção - com as suas produções; mas um outro papel essencial à transmissão dos originais gregos foi desempenhado pelas traduções então produzidas em França, que possibilitaram o conhecimento de textos independentemente do domínio do grego e do latim<sup>41</sup>. Exemplos influentes são os de Pierre Brumoy (1688-1742), um jesuíta ilustre e tradutor de todo o teatro grego

---

<sup>39</sup> 2001: 106.

<sup>40</sup> Sobre os contornos desta influência e sobre a teorização a que deu origem entre os poetas da Arcádia – a quem “cabe a glória de ter ensinado e exercitado a chamada arte poética neo-clássica” –, vide Rocha Pereira 1985: 93-94; Müller, Neumann 2015: 7-8.

<sup>41</sup> Sobre a proliferação entusiástica de traduções do teatro francês sobretudo durante a segunda metade do séc. XVIII em Portugal, tendo em conta a especificidade da produção dramática greco-latina, vide Hörster *et al.* 2003-2006: 21-26.

conhecido na época, trágico e cômico; e de Anne Dacier (1647-1720), autora de versões dos poemas homéricos, dos líricos gregos e de comédias de Aristófanes, Plauto e Terêncio.

Perante estes diversos padrões de fontes, o uso dos Clássicos como referência para os novos criadores da Arcádia não excluiu uma recomendação de originalidade, um propósito de implicar no uso dos modelos uma inovadora capacidade de manipulação<sup>42</sup>. Os resultados obtidos oscilam entre limites bem destacados, que vão de verdadeiras recriações até ao que se aproxima mais de uma tradução, feita sobre o original ou principalmente sobre versão intermédia. Alguns critérios ganharam, no entanto, transversalidade. De acordo com o preceito arcádico, o ritmo obtido pelo verso não rimado impôs-se como o padrão a praticar. A linguagem, por seu lado, despojou-se de alguma forma da solenidade que caracterizara os modelos. E sobre o coro, um fator decisivo na construção de uma tragédia antiga e causador de eterna polémica na adoção dos modelos dramáticos da Antiguidade, gerou-se uma controvérsia entre aqueles que o excluíram, em confronto com os que o defendiam pelo seu contributo para o equilíbrio estético e para a variedade do conjunto<sup>43</sup>. Dentro destes pressupostos, mesmo se a produção dramática dos Arcades não se mostrou digna de um apreço incondicional, sobeja-lhe, no entanto, o mérito de ter cumprido uma etapa importante na transmissão dos modelos clássicos e na história do teatro português.

Embora o objeto em análise, dentro da Arcádia Lusitana, fosse a criação literária em geral e a lírica talvez com maior impacto, o teatro teve ainda assim um lugar distinto nas preferências deste grupo de intelectuais. Curiosamente, na sua comédia *Teatro Novo* (1766) – uma espécie de transposição para a cena da teoria teatral –, Correia Garção faz uma avaliação do teatro seu contemporâneo e sujeita cada modelo a uma crítica veiculada por diferentes autores e atores, em patriótica assembleia; a ideia propulsora da peça será, através da discussão sobre a importância e funções do teatro, redimir o teatro português do pântano em que estava mergulhado. Nesse encontro, Correia Garção inclui, entre os presentes, a voz de um poeta jovem – Gil Leinel –, de quem se pode afirmar: “Homero português, /Píndaro nosso”<sup>44</sup> –, defensor dos novos ideais do ‘bom senso e bom gosto’, a quem a *Ifigénia em Áulis* merece uma recomendação particular: nela parece concretizar-se o paradigma da boa poesia e de uma intriga consistente. Vários nomes do séc. XVIII lhe não ficaram indiferentes, regressando ao

---

<sup>42</sup> Este é um princípio reiteradamente recomendado por vozes autorizadas como a de Correia Garção, vide Rocha Pereira 1985: 95-96.

<sup>43</sup> Pedegache e Manuel de Figueiredo, por exemplo, estão entre aqueles que assumiram a defesa do coro, vide Rocha Pereira 1985: 99.

<sup>44</sup> Garção <sup>2</sup>1991: 23.

modelo sob diversas perspectivas<sup>45</sup>. Cruz e Silva, um dos fundadores e propulsores da Arcádia, foi autor de uma tragédia que intitulou *Ifigénia em Táuride. Tragédia de Mr. de la Touche*, confessando no próprio título a dependência em relação ao modelo francês<sup>46</sup>; por sua vez, Manuel de Figueiredo compôs uma *Ifigénia em Áulide* (1777) e Francisco Dias Gomes (1798) uma *Ifigénia*<sup>47</sup>. De facto, a par de Sófocles e do seu *Rei Édipo*, que gozava, desde Aristóteles, do prestígio de paradigma por excelência da perfeição trágica, Eurípides parece ter legitimamente gozado de grande mérito entre os Arcades. A tragédia ganhava, perante estas múltiplas realizações, uma predominância que a literatura dos séculos anteriores lhe não tinha garantido. Cândido Lusitano, que constitui o objeto do nosso estudo, encontra-se manifestamente envolvido neste processo.

## 2.2 A técnica da tradução no séc. XVIII: alguma doutrina

Pertencem à produção de Francisco José Freire, apelidado de Cândido Lusitano (1719-1773), um membro muito ativo da Arcádia Lusitana<sup>48</sup>, as duas tragédias que nos propomos editar e analisar neste volume, mantidas inéditas a par de outras cinco na sua quase totalidade inspiradas em Eurípides<sup>49</sup>. Do seu entusiasmo pela tarefa de

---

<sup>45</sup> Também anos mais tarde, já no séc. XIX, dentro da chamada Nova Arcádia, Lima Leitão e Filinto Elísio produziram traduções de uma versão influente do mito de Ifigénia, a de Racine.

<sup>46</sup> Cf. Müller 2015: 15-16.

<sup>47</sup> Bernardes, Silva, Brasete 2020.

<sup>48</sup> Sobre a importância da atividade de Cândido Lusitano, escreve Correia 2007: 11: “Oratoriano convicto, empenhou-se em missões pedagógicas que cobriam áreas temáticas diversas como a poética, a oratória, a epistolografia, entre outras. O seu empenho na divulgação das ideias estéticas neoclássicas em Portugal, na sua vertente literária, tornou-o numa das mais proeminentes figuras da época. À poética e à retórica dedicou, de forma incansável, a sua vida, sempre no âmbito pedagógico de difusão dos valores estéticos neoclássicos”.

<sup>49</sup> São sete as tragédias gregas que Cândido Lusitano traduziu ou parafraseou, todas elas reunidas em manuscritos ainda inéditos e propriedade da Biblioteca Pública de Évora: *Ifigénia entre os Tauros* (Cod. CXIII), *Medeia* (Cod. CXIII – 10d), *Édipo*, *Hécuba*, *Fenícias*, *Hércules* e *Ifigénia em Áulide* (todas elas no Cod. CXIII d). Parece também útil

“tradução” e seus objetivos falam algumas considerações introdutórias contidas no mesmo manuscrito:

*Em um tempo, em que a mocidade estudiosa tanto se inclina à lição da Poesia Trágica, e em que já alumiada escarnece dos miseráveis dramas, que seus pais nesciamente engrandeceram, e aplaudiram; pareceu-nos conveniente para mais a radicar no bom gosto da Tragédia, dar-lhe a ler na linguagem materna até onde chegara a perfeição do Teatro Grego. Sim, são já muitos (antes tão poucos eram!) os que sabem que Sófocles, Eurípides foram os supremos mestres da Arte Trágica.*

Estas observações revelam o propósito subjacente à tarefa de divulgar os trágicos: o de proporcionar a uma nova geração versões parafrásticas dos originais, filtradas pela capacidade da língua materna do seu tradutor e leitores para lhes exprimir a perfeição original, e não propriamente traduções estritas e menos ainda recriações. O próprio autor o reconhece ao identificá-las como “tragédias de Eurípides parafraseadas”. *Ifigénia entre os Tauros* é, no conjunto, uma produção menos bem avaliável, por se tratar de uma peça incompleta e, portanto, menos amadurecida. Mesmo assim, uma análise da

---

referir a tradução que fez da *Athalie* de Racine (1762) como testemunho do conhecimento de Cândido Lusitano em relação ao dramaturgo francês. Além desta significativa atividade como tradutor de tragédia, Cândido Lusitano foi também tradutor da *Arte Poética* de Horácio e, por sua vez, autor de uma *Arte Poética ou Regras da Verdadeira Poesia* (1748), um texto de importância para a estética neoclássica em Portugal ou, nas palavras de Müller 2015: 12, “foi o primeiro erudito e literato português que, em 1748, escreveu um código poético em língua portuguesa”. Adotava, na sua *Arte Poética*, ideias estéticas então influentes como as de Nicolas Boileau, Lodovico Antonio Muratori e Ignacio de Luzán, além dos velhos conceitos expressos por Aristóteles e Horácio nas suas *Poéticas*. Importa salientar que os primeiros 21 capítulos do segundo volume desta reflexão teórica de Cândido Lusitano são dedicados à tragédia, o que corresponde a uma atenção particular que o género lhe merecia dentro da literatura dramática e mesmo da literatura em geral. Esta obra veio a ser considerada como um código estético pelos seus parceiros da Arcádia. Uma palavra de vivo agradecimento é devida aos Senhores Diretores da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e Biblioteca Pública de Évora pela disponibilidade na obtenção e disponibilização do manuscrito, que nos permitiu levar a cabo este projeto. Grande é também a gratidão devida à Dra. Ana Inácio que se prontificou a fazer a transcrição do manuscrito.

metade produzida testemunha que o texto não se afasta da mesma índole parafrástica das restantes versões.

Além da importância de facultar a um leitor erudito e com interesses culturais, que se deseja cada vez mais alargado, uma versão acessível, como uma missão da tradução defendida por Francisco José Freire, uma palavra será ainda devida ao critério ou estilo de texto a praticar. Tudo em nome de um propósito maior, como resulta de afirmações feitas por Santos<sup>50</sup>:

*Essas traduções representam, no entanto, um contributo importante para a História da Literatura Portuguesa. Imagem da descoberta dos movimentos literários franceses, essas traduções que, muitas vezes, são adaptações ao gosto do público lisboeta, constituem uma apologia de novas estéticas literárias em nome das quais se pretende apresentar e consolidar uma reforma do teatro nacional.*

Apesar de sugeridas pela tradução para português de originais franceses, estas considerações não perdem pertinência quando se trata de versões dos clássicos intermediadas por autores com a mesma origem. É também relevante observar, a partir de meados do séc. XVIII, a coincidência entre a intensificação de traduções, em Portugal, de originais dramáticos em língua francesa e a prática específica desse processo dentro da Arcádia Lusitana no que diz respeito a originais greco-latinos. A este propósito reconhece Teófilo Braga<sup>51</sup>:

*Assim, neste século começámos por imitar as comédias espanholas, (...); entregámo-nos à fascinação das Óperas italianas; (...) por fim, veio a imponente reacção clássica da Arcádia, que condenou o teatro inglês e espanhol, não acreditou noutra dogma além da Poética de Aristóteles, e noutras realizações a não serem as tragédias francesas da corte de Luís XIV.*

A polémica suscitada pela técnica da tradução levou, durante os séc. XVII e XVIII, ao confronto entre os que defendiam o tradutor/fiel copiadador de um original, perante os que admitiam ou recomendavam maior liberdade de expressão<sup>52</sup>. Poderá ser interessante

---

<sup>50</sup> 2003: 495.

<sup>51</sup> 1871: VII.

<sup>52</sup> Cf. Aquino Corrêa 2002: 16-23 a propósito das reflexões teóricas de Cândido Lusitano sobre tradução.

registar a opinião de Cândido Lusitano nesta matéria (na introdução à sua tradução da *Arte Poética* de Horácio, 1758: XLII-XLIII), como uma declaração de princípios que irá presidir às suas traduções:

*Os primeiros querem que o Tradutor exhiba as mesmas palavras do original por conta, e os segundos por peso. Estes, para assim se defenderem do impertinente escrúpulo dos outros, tem a suprema autoridade dos dois maiores júzos da Antigüidade, Horácio na Poética e Cícero no Tratado De Optim. Gener. Orator., onde falando das Orações de Esquino e Demóstenes, que traduzira, diz assim: Traduzi-as, conservando não menos as mesmas sentenças, e diferentes formas de dizer, que as figuras; mas expliquei-me segundo o nosso costume, julgando que não era preciso traduzir palavra por palavra, bastando conservar a força, e propriedade dos termos, porque entendi que isto de traduzir não é dar ao leitor as coisas por conta, mas por peso.*

A respeito destas afirmações, conclui Aquino Corrêa<sup>53</sup>: “Para Cândido Lusitano, existem duas condições precisas para a boa tradução: fidelidade e caráter. Para ter fidelidade é preciso ciência e para ter caráter é necessário eloquência”. Por outro lado, o eterno problema do ritmo a imprimir na tradução de um texto originalmente escrito em verso leva-o a observar igualmente esta outra condição de um resultado a obter:

*... a rima é bem como as posturas no rosto das mulheres, que encobrem muitos defeitos, porém o verso solto, como não tem a que se torne para causar deleite, senão à beleza verdadeira, faz quanto pode para ter intrínseco o seu valor.*<sup>54</sup>

Este tipo de discussão, relevante perante o propósito de tornar os clássicos acessíveis numa outra época e sob uma outra língua, repercutia preocupações semelhantes ponderadas na França dos séc. XVII e XVIII. No capítulo que intitula “Breve contexto da tradução na França dos séculos XVII e XVIII”, Piucco<sup>55</sup> comenta em palavras sugestivas:

---

<sup>53</sup> 2002: 20.

<sup>54</sup> 1758: XLVII.

<sup>55</sup> 2011: 113-115. Cf. ainda Poppi 2013, e a sua observação a propósito deste período particularmente sugestivo na história da tradução, conhecido por “Les Belles Infidèles” (1625-1665), e do padrão de adaptação ou recriação adotado a partir de modelos antigos

*Essa concepção da tradução gerou em França, nos séculos XVII e XVIII, as “belas infiéis”, cuja preocupação estava no nível estético (número de palavras, beleza, estilo) e cuja principal concepção era sacrificar alguns elementos – formais ou de conteúdo – do texto original para que o texto de chegada fosse mais bem compreendido, ou apreciado, por seus contemporâneos. (...) a tradução tinha de proporcionar ao leitor a impressão semelhante à que o original teria suscitado, e a pior maneira de fazê-lo seria através da tradução literal, o que pareceria dissonante e obscuro. Segundo essa concepção, a tradução não deve absolutamente parecer uma tradução, mas uma obra natural e uma produção que pertence ao espírito da língua traduzida.*

Será então sob estas diversas perspectivas que importa considerar o resultado obtido com a tradução das duas *Ifigénias* por Cândido Lusitano.

Continua em aberto a discussão sobre o texto de base utilizado para esta ‘paráfrase’ das duas tragédias, se “o original grego, uma tradução latina ou francesa”<sup>56</sup>. Ainda assim, a menção a diversas traduções francesas (de Brumoy, Dacier, Gravino, entre outros) poderá constituir um incentivo para a opção por um desses intermediários.

### **2.3. Cândido Lusitano, Ifigénia: percurso de um mito**

Reconhecida a intervenção de influências intermediárias num certo fulgor que envolveu o mito de Ifigénia na produção dos Arcades, importa considerar o contexto da receção que justifica essa preferência.

Parece evidente a assimetria no interesse produzido pelas duas versões que Eurípides, o texto de base para as “traduções” de Cândido Lusitano, dedicou a Ifigénia: *Ifigénia*

---

(37-8): “pode-se afirmar que a tradução não era a prática que hoje conhecemos, o que a faz adquirir um carácter totalmente específico e contextualizado, o carácter de adaptação e recriação a partir dos modelos antigos, ressaltando os conceitos de fidelidade estilística e equivalência de efeitos”.

<sup>56</sup> Rocha Pereira 1985: 103. A tradução de Brumoy, *Le théâtre des Grecs*, publicada em Paris, em 1730, parece ter gozado de bastante popularidade. Tê-la-á usado Almeida Garrett para uma tradução que iniciou de *Ifigénia entre os Tauros*, em 1816 (cf. Rocha 1949: 11-19).

*entre os Tauros e Ifigénia em Áulis*. Na própria transmissão das peças do trágico grego, a *Ifigénia entre os Tauros* não se contava entre as dez selecionadas como matéria de estudo e de difusão. A sua transmissão dependeu por isso de um único manuscrito, o que naturalmente terá criado algumas dificuldades de acesso. No entanto, dentro dos movimentos imperialistas e colonialistas do Renascimento, que abriram caminho a mundos desconhecidos, exóticos e selvagens, a aventura de dois jovens heróis pelas paragens distantes da Táurica obteve uma justificada visibilidade.

O inventário que procurámos traçar da receção do mito na Arcádia Lusitana segue a tendência geral para colocar a segunda das duas produções euripidianas – *Ifigénia em Áulis* – em clara vantagem. Talvez esse mesmo menor interesse pela primeira das duas *Ifigénias* gregas tenha sido o responsável pelo abandono, por parte do nosso autor, da tarefa de tradução de *Ifigénia entre os Tauros* a meio.

Naturalmente que uma visão do contexto que envolveu a transmissão dos originais de Eurípides será relevante para enquadrar a recuperação das duas produções dentro da Arcádia Lusitana. O tema do exílio foi, no caso de *Ifigénia entre os Tauros*, um dos grandes catalisadores da atenção sobre a peça, a partir de Ovídio (cf. *Tr.* 4.4.59-88, *Pont.* 3.2.39-102), através do Renascimento e até ao séc. XVIII<sup>57</sup>. A divulgação da peça após uma primeira edição nos tempos modernos, em 1503, disponibilizou-a para ser lida de acordo com outros critérios. Assim, um outro tópico de grande visibilidade no original grego – o confronto entre Gregos e Bárbaros – converteu-se num símbolo adequado a exprimir novos confrontos com a mesma profundidade cultural, como é o caso da divergência entre o pensamento religioso de cristãos e otomanos. Desta corrente interpretativa pode ser exemplo *L'Oreste* (1520)<sup>58</sup>, do poeta italiano Giovanni di Bernardo Rucellai (Florença, 1475-1525) que veio a ser um texto influente nas leituras posteriores da peça. Orestes é, na produção italiana, cristianizado, enquanto em Toas são acentuados os traços de selvajaria, compatíveis com uma violência atribuída aos Otomanos e aos Romanos perseguidores dos cristãos. Tal como Rucellai, Cândido Lusitano procurou obedecer a padrões literários então em voga, que Mills<sup>59</sup>, a propósito da versão italiana, descreve nestes termos: “É muito mais longa do que a peça de Eurípides, devido ao gosto renascentista para ampliar cenas curtas da tragédia grega com grande retórica”.

Outros motivos igualmente visíveis no modelo grego deixaram a sua marca em diversas recriações do séc. XVIII. O exotismo do cenário, as emoções e perigos experimentados pelas personagens, as relações entre o humano e o divino, o *happy end* conseguido pela

---

<sup>57</sup> Sobre a receção de *Ifigénia entre os Tauros*, vide Mills 2015.

<sup>58</sup> Mills 2015: 262.

<sup>59</sup> 2015: 262.

finura de espírito sobre a brutalidade marcaram esta nova fase no processo de receção. Também a esta perspectiva, as produções francesas, cuja influência no séc. XVIII português será sempre de sublinhar, conferiram visibilidade. Curiosamente, Jean Racine projetou um tratamento do episódio da Táurica (c. 1670), que deixou muito incompleto (um esquema do Primeiro Ato é tudo o que sobreviveu). Um dado saliente no dramaturgo francês não colheu o interesse da versão portuguesa como a temos: o elemento romântico, traduzido na paixão do filho do rei bárbaro por Ifigénia. Mills<sup>60</sup> valoriza ainda duas outras produções com a mesma proveniência: a de François Joseph de Lagrange-Chancel, *Oreste et Pilade ou Iphigénie en Tauride* (1697) e a de Claude Guimond de la Touche, *Iphigénie en Tauride* (1757), esta última traduzida para português no período de 1800-1837<sup>61</sup>. Lagrange-Chancel sublinhou em particular dois motivos: a *philia* que une os dois jovens – Orestes e Píades –, que sugere ao filho de Estrófio a ideia de declarar ser Orestes para salvar o amigo do sacrifício; e a violência do ritual que, neste caso e ao contrário de Eurípides, Ifigénia assume por suas próprias mãos. Quanto à criação de Guimond de la Touche, mantendo o protagonismo de Ifigénia – neste caso horrorizada com a violência de que está encarregada e em dificuldade para conciliar a aspiração por uma ética divina com a realidade que a cerca - e o traçado convencional do enredo, inova em vários aspetos, de que talvez seja de destacar a vinda, em separado, de Orestes e Píades e a morte de Toas. Anos mais tarde, em 1757, outro dramaturgo francês, Jean Baptiste-Claude Vaubertrand, na sua *Iphigénie en Tauride*, inova em matéria religiosa, de resto seguindo uma tendência coetânea para aligeirar responsabilidades divinas nos acontecimentos, fazendo avultar as iniciativas dos homens. Vaubertrand vai mesmo mais longe e retira os deuses por completo da ação. O sacrifício humano, nesta versão, serve de arma política, usada como ameaça pelo tirano Toas para agrilhoar o povo à sua autoridade. De resto, a selvajaria tende a ser confundida com tirania; não é tanto a barbárie de um coletivo o que fica em evidência, mas a violência do seu governante.

Em contrapartida, *Ifigénia em Áulis* foi sempre um texto muito popular, como é abonado pela transmissão que a peça foi conhecendo ao longo dos tempos. Foi também em 1503 que a edição Aldina das dezassete peças de Eurípides trouxe a criação do poeta ao convívio de novas audiências. Nos anos subsequentes, a *Ifigénia em Áulis* conheceu várias traduções: a de Erasmo, em 1506, para latim, a de Ludovico Dolce (1543-1547) para italiano, e a de Jean Rotrou (1640) para francês.

Após esta fase essencial para a divulgação da tragédia, a influência mais relevante na sua recriação em tempos modernos foi sem dúvida a tragédia de Jean Racine intitulada

---

<sup>60</sup> 2015: 264.

<sup>61</sup> Santos 2003: 497.

*Iphigénie* (1674), que, depois de estreada em Versailles, na corte de Louis XIV, em comemoração de uma vitória militar, circulou, ainda no séc. XVII, em Portugal, onde conheceu as traduções portuguesas acima referidas. Talvez a maior novidade introduzida por Racine seja a trama amorosa que se desenvolve a partir do motivo das bodas de Ifigénia com Aquiles, no original grego apenas um logro para atrair a vítima a Áulis. O facto de existir uma vítima alternativa – Erífile, filha de Helena e Teseu – que o filho de Peleu, depois de a capturar em Lesbos, entrega a Ifigénia como uma espécie de presente de noivado, suscita um conflito de paixões: porque Aquiles e Ifigénia amam-se e Erífile passa a ser uma rival ao amor do Pelida. Amor que não é suficiente para desviar Ifigénia do objetivo que a caracteriza, o de voluntariamente oferecer a vida por um valor patriótico maior. No entanto, em vez da corça que na tradição substituía a vítima no altar, em Racine a deusa antecipa-se a definir a sua preferência por Erífile como vítima, poupando assim a vida de Ifigénia. Deste modo, os tradicionais conflitos na casa do Atrida são substituídos pela pacificação entre os membros de uma família enfim reunida.

Curiosamente, Manuel de Figueiredo, também ele “tradutor” de *Ifigénia em Áulis*, tece críticas às opções de Racine procurando salvaguardar traços do original grego que pareciam mais confluentes com os da própria Arcádia. Traços esses que coincidem com as preferências de Cândido Lusitano. Assim, opções como “a imitação da verdade, da natureza (o que era, como se sabe, um dos princípios do Neo-classicismo); a honrosa luta da religião com a paixão; o heroísmo, que paira muito alto, acima do amor das pessoas”<sup>62</sup>, são entendidos como mais valiosos do que tramas amorosas, por exemplo, em que Racine tinha investido como forma de excluir a morte da heroína. Mesmo se críticas, estas observações dão testemunho da importância que o intermediário francês teve no regresso ao mito de Ifigénia dentro da Arcádia Lusitana.

### 3. ESPECIFICIDADES (E AUSÊNCIA DELAS) DAS VERSÕES DE CÂNDIDO LUSITANO

#### 3.1 *Ifigénia em Áulide*

De um modo geral, no que a *Ifigénia em Áulide* diz respeito, Cândido Lusitano segue *pari passu* o texto de Eurípides, independentemente da versão de base, se a grega

---

<sup>62</sup> Rocha Pereira 1985: 108.

se outra numa língua vernácula, reservando pouca margem para a recriação própria. Como já se referiu, trata-se, essencialmente, de uma paráfrase. Por vezes, a apresentação do texto português fica inclusive quase “colada” ao original grego, no que à ordem das palavras diz respeito, o que acaba por soar pouco familiar aos leitores do século XXI. Estas práticas confirmam o que outros investigadores disseram já acerca do rigor do tradutor português, assim como do respeito pela obra dos Antigos e da manutenção dos princípios aristotélico-horacianos, particularmente visíveis no seu trabalho de tradução dos trágicos da Antiguidade<sup>63</sup>. As poucas inovações que se detetam nesta tradução dizem respeito a alguns aspetos convencionais, como o facto de usar designações latinas para os deuses, todavia, gregos. Assim, lá encontramos “Diana” em vez de “Ártemis” (e.g. vv. 109, 219, 464, 592, 747, 1307, 1646, 1767 da tradução portuguesa), “Jove” em vez de “Zeus” (e.g. vv. 702, 1032, 1039, 1165, 1578), “Vénus” em vez de “Afrodite” (vv. 215, 1719), “Juno” em vez de “Hera” (v. 218) ou “Marte” e “Vulcano” em vez de “Ares” e “Hefesto” (vv. 237, 1141, 1152, 1610), por exemplo. Esta convenção, porém, remontava pelo menos ao Renascimento e também não é uma inovação de Cândido Lusitano.

Por vezes, talvez de modo a aliviar o texto de nomes demasiado estranhos a uma audiência portuguesa, Cândido Lusitano omite topónimos, como a Ftia ou a Eubeia referidas por Eurípides em falas atribuídas a Agamémnon (vv. 103, 120). Mas não podemos afirmar que essa seja uma opção diretora da tradução de Cândido Lusitano, uma vez que noutros passos, ricos em topónimos, teónimos e outros nomes menos familiares a uma eventual plateia lusa, essas denominações mantêm-se (e.g. o párodo, vv. 198-350, ou a fala do Coro nos vv. 1559-1626, da tradução portuguesa).

Noutros casos, o tradutor opta por usar perífrases explicativas, que ao mesmo tempo funcionam como uma exegese do texto. Assim, o passo em que Eurípides se refere às “muralhas dos Ciclopes” (v. 152) é vertido pelo tradutor português como “pátria Argos” (v. 188). Noutros exemplos ainda, a versão portuguesa oferece sinónimos ou conceitos afins do que se lê no texto grego, como “Teucros” (v. 988) em vez de “Frígios” (E. *IA* 672), “Gregos” (v. 1092) em vez de “Dánaos” (E. *IA* 729) ou “Manes” (v. 1915) em vez de “Hades” (E. *IA* 1278).

Há, no entanto, diferenças na tradução de Cândido Lusitano que muito provavelmente se explicam pela evolução da investigação filológica, que ao longo do tempo tem analisado os textos antigos, originando novas lições, na sequência de mais exercícios comparativos entre manuscritos, de releituras dos originais ou até de descobertas papirológicas recentes. Assim, verificam-se por vezes falas cuja atribuição se altera, reordenando e redistribuindo o texto pelas personagens, processos de assimilação e

---

<sup>63</sup> E.g. Teixeira 2012: 81-82.

de fusão de intervenções ou até de manutenção de versos, entretanto atetizados. Estes são, no entanto, casos esporádicos e nada que implique um reentendimento ou reinterpretção do texto de base<sup>64</sup>. Também são poucos, ainda que presentes, os casos de encurtamento do texto original<sup>65</sup>. De resto, Cândido Lusitano é cuidadoso na sua versão do texto euripídico (como mostram as didascálias incluídas ao longo da tradução), aplicando uma linguagem elevada e sublimada, como convém a uma tragédia, e optando pela apresentação em verso.

Na versão portuguesa, o lugar e o tempo da ação e as personagens mantêm-se, naturalmente, inclusive ao nível da caracterização psicológica para elas criada por Eurípides. Agamémnon continua a ser o chefe cujo ânimo se divide pela dor da inevitabilidade do sacrifício da filha a Ártemis e a necessidade de manter a satisfação e a aprovação dos exércitos que comanda. Acima de tudo, Agamémnon parece temer os seus homens, dos soldados aos chefes seus pares. De igual modo, mantêm-se aqui a Grécia e o que ela representa como causa última que merece qualquer sacrifício dos Gregos, cabendo a Agamémnon geri-lo. Como na versão original, o protagonismo inicial de Agamémnon acaba por ser mitigado com a emergência da figura de Ifigénia. Primeiro o choque, depois a resignação. Assim se define o percurso de Ifigénia em Eurípides como em Cândido Lusitano. Como tal, as críticas de Aristóteles ao caráter pouco convincente de uma Ifigénia volúvel poderiam manter-se relativamente à sua versão árcade (cf. *Po.* 1454a30-32).

A humanidade das personagens desta tragédia de Eurípides, com todas as suas qualidades e os seus defeitos, tem sido particularmente salientada pelos que a estudaram<sup>66</sup>. Menelau e Aquiles são talvez os dois exemplos mais referidos, quer pelo caráter que apresentam na economia da peça, quer pelo contraste (sobretudo no caso de Aquiles) que revelam quando comparados com outras composições, tanto trágicas como épicas. Com efeito, também o Menelau e o Aquiles de Cândido Lusitano são homens. Um essencialmente egocêntrico e maquiavélico, ainda que certo das suas convicções: o caso de Menelau; e outro frágil e inseguro, como se mostra Aquiles. Estes são, contudo, traços que herdaram do seu criador original. Essa caracterização de Aquiles não invalida, porém, que, juntamente com Ifigénia, o rei dos Mirmídones perfaça uma espécie de

---

<sup>64</sup> Cf. e.g. a versão de Cândido Lusitano vv. 705-715 com E. *IA* 506-513; vv. 907-918 com E. *IA* 638-639; vv. 945-958 com E. *IA* 662-658; vv. 1258-1259 com E. *IA* 863; vv. 1659-1662 com E. *IA* 1124-1126; vv. 2219-2222 com E. *IA* 1500-1504.

<sup>65</sup> Cf. a versão de Cândido Lusitano vv. 1916-1927, 1933-1934 (em que o coro se apropria de parte da fala agora atribuída a Ifigénia, vv. 1928-1932) com E. *IA* 1279-1335.

<sup>66</sup> E.g. Almeida & Silva 1998: 39.

malogrado par amoroso, que virá a desenvolver-se em géneros dramáticos e narrativos posteriores como a comédia nova e o romance.

Quanto a Clitemnestra, uma das grandes criações da dramaturgia grega, aparece em Cândido Lusitano como em Eurípides sob uma fórmula ambígua. Não podemos deixar de voltar a citar a definição proposta por Conacher há já mais de cinquenta anos, e várias vezes referida por outros investigadores depois dele, segundo a qual a rainha de Argos é nesta tragédia apresentada como uma divertida mistura de “grande dame” com “femme de ménage”<sup>67</sup>. Com efeito, o carácter da rainha oscila entre o de uma grande mulher e mãe que se vê confrontada com a perda iminente da filha para um sacrifício por uma guerra que não é sua, nem quer que seja, e o de uma mulher mesquinha que se compraz com a linhagem elevada do futuro genro. Cremos poder dizer, no entanto, que também essa ambiguidade faz parte da grandeza da construção desta personagem ímpar do património do imaginário ocidental.

Já o velho servo e o mensageiro (não se distingue se há um ou dois mensageiros distintos, como acontece no original grego) correspondem às personagens-tipo equivalentes de Eurípides, assumindo funções de correlação dos caracteres e da ação, contribuindo para o desenrolar e concretização desta. Cândido Lusitano reproduz as suas funções na versão portuguesa.

Por fim, o Coro. Constituído por um grupo de mulheres de Cálcis, o coro reassume em Cândido Lusitano as funções de enquadrar a ação, fornecendo à audiência pormenores que permitem uma compreensão mais ampla do que vemos em palco, trazendo à colação episódios mitológicos não vistos, mas pertinentes para o entendimento do enredo, e funcionando como personagem de interação e comentário do que se vai passando em cena. Neste sentido, Ifigénia é uma interlocutora privilegiada do Coro, sendo a este que ela se dirige em momentos de tensão ou de expansão do seu carácter. Por norma, e como é compreensível, pertencem ao Coro as intervenções mais ricas em nomes e informações que ultrapassam o argumento de base e imediato da peça.

### 3.2 *Ifigénia entre os Tauros*

Quanto à versão da *Ifigénia entre os Tauros*, Cândido Lusitano mantém a mesma filosofia, preservando o espírito de paráfrase e seguindo, no geral, o texto de Eurípides. Há, todavia, que salientar que a versão portuguesa desta peça nos

---

<sup>67</sup>

Conacher 1967: 259; cf. Almeida & Silva 1998: 41.

chegou incompleta (desconhecemos se Cândido Lusitano não a traduziu na íntegra, se uma eventual tradução por ele feita se perdeu). A tradução de Cândido Lusitano termina no verso 1136 do texto grego, o qual corresponde ao verso 1871 da versão portuguesa. Assim, deixamos de ter vertido para o vernáculo o resto da intervenção do Coro abrangida pela interrupção (E. *IT* 1137-1150); a entrada de Toas, o rei dos Tauros, em cena e o seu diálogo com o Coro, primeiro, e com Ifigénia, depois (1151-1222); a saída de Orestes e Pílates, que amarrados são levados para o alegado sacrifício, enquanto o Coro faz uma segunda intervenção (1223-1284); a entrada do Mensageiro, que narra o êxito da fuga dos irmãos e mantém depois um diálogo com Toas, que se inteira de tudo o que aconteceu (1281-1434); e a intervenção final, *ex machina*, de Atena, que anuncia a fundação do culto de Ártemis Taurópola (1435-1496).

A linha e o método de tradução desta peça são idênticos ao que Cândido Lusitano utiliza em *Ifigénia em Áulide*, mantendo-se a opção pelos nomes latinos das divindades gregas, como “Diana” em vez de “Ártemis” (e.g. vv. 14, 21, 37, 91, 103, 118, 175, 327, 380, da versão portuguesa), “Júpiter” ou “Jove” em vez de “Zeus” (vv. 660, 694, 1255, 1564 e 1813), “Marte” em vez de “Ares” (v. 1563) ou “Baco” (ainda que esta seja também uma forma grega, contudo, muito difundida e reconhecida na cultura romana) em vez de “Dioniso” (vv. 306, 1578, 1591).

De igual modo, nesta versão encontramos as perífrases explicativas ou o recurso a sinónimos ou equivalentes de nomes gregos, de modo a tornar o texto mais acessível à audiência portuguesa. Assim, também aqui vemos praticada a substituição do eurípidiano “Febo” (vv. 76, 723, 937) por um lusitano “Apolo” (vv. 107, 1206, 1552). Na mesma linha, vem a substituição das “Erínias” (E. *IT* 933) pelo “Cocito” (v. 1539), um dos rios infernais, quer na tradição helénica quer na latina. Neste último caso, apesar da disparidade de figuras mencionadas, mantém-se o ambiente associado ao mundo dos mortos. Ou a versão em síntese, que em vez de traduzir literalmente o que lemos em Eurípides (v. 395, “onde o moscardo que voou de Argos atravessou o mar inóspito trocando a Europa pela terra da Ásia”), traduz “mares já notos de Io fugitiva” (v. 705-706), funcionando assim como hermenêutica do texto original.

Eventualmente pelas mesmas razões antes evocadas, Cândido Lusitano introduz alterações mínimas quanto ao texto grego original. Por vezes, e.g., amplifica a versão ao nível da tradução, de uma forma que parece ter como objetivo apenas dar-lhe mais sentido (com efeito, há que levar em conta o carácter sintético da língua grega, que não raramente exige ao tradutor o recurso a perífrases explicativas, tal como a ausência de didascálias que orientem o leitor/auditor nos textos originais). Assim parece acontecer com uma fala do coro no verso 1212 e com outra de Ifigénia no verso 1519, que sugerem

estar ali apenas para compor a versão portuguesa<sup>68</sup>. De qualquer modo, também neste caso devemos levar em conta a história da fixação do texto, sendo que uma análise cabal do processo de tradução de Cândido Lusitano só poderá ser concretizada com conhecimento da lição por ele usada para esse efeito, o que o estado atual da investigação não permite fazer. Tal como assinalámos relativamente a *Ifigénia em Áulis*, também para esta tragédia há que contar com a história filológica do texto de base, que em alguns casos rearrumou e redistribuiu as falas pelas personagens intervenientes e reconstruiu passos. Isso também deverá explicar algumas das ligeiras diferenças entre o que lemos na tradução de Cândido Lusitano e as versões textuais contemporâneas da tragédia<sup>69</sup>.

É de assinalar o modo como Lusitano mantém o tom cómico e humorístico que lemos no texto original de Eurípides. Referimo-nos ao momento em que Ifigénia pede a Píades que entregue uma carta sua ao irmão Orestes (alegradamente em Argos). O primo de ambos anui e fá-lo, mas deslocando-se apenas alguns passos e passando de imediato a missiva ao destinatário com as seguintes palavras:

*Em virtude do estreito juramento,  
Com pasmo verás como ligeiro  
Desato o sacro nó e entrego a carta.  
E tu da obrigação também te livras.  
Esta estimável carta aqui te entrego,  
Que tua irmã te manda, amigo Orestes. (vv. 1328-1333, cf. E.  
IT 788-791).*

Por fim, ao nível das inovações mais significativas, note-se que Cândido Lusitano altera o lugar da morte de Calcas. Eurípides conta que o sacerdote que teria estado encarregado do sacrifício de Ifigénia em Áulis teria morrido em Micenas (v. 531). Cândido Lusitano, porém, diz na sua tradução que o sacerdote teria morrido em Troia (vv. 873-875). As razões da mudança não nos ficam claras e, uma vez mais, talvez tenham também que ver com o processo de fixação do texto original e com a lição consultada pelo português. Igualmente pouco clara é a opção de tradução que lemos nos versos 1242-1244:

---

<sup>68</sup> Vide também vv. 1759-1766, em que lemos uma amplificação da fala de Ifigénia, que inclui a fusão de uma outra atribuída por Eurípides a Orestes. Cf. com E. IT 1047.

<sup>69</sup> A este propósito, vide e.g. vv. 174-186 da versão portuguesa e E. IT 127-143; vv. 455-465 e E. IT 752757; vv. 948-955 e E. IT 570-575; vv. 1345-1347 e E. IT 798-799; vv. 1407-1414 e E. IT 834-840; vv. 1760-1774 e E. IT 1040-1051.

*Orestes*  
*Pílades, jura.*

*Pílades*  
*Pois eu sou? ...*

*Orestes*  
*O tempo*  
*Não é para disputas amorosas.*  
*Lembra-te do que já nisso altercamos.*

*Pílades*  
*Já que é forçoso, <esta incumbência aceito.*

Este é o momento em que Ifigénia e Orestes, ainda sem saber que são irmãos, se comprometem a cumprir o prometido um ao outro e envolvem o primo Pílades nos juramentos que então fazem. Ifigénia pede que Pílades jure pelos deuses que entregará a sua missiva ao irmão, que ela pensa estar em Argos. Pílades resiste, porque não quer abandonar Orestes à sua sorte, na Táurica. Mas Orestes convence-o de que isso é o certo a fazer (E. *IT* 742-745). A fórmula encontrada por Cândido Lusitano é estranha e pouco adequada ao que lemos no texto grego. Uma vez mais, não é impossível que tenha que ver com a versão grega a que ele teve acesso. Mas, os versos “Não é para disputas amorosas. / Lembra-te do que já nisso altercamos” levam-nos a considerar uma representação da relação entre Orestes e Pílades de eventual teor homoerótico. Esta não é uma novidade para a exegese antiga e contemporânea, como mostram tanto os textos antigos, como os estudos e análises a eles dedicados<sup>70</sup>, como a receção do tema em autores contemporâneos<sup>71</sup>. Mas a verificar-se a nossa hipótese e a confirmar-se a presença do tema em Cândido Lusitano, essa sim, seria uma inovação assinalável para a época e para o seu contexto.

---

<sup>70</sup> Vide e.g. Lucianus, *Am.* 47. Pode ler-se um debate da questão em Rabinowitz 2020: 307, com mais bibliografia citada.

<sup>71</sup> A título de exemplo, citamos a presença do tema no conto *Pílades e Orestes* de Machado de Assis (1906), na peça *Electre ou la Chute des Masques* de Marguerite Yourcenar (1944) e na peça *Pilade* de Pier Paolo Pasolini (1967). Sobre estes textos, vide e.g. Silva & Rosito 2016; Richard 2012; Barcellona 2010: 117.

Seguindo de perto Eurípides, a ação (tempo e lugar) e as personagens da *Ifigénia entre os Tauros* de Cândido Lusitano ressoam de perto também as caracterizações gregas antigas. Como assinalámos num outro ensaio introdutório, a melhor definição de Ifigénia, a protagonista desta peça, é a que se faz pela sua própria boca, ao se dizer “solteira, sem filhos, sem pátria, sem amigos” (*agamos, ateknos, apolis, aphilos*, E. *IT* 219-220). O tradutor português recupera esta enumeração, ao escrever:

*Sem filhos, sem lar pátrio,  
Sem parentes, sem povo que me estime* (vv. 369-370).

Também esta Ifigénia falante de português lamenta não ser o que seria suposto uma mulher do seu tempo e da sua idade ser, mas com alguma variação: o casamento é agora secundarizado, valorizando-se antes a relação de parentesco, seja ela qual for, assim como a identidade de pertença a um povo, mais importante do que qualquer tipo de *philia*. Ainda assim, não cremos que estas variações traduzam uma conceção em especial, antes parecem corresponder a uma sonoridade a alcançar na língua de tradução. Seja como for, esta Ifigénia continua a ser o centro da peça, uma mulher de força e de engenho, capaz de tomar as rédeas do decurso dos acontecimentos.

Já Orestes mantém alguma da sua insegurança original, parecendo necessitar sempre do pilar que Pílates para ele representa. O centro do reconhecimento e o motor das decisões de Ifigénia é Orestes, evidentemente. Mas ele segue sempre o plano gizado pela irmã, praticamente sem o questionar. No que diz respeito a Pílates, o primo dos Atridas continua a ser o fiel companheiro de Orestes, tal como na tradição antiga, havendo inclusive margem para se insinuar a possibilidade da relação homoerótica entre ambos. Mas, como assinalámos, essa é uma questão escorregadia e pouco concreta, em termos de base para conclusão, pelo que a deixamos em aberto. De qualquer modo, Pílates mantém aqui a prerrogativa de trazer para cena algum humor, tal como acontece no drama antigo.

Dado o carácter incompleto da tradução, as figuras de Toas, do mensageiro e de Atena estão ausentes da versão portuguesa. Quanto ao pastor (que no original grego é especificamente um boieiro, *boukolos*), reproduz a função que já tem no texto euripídiano.

Finalmente, o Coro. Tal como em Eurípides, este é constituído por mulheres servas e a sua função essencial é interagir com Ifigénia, proporcionando-lhe momentos de desabafo, confissão e debate. Sendo mulheres e prisioneiras, as figuras do Coro são também o reflexo e espelho de Ifigénia e, sobretudo, suas cúmplices e confidentes. Excluídas da cena central do reconhecimento dos dois irmãos, essas figuras cedem a posição de protagonismo a Ifigénia, confirmando esse papel para a Atrida. A ausência

do final da peça em português poderá levantar questões quanto a saber se esse papel se confirmaria ou não. Mas nada nos permite questionar que ele não se manteria tal como no original de Eurípides.

#### 4. SOBRE A LEITURA PALEOGRÁFICA DAS VERSÕES DE CÂNDIDO LUSITANO

A leitura paleográfica de textos de caráter dramaturgico e de conteúdo mitológico é facilitada, a um tempo, pela cadência e pelo ritmo com que a trama se desenvolve, e igualmente pelo interesse resultante da densidade das personagens.

As versões de Cândido Lusitano sobre a figura de Ifigénia, objeto deste trabalho, apesar dos desafios colocados pela forma cursiva<sup>72</sup> da letra que o autor aplica em alguns passos, constituíram-se assim como textos cuja oportunidade de leitura e transcrição subsequente se revelou bastante agradável e cientificamente gratificante.

As peças em edição desenvolvem-se no manuscrito que lhes serve de suporte em 40 fólhos (fólio 109 a fólio 149 verso)<sup>73</sup>, correspondendo os primeiros 18 fólhos ao texto incompleto de *Ifhigénia em Tauri* e os restantes à tradução de *Iphigénia em Aulide*<sup>74</sup>. A numeração dos fólhos é feita a lápis, por mão posterior, e inscrita no canto superior direito de cada folha.

A mancha completa respeita quase sempre as margens. Não raras vezes, porém, o espaço destinado a cada uma das duas colunas em que se encontra disposto o texto é ultrapassado resultando em dimensões díspares, mas não dificultando em caso algum a leitura. Os acidentes de escrita são pouco frequentes.

A utilização de títulos destacados é praticamente inexistente. Excetuando o realce conferido ao prólogo correspondente ao ato 1º, cena 1ª de *Ifhigénia em Tauri*, a chamada

---

<sup>72</sup> O termo *cursivo* aplica-se aqui enquanto adjetivo, sinónimo de ligeireza na escrita e não como estilo de letra estudado de forma científica na Paleografia.

<sup>73</sup> Em rigor os fólhos 109 verso, 110, 110verso, 111 e 111verso encontram-se, no original, em branco, pelo que o primeiro texto se inicia no fólio 112. O título da primeira peça figura, no entanto, no fólio 109 com a menção “incompleta” entre parênteses curvos.

<sup>74</sup> Referem-se aqui os títulos conforme a sua apresentação no texto original. A primeira peça apresenta dois títulos, um primeiro no fólio 109, como referido na nota anterior, em que o nome de Ifigénia surge sem acento circunflexo e outro, no fólio 112, já escrito com acento. Na segunda peça, o acento circunflexo é novamente omisso.

quer dos atos quer das cenas, é discreta. No caso do título da segunda peça, o mesmo terá sido colocado posteriormente à escrita do fólio, dado que surge a encimá-lo, mas ao nível da referência ao ato e circundado por linhas formando, numa tentativa de individualização, um quadrado.

Ao invés, os versos relativos às falas das personagens são anunciados invariavelmente pela aposição do nome das mesmas de modo proeminente, se bem que na maior parte das vezes em forma abreviada.

Entre ambas as peças, é visível uma mudança ligeira no volume da letra, fruto certamente da alteração do instrumento de escrita utilizado, de ponta mais fina na primeira peça do que na segunda. Contudo, o manuscrito mantém ao longo dos dois textos características uniformes, tanto ao nível do traçado ou *ductus*<sup>75</sup>, quanto do ângulo<sup>76</sup>.

No contexto da escrita, não se evidencia qualquer elemento marcadamente discrepante do contexto cronológico da sua produção.

As abreviaturas são utilizadas, com relativa abundância, no nome das personagens quando usados na introdução às falas do texto, como anteriormente referido, e comuns no decorrer do mesmo, não apresentando dificuldades de desdobramento relevantes.

No início dos versos aplica-se, sem surpresa, a maiúscula. Por vezes, o seu emprego no decorrer do texto surge inusitadamente, mas de uma forma geral respeita as regras expectáveis de uma ortografia que, sabemos, até ao início do século XX, escassamente padronizada.

Também a duplicação de consoantes vai pautando o texto sem relevante consistência. A duplicação surge muitas vezes na letra *efe* e, um pouco mais raramente, na letra *ele*.

A ausência de hífen nas palavras, por exemplo quando se trata de pronomes oblíquos, parece ser o padrão utilizado, bem como a inexistência de divisão silábica, esta perfeitamente justificável pela escrita em verso.

Já a pontuação, se bem que em alguns casos de entendimento não imediato, resulta quase sempre numa leitura fluida e ritmada da obra.

Finalmente, refira-se como pormenor a aplicação indiferenciada das letras *i* e *y* e *s* e *z*.

O trabalho de leitura paleográfica decorre de forma simultânea à identificação das especificidades da escrita acima referidas e resulta na sistematização do conjunto de orientações que melhor correspondam à substituição do sistema semiótico original pelo sistema semiótico exigido pela edição textual. Assim, a transcrição paleográfica obedece a um conjunto de regras previamente estabelecidas, baseadas na sistematização

---

<sup>75</sup> O *ductus* respeita à ordem de sucessão e ao sentido do traço.

<sup>76</sup> Refere-se à relação entre traços horizontais e traços verticais.

elaborada por eminentes paleógrafos, mas sempre carecendo de adequação ao texto *em mãos*, bem como ao tipo de edição que se pretende produzir.

No caso presente, a disposição original foi respeitada, simplificando-a, contudo, pela apresentação a uma só coluna.

A ortografia foi atualizada, quer no que se refere à utilização de maiúsculas e minúsculas, quer na separação ou união de palavras, quer ainda na acentuação e nos ditongos.

As abreviaturas foram resolvidas tendo em consideração, em primeiro lugar, as formas extensas incluídas no texto e, como segunda opção, o uso da época.

Foram utilizados os parênteses retos com reticências para indicar as partes ilegíveis do texto e os colchetes para assinalar as partes de texto escritas sobre a linha ou à margem.

Apesar de Eurípides ter composto e feito estrear primeiro a sua *Ifigénia entre os Tauros* e só depois a *Ifigénia em Áulis*, optamos por apresentar as duas tragédias por ordem inversa. São duas as razões que presidem a esta nossa opção:

1ª em termos de enredo, o mito subjacente a *Ifigénia em Áulis* precede o de *Ifigénia entre os Tauros*;

2ª a versão portuguesa desta segunda tragédia está incompleta.

Ana Inácio  
Maria de Fátima Silva  
Nuno Simões Rodrigues

## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, C. A. P. de, introd. e trad., Silva, M. F., notas e rev. (21998), *Eurípides. Ifigénia em Áulide*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.
- Aquino Corrêa, R. H. (2002), “Cândido Lusitano e o discurso preliminar do tradutor”, *Terra roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários* 1: 16-23.
- Barcellona, P. (2010), *Elogio del discorso inutile. La parola gratuita*. Bari: Edizioni Dedalo.
- Bernardes, J. A., Silva, M. F., Brasete, M. F. (2020), *Francisco Dias Gomes, Duas tragédias clássicas: ‘Ifigénia’ e ‘Electra’*. Coimbra: IUC.
- Braga, T. (1871), *História do Teatro Português. III*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- Brasete, M. F. (2016), “Do mito à tragédia: uma interpretação da “Ifigénia”, de Francisco Dias (1798)”, in Silva, M. F., Fialho, M. C., Brandão, J. L. (coord.), *O Livro do Tempo: Escritas e Reescritas. Teatro Greco-Latino e sua Recepção. II*. Coimbra, IUC/Annablume: 29-41.

- Budin, S. L. (2016), *Artemis*. London/New York: Routledge.
- Canto Nieto, J. R. del (2003), *Antonino Liberal. Metamorfosis*. Madrid: Akal/Clásica.
- Carvalho, S. D. G. (2017), *Stesichorean Journeys. Myth, Performance, and Poetics*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Castro, A. P. (1997), “Freire (Francisco José)”, in *Biblos. Enciclopédia Verbo Das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa, Verbo: 698-699.
- Collard, C. and Morwood, J. (eds.) (2017), *Euripides. Iphigenia at Aulis*. Oxford: Oxford University Press.
- Conacher, D. J. (1967), *Euripidean Drama: Myth, Theme, and Structure*. Toronto: University of Toronto Press.
- Correia, A. C. (2007), *Dicionário Poético de Cândido Lusitano – edição e estudo*. Aveiro: Universidade.
- Cruz, D. I. (2001), *História do Teatro Português*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Davies, M. (2001), *The Greek Epic Cycle*. London: Duckworth.
- Dowden, K. (1989), *Death and the Maiden. Girl's Initiation Rites in Greek Mythology*. London/New York: Routledge.
- Gamel, M.-K. (2015), “Iphigenia at Aulis”, in Lauriola, R., Demetriou, K. (eds.), *Brill's Companion to the Reception of Euripides*. Leiden and Boston, Brill: 15-43.
- Garção, A. P. Correia (2019), “Teatro Novo”, in *Obras Completas*. II. Lisboa: Sá da Costa.
- Heitner, R. R. (1964), “The Iphigenia in Tauris Theme in Drama of the Eighteenth Century”, *Comparative Literature* 16.4: 289-309.
- Hörster, M. A., Verdelho, E., Verdelho, T. (2003-2006), “A tradução para português na história da língua e da cultura. Elementos para uma síntese”, *Revista Portuguesa de Filologia* 25.2: 671-724.
- Jebb, R. C. et al. (1917), *The Fragments of Sophocles*, vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jouan, F. (1966), *Euripide et les légendes des Chants Cypriens*. Paris: Les Belles Lettres.
- Kannicht, R., Snell, B. and Radt, S. (eds.) (1971-2004), *Tragicorum Graecorum Fragmenta*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Knapp, B. L. (1971), “Iphigenia”, in *Jean Racine: Mythos and Renewal in Modern Theater*. Alabama, The University of Alabama Press: 151-165.
- Larson, J. (1995), *Greek Heroine Cults*. Madison: The University of Wisconsin Press.
- Lefteratou, A. (2018), *Mythological Narratives. The Bold and Faithful Heroines of the Greek Novel*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH.
- Liabenow, A. (2014), “The Significance of the Numbers Three, Four, and Seven in Fairy Tales, Folklore, and Mythology”, *Honors Projects* 418: 1-27.
- Lloyd-Jones, H. (1983), “Artemis and Iphigenia”, *Journal of Hellenic Studies* 103: 87-102.

- Lusitano, C. (1758), *Arte Poética de Q. Horacio Flacco*. Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- Merkelbach, R. & West, M. L. (1967), *Fragmenta Hesiodica*. Oxonii: e Typographeo Clarendoniano.
- Mills, S. (2015), “Iphigenia in Tauris”, in Lauriola, R., Demetriou, K. (eds.), *Brill’s Companion to the Reception of Euripides*. Leiden and Boston, Brill: 259-91.
- Müller, C. (2015), “Teoria e práxis do teatro na *Arcádia Lusitana*”, in Müller, Neumann (eds.): 11-20.
- Müller, C., Neumann, M. (eds.) (2015), *O Teatro em Portugal nos Séculos XVIII e XIX*. Lisboa, Berlim: Edições Colibri, Instituto Ibero-Americano.
- Piucco, N. (2011), “Anne Dacier, a tradutora francesa dos clássicos gregos e latinos”, *Via Litterae* 3.1: 111-24.
- Poppi, C. (2013), “Século XVII na França: Les Belles Infidèles, Racine e o modelo dos clássicos antigos”, *Nonplus* 3: 29-43.
- Rabinowitz, N. S. (2020), “Iphigenia among the Taurians”, in A. Markantonatos ed., *Brill’s Companion to Euripides*, vol. 1. Leiden and Boston, Brill: 299-319.
- Rebello, L. F. (1991), *História do Teatro*. Lisboa: INCM.
- Rebello, A. M. R. (1992), *Mito e culto de Ifigénia Táurica*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Richard, C. (2012), *Métamorphoses d’Électre, d’Eugene O’Neill a Marguerite Yourcenar*. San José: Diss. San José State University.
- Rincón Sanchez, F. M. (2009), *Higino. Fábulas Mitológicas*. Madrid: Alianza Editorial.
- Rocha Pereira, M. H. (1985), “A apreciação dos trágicos gregos pelos poetas e teorizadores portugueses do séc. XVIII”, in *Ensaios de Literatura e Filologia*. 5. Belo Horizonte, UFMG/PROED: 93-112.
- Rocha, A. C. (1949), *O teatro inédito de Garrett*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Rodrigues, N. S. (2015), *Eurípides. Ifigénia entre os Tauros*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Santos, A. C. (2003), “A tradução do teatro em Portugal nos séculos XVIII e XIX: o caso da dramaturgia francesa”, in Muñoz Martín, R. (ed.), *AIETI. Actas del Primer Congreso Internacional de la Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación*. I. Granada, AIETI: 495-505.
- Séchan, L. (1967), *Études sur la Tragédie Grecque dans ses rapports avec la céramique*. Paris: Lib. Honoré Champion, Éditeur.
- Silva, L. M. & Rosito, V. (2016), “O legado homoerótico em Machado de Assis”, *Revista África e Africanidades* 9.22: 1-20.
- Silva, M. F. (2022), *Pausânias. Descrição da Grécia. Livro I*. Coimbra: IUC.
- Storey, I. C. and Allan, A. (2005), *A Guide to Ancient Greek Drama*. Oxford: Blackwell Publishing.

- Taplin, O. (2007), *Pots and Plays: Interactions between Greek Tragedy and Vase Painting of the Fourth Century BC*. Los Angeles: J. Paul Getty Museum.
- Teixeira, C. (2012), “Cândido Lusitano: considerações introdutórias às traduções de *Édipo* (Sófocles e Séneca) e de *Medeia* (Eurípides e Séneca) no ms. CXIII/1-1-d. da BPE”, in C. Pimentel & P. Morão (coords.), *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura: uma (re)visão da literatura portuguesa das origens à contemporaneidade*. Lisboa, Campo da Comunicação: 81-90.
- Thorau, H. (2015), “Teoria ao palco! O divertidíssimo *Teatro Novo* de Correia Garção, 1766”, in Müller, Neumann (eds.): 21-37.
- Trendall, A. W. and Webster, T. B. L. (1971), *Illustrations of Greek Drama*. London: Praeger Publishers.
- West, M. L. (2003), *Greek Epic Fragments. From the Seventh to the Fifth Centuries B.C.* London / Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Wright, M. (2005), *Eurípides’ Escape-Tragedies. A Study of Helen, Andromeda, and Iphigenia among the Taurians*. Oxford: University Press.
- Wright, M. (2016), *The Lost Plays of Greek Tragedy – vol. 1, Neglected Authors*. London: Bloomsbury Academic.
- Wright, M. (2019), *The Lost Plays of Greek Tragedy – vol. 2, Aeschylus, Sophocles and Eurípides*. London: Bloomsbury Academic.



**PARTE II**  
**AS TRAGÉDIAS**



1.

*IFIGÉNIA EM ÁULIS*



**ATO 1º**  
**Cena 1ª**  
*Agamémnon e <um Velho>*

Agamémnon  
Vem cá depressa, ó Velho.

Velho  
Aqui estou pronto.  
Que me ordenas, ó Rei?

Agamémnon  
Ouve-me.

Velho  
Aos 5  
Velhos  
Da noite faz espertos a velhice.  
Inda não fechei olhos.

Agamémnon  
Aquele astro,  
Que se revolve em círculo, conheces? 10

Velho  
É Sírio, estrela que vizinha gira  
Às Plêiades, e agora vai correndo  
Pelo meio do céu.

Agamémnon  
Não se ouve de ave

Nem leve canto, nem sussurro de ondas, 15  
Nem o Euripo murmura. Tudo dorme.

Velho

Só tu, Senhor, vigias nestas horas,  
Em que todos em Áulide descansam  
Com grato sono. E por que <causa> agora  
Da tenda saís? Vamos para dentro. 20

Agamémnon

Na verdade, que invejo a sorte tua,  
E a de todos que, livres de perigos,  
A vida passam sem glorioso nome.  
Por certo que os invejo mais que àqueles  
Que de honras gozam, e altas dignidades. 25

Velho

Pois não são elas o esplendor da vida?

Agamémnon

Mas falaz esplendor. Ambição nobre  
De glória, sim, é doce, mas ganhada  
Costuma muitas vezes causar dores.  
Alguma vez os numes, por um modo 30  
Menos reto operando, têm causado  
Aos mortais graves danos e ruínas.

Velho

Eu não posso aprovar um tal discurso  
Em um homem que é rei, chefe de todos.  
Atreu não te gerou, para que em tudo 35  
Gozar pudesses de ditosa sorte.

É preciso, Agamémnon, suportares  
Também alguma coisa em contrapeso  
Das delícias que gozas. Porque és homem,  
Puro mortal, sujeito a mil desgostos, 40  
Que, ou queiras, ou não queiras, vêm dos numes,

E hão de cumprir-se. Essa, que na mão trazes,  
 Carta já sigilaste e já a abriste,  
 Do que nela escreveste arrependido,  
 Arremessando em terra luz e selo, 45  
 E tornando o escrever irresoluto.  
 Tal confusão de mente assaz te mostra  
 Pobre de sábio, sólido conselho.  
 E ajudando essa tua ambiguidade  
 As lágrimas que choras, nada falta 50  
 Para te vermos em fatal delírio.  
 Pois que há de novo, ó Rei? Porque te afliges?  
 Conta-me, porque a um homem fido e honesto  
 Podes comunicá-lo. Tu bem sabes  
 Que eu vim com tua esposa, quase parte 55  
 Do dote que deu Tíndaro, e como aio  
 Da desposada filha.

Agamémnon

Não ignoras,  
 Que Leda, a qual por pai a Téstio teve,  
 Houve três filhas, Febe, Clitemnestra 60  
 Minha mulher, e Helena, a qual pedida  
 Fora por mil rivais, gregos mancebos,  
 Querendo cada qual à força de armas  
 Ser possuidor de tão fermosa esposa.  
 Tíndaro vacilava em dar a filha, 65  
 Guerras temendo, e dúbio ao mesmo tempo  
 Na melhor eleição de digno genro.  
 Lembrou-lhe um pensamento: que os amantes  
 Pretensores da filha <requisitada> para esposa  
 Jurassem todos em solenes aras, 70  
 Dadas as mãos, de vítimas à vista,  
 E contra si imprecações fazendo,  
 Que se uniriam todos <por> aquele  
 Que para genro Tíndaro escolhesse,  
 Dando-lhe auxílio, caso que a consorte 75  
 <Algum> roubasse, ou forasteiro ou grego.

Acrescentavam mais no juramento,  
 Que o usurpador o roubo perderia,  
 Guerra armando-lhe forte, e (a ser preciso)  
 Destruindo a cidade, ou ela à Grécia, 80  
 Ou a bárbara terra pertencesse.  
 Celebrado entre todos este pacto,  
 Doloso, o velho Tíndaro licença  
 À filha deu para escolher o esposo,  
 Que lhe tivesse o peito mais rendido. 85  
 Escolheu ela (oh nunca tal fizera!)  
 Meu irmão Menelau. Mas depois veio  
 Esse que juiz fora do litígio  
 De três deidades, <como> a fama conta,  
 Frígio mancebo, galas arrastrando 90  
 De ouro brilhantes, e ostentando enfeites  
 Ao modo feminino. Amaram-se ambos,  
 E enfim fugiram para as serranias  
 Do Ida, aonde rebanhos pastoreava.  
 Vendo-se Menelau em tanta afronta, 95  
 Aceso o peito em vingadoras iras,  
 Chamou pelo socorro já pacteado.  
 Não repugnaram à fé dada os Gregos.  
 Logo se armaram e rápidos saíram,  
 Enchendo naus dos bélicos petrechos, 100  
 E de <fortes> soldados, flor da Grécia,  
 Nomeando-me a mim por sumo chefe,  
 Por ser irmão do desonrado amigo.  
 Oh quisessem os céus que a dignidade  
 Caísse em qualquer outro! Junta a armada, 105  
 Aqui estamos em Áulide, esperando  
 Vento para sair. Porém Calcante,  
 Sábio agoureiro, diz que indispensável  
 É fazer a Diana um sacrifício,  
 Por ser deusa que estima este terreno. 110  
 E a vítima há de ser Ifigénia,  
 A minha cara filha. O agoureiro  
 Insta, nos seus proféticos furores,

Que só com este dom à casta deusa  
 Não somente os baixeis com fausto vento 115  
 Darão à vela, mas que a grega turba  
 Aos Frígios vencerá. Que de outro modo  
 Livres estamos de alcançar vitórias.  
 Eu, ouvindo tão áspero conselho,  
 Disse a Taltíbio, em vozes resolutas, 120  
 Que em meu nome dissesse a toda a armada  
 Que <para a Grécia embora> à vela dessem,  
 Que eu não estava de ânimo tão duro  
 Que minha filha à morte oferecesse.  
 Mas tanto meu irmão me instou, violento, 125  
 Apontando as razões mais convincentes,  
 Que enfim a ceder <vim> à ação impia.  
 Uma carta escrevi a Clitemnestra,  
 Dizendo que partisse com sua filha  
 Porque a Aquiles a dera por esposa. 130  
 Acrescentando mais que o herói prestante  
 Não queria partir à nova empresa  
 Sem desposar primeiro a Ifigénia.  
 Com esta fraude de inventadas bodas  
 Facilmente a mulher persuadira 135  
 A vir aqui, trazendo a infeliz filha.  
 E a razão verdadeira unicamente  
 Sabe Calcante, Menelau e Ulisses.  
 A carta foi. Mas eu arrependi-me,  
 Lembrado de ser pai. E esta te entrego, 140  
 A fim que, a Argos, diligente a leves,  
 Impedindo a jornada. Como és fido  
 Confidente dos nossos interesses,  
 Não te quero encobrir da carta o arcano.  
 Ouve. Além das primeiras letras minhas, 145  
 Estas escrevo. Ó cara Clitemnestra....

Velho

Da palavra antes dize-me o segredo,  
 Que melhor ficará na mente impresso,

Para bem concordarem minhas vozes  
Com tudo o que aí dentro vai escrito. 150

Agamémnon

Dize-lhe que por ora não entregue  
Às ondas do Egeu a cara filha.  
Outro aviso esperando, em que eu a mande  
Buscar, e celebrar as faustas bodas,  
Guardando-as para tempos oportunos. 155

Velho

Lembra-me, ó rei, dizer-te que, sabendo  
Do engano, Aquiles romperá em iras.  
Olha que nisto pode haver perigo.  
Vê se peso lhe dás e o que me ordenas.

Agamémnon

Nisto Aquiles c'ò nome só concorre, 160  
E não já c'ò a verdade de consórcio.  
E como saber pode o que em segredo  
Armei, para fazer que Clitemnestra  
Se resolvesse a vir, trazendo a filha  
Para imolada ser. 165

Velho

Metes-te em coisa  
Em meu conceito acerba e de alto risco.  
Quando a fama espalhar, que, c'ò pretexto  
De dar ao filho da marinha Tétis  
Tua filha Ifigénia, a dás aos Gregos 170  
No obrar doloso. E que dirá Aquiles?

Agamémnon

Ai de mim! Tens razão. Foi louca a ideia.  
Mas essa evita esta segunda carta.  
Não será imolada a infeliz filha  
Detendo-as tu em Argos. Vai ligeiro, 175

A idade não te afrouxe, nem descanses  
Ao passares por fontes, nem te assalte  
O sono, convidando-te as florestas.

Velho

Não me agoures, senhor.

Agamémnon

Quando passares 180  
Pela estrada que em duas se reparte,  
Observa bem, que não te passe adiante,  
Sem que o advirtas, a real carroça,  
Que para Áulide traz a mãe e a filha.

Velho

Está bem. Deixa a mim esse cuidado. 185

Agamémnon

Vai por aqui. Solta veloz as rédeas,  
E delas encontrando a comitiva,  
Faze tudo voltar à pátria Argos.

Velho

E para Clitemnestra e Ifigénia  
Me crerem, que sinal darei seguro? 190

Agamémnon

Pois não sobra essa carta e o seu sinete?  
Vai pois. Da aurora o carro luminoso  
Já dissipando vai as negras trevas.  
Ajuda-me, ó de Febo luz amiga,  
Nestas cruéis angústias que padeço. 195  
Pois que mortal não há sempre feliz,  
Se não espera penas é insano.

**CENA 2<sup>a</sup>**  
*Coro*  
*De Mulheres da Cálcida*

Às arenosas praias  
De Áulide hoje guerreira,  
Áulide que o mar banha, 200  
Venho surcando o Euripo  
De Cálcida meu ninho,  
Que as ondas tem vizinhas  
Da ínclita Aretusa.

Venho curiosa ver as belicosas 205  
Forças navais dos gregos senhorios,  
E seus heróis, semideia prole,  
Que sobre Troia vão tomar vingança,  
Como nossos maridos nos contaram.  
O louro Menelau acompanhado 210  
De Agamémnon irmão, chefe supremo.

Recuperar vão todos  
A já roubada Helena  
Pelo amoroso Páris.  
Prémio que lhe deu Vénus 215  
Pela fatal contenda  
Entre ela, Juno e Palas  
Sobre a maior beleza.

Atravessei o bosque de Diana,  
Não sem pudor de meus juvenis anos, 220  
Bosque onde se faziam sacrifícios  
Com grande pompa à casta divindade.  
Lá vi vários escudos, lá vi tendas,  
Lá de ginetes batalhões briosos  
E de peões fileiras numerosas. 225

Vi os dois grandes sócios  
Ájaces, um de Oileu,  
Outro de Télémon  
Progénie esclarecida.  
E em companhia deles 230  
Protesilau jogando  
Do dado a sorte vária.

Vi também Palamedes, alta prole  
Do deus maior do mar. Vi a Diomedes  
Herói famoso, divertindo-se ambos 235  
Na contenda do disco. Junto deles  
Mérion estava, semelhante a Marte,  
O filho de Laertes, e o mancebo  
Nireu, o mais fermoso dos Argivos.

A Aquiles vi não menos 240  
Em pés veloz qual vento,  
De Tétis alto filho  
E de Quíron aluno.  
Estava então na praia  
Correndo na quadriga, 245  
Ensaaios da vitória.

Eumelo não faltava, de Ferete  
Filho e auriga famoso. Ia guiando  
De éguas duas parelhas enfeitadas  
De áureos jaezes, vários em feitios. 250  
Vi-o na ação de fustigar os brutos,  
Que corriam mais rápidos que ventos,  
Logo que o fero látrego sentiram.

A parelha do meio,  
Que o jugo suportava, 255  
Nas crinas e na pele  
Mostrava brancas manchas.  
A que ajudava fora,

O jugo não sofrendo,  
Diversa em cores era. 260

Vestiam ruiva pele e se afastavam,  
Às rédeas relutando, das do meio  
As mãos dobrando na veloz carreira.  
E calçavam (segundo inda me lembra)  
De várias cores. Junto a tal quadriga, 265  
Vindo mais longe pôr-se logo Aquiles,  
E venceu-a com custo mais ligeiro.

Cheguei enfim às praias  
Vendo os baixéis de perto  
Como esquadrões em fila. 270  
Porém <foi>-me impossível  
Contar os vasos todos  
Da armada inumerável,  
Que um bosque figurava.

O dextro lado <do Neptúnio campo> 275  
Em ordem reta os lenhos ocupavam  
Da Mirmidona gente. Eram cinquenta  
As quilhas que trazia, em cujas popas  
As Nereidas vinham esculpidas,  
Insígnia dos baixéis, que obedeciam 280  
Ao sumo mando do famoso Aquiles.

Estavam depois destes  
As naus do povo de Argos  
Todas iguais em remos.  
E delas eram chefes Esténelo e Mecisteu, 285  
<Um> de Capaneu filho,  
E o outro de Talau.

De Teseu a alta prole, Demofonte,  
Sessenta naus em ordem conduzia  
Da grande Atenas. Palas sobre o carro, 290

Governando a quadriga de ginetes,  
Era em todas as popas fausta insígnia,  
Que aos nautas alegrava, e soldadesca,  
A vitória levando no seu nume.

Vi mais diversa esquadra 295

Dos povos da Beócia.

Eram cinquenta as quilhas,

E com insígnias todas.

Cadmo esculpido estava,

E no esporão a serpente 300

Que aquele herói matava.

Era Leito delas comandante,

Que do seio da terra fora filho,

E as forças dos Focenses conduzia.

Seguiam-se mais proas enviadas 305

Pelos povos locrenses, e era delas

O filho de Oileu quem as mandava

Vindo da sua Troníada cidade.

De Atreu o grande filho

Trouxera de Micenas 310

Cem escolhidas quilhas.

Vejo-<o> em pessoa mesmo,

Por ser irmão amante

Daquele que roubado

Se sente da consorte. 315

Ah malvada consorte, que assim causas

Tanta moléstia à Grécia e dano a Troia!

Vi também de Nestor undosos lenhos,

Nestor, o sábio velho, grande auxílio.

E por insígnia na alterosa popa 320

Trazia o seu Alfeu, nativo rio,

Com pés fundidos de robusto touro.

Dos bélicos Enianos  
Vi depois doze proas,  
Das quais tinha o governo 325  
Guneu. E junto a elas  
Outras dos Épios grandes,  
Que comandava Tálpio,  
Filho do forte Eurito.

Ali também dos Tápios vi a esquadra 330  
De brancos remos toda aparelhada,  
Da qual capitão era Mege, o filho  
De Fileu. Forças vindas lá das ilhas  
Equínades, <áreas> perigosas,  
Donde fogem os nautas mais expertos 335  
Temendo a sua infausta vizinhança.

Ájax de Salamina  
Juntava da alta armada  
O lado dextro e esquerdo  
Com seus <seguros> lenhos, 340  
E unia a inferior parte  
Com outras doze quilhas,  
Todas assaz ligeiras.

Toda esta multidão de imensas popas  
Que ouvido eu tinha já, meus olhos viram. 345  
E por ouvida e vista é que conservo  
Tão distinta a memória do que narro.  
Multidão tal, que se outro poder forte  
Intentasse provar naval batalha,  
Para o seu porto nunca voltaria. 350

**ATO 2º**  
**Cena 1ª**  
*Velho e Menelau*

Velho

Isto é, ó Menelau, nímia ousadia.

Não deves obrar coisa tão indigna.

Menelau

Vai-te. Tu é que és nímio na lealdade

Aos soberanos teus.

Velho

Com que é delito

355

Tão honesta virtude?

Menelau

Há de custar-te

Bem caro assaz, se agora obedeceres

A essa ordem que levas.

Velho

Tu não deves

360

Abrir, violento, essa fechada carta.

Menelau

Nem tu dano causar à Grécia toda.

Velho

Contenderás sobre isso em outro tempo.

Deixa que entregar possa o que me entregam.

Menelau

Não deixarei por certo.

365

Velho  
E eu não menos  
Não te deixarei ir.

Menelau  
Talvez esperas  
Que eu te mostre o teu sangue, na cabeça  
Descarregando em cólera este cetro. 370

Velho  
Fora coisa gloriosa achar a morte  
Por obediente ser a seu sobrano.

Menelau  
Cala por uma vez. Já falas muito  
Para vil servo.

Velho  
Faço-me alta injúria, 375  
Ó Agamémnon, oportuno chego.  
Porquanto este, rasgando-me uma carta,  
Procede injustamente com violência.

**Cena 2<sup>a</sup>**  
*Agamémnon e os ditos*

Agamémnon  
Olá, e quem se atreve à régia tenda  
Fazer tumultos? Que insolência é esta? 380

Velho  
<Eu te refiro, porque a mim só toca. >

Agamémnon  
Ó Menelau, <e como ousas neste sítio>

Este homem violentar?

Menelau

Para mim olha,

Não <para o chão>. Falemos frente a frente. 385

Agamémnon

Pois cuidas que por medo é que não ponho,

(Sendo um filho de Atreu), em ti os olhos?

Menelau

Vês esta carta?

Agamémnon

Vejo, e logo a entrega.

Menelau

Não por certo, sem que antes participe 390

Tudo o que ela contém aos gregos chefes.

Agamémnon

Pois, quebrado <o rasgado sigilo>, a carta leste,

Vindo a saber o que saber não deves?

Menelau

Sim. Já são para mim assaz patentes

Os danos que maquinas contra a Grécia. 395

Agamémnon

Ó deuses! E esse escrito a quem roubaste?

Como houve em ti tamanho atrevimento?

E que intentas fazer?

Menelau

Estou à espera

A ver se com efeito vem a filha. 400

Agamémnon

E que tens tu com isso? Que te importam  
As minhas coisas, para as observares?  
E não é isso em ti sobejo arrojo?

Menelau

Se o é, é porque a coisa assaz me pica  
O coração. Nem eu nasci teu servo.

405

Menelau

E não é isso em ti falar indigno?

Agamémnon

Com que, como eu quiser, minha família  
Reger não posso?

Menelau

Não, se injusto obrares,  
E ora uma coisa, ora outra resolveres.

410

Agamémnon

Isso é da tua língua mera argúcia,  
E esse falar é um mal que se aborrece.

Menelau

E isso <é> também em ti mera inconstância,  
E esse obrar é um mal que se aborrece,  
Doblez mostrando com fiéis amigos.

415

Ora quero com provas convencer-te,  
E não te irrites, se eu falar verdade,  
Porquanto não estou para louvar-te.  
Lembras-te ainda, quando sumo mando

Desta armada contr'Ílio suspiravas  
Fingindo ao mesmo tempo não querê-lo?

420

Quanta afabilidade, quantos modos  
Humildes ostentavas, e apertando  
Amigo era esta mão, e ora aquela,

E a porta tendo aberta para todos 425  
 Até da mesma plebe, dando gratos  
 Ouvidos a qualquer um depois d'outro?  
 Se algum achavas duro ao teu desejo,  
 Com doces atrativos o ganhavas,  
 E o partido também do vulgo ignaro. 430  
 Mas assim que tiveste o sumo império,  
 Lembras-te como logo te mudaste?  
 Amigo já não eras c'os amigos,  
 Fácil adicto ao povo já não davas,  
 Antes eras difícil em falar-lhe, 435  
 Fechado sempre em casa. Indigna coisa  
 Para um homem, que tem supremo mando  
 E que escolhido foi para árdua empresa,  
 É mudar facilmente de costumes.  
 Então é que ser deve mais constante, 440  
 Mais igual c'os amigos, porque deles  
 Então mais necessita em seu auxílio.  
 Bem sabes, que eu já disto no princípio,  
 Amigo, te increpei. Agora o mesmo  
 Faço em Áulide, vendo toda a armada 445  
 Com o ânimo perdido por teus modos  
 Altivos, e por ver o céu adverso  
 Com a falta de vento à grega empresa  
 Sem que tu remediasses tantos danos.  
 Por isso os gregos chefes requeriam 450  
 Que largasses o mando, inerte estando  
 Em Áulide de balde. Ora em que nome  
 Escuro e vil então não ficarias,  
 Que angústia e turbação seria a tua,  
 Perdendo o sumo império de mil quilhas, 455  
 E sendo outro que os Teucros assombrasse  
 Com aluvião de Gregos inimigos?  
 A mim então perplexo perguntavas:  
 Que farei, Menelau? Que meios posso  
 Ter para conservar do mando a glória? 460  
 Eis que Calcante, célebre agoureiro,

Fazendo os costumados sacrifícios,  
 Disse que, se queria a grega armada  
 Próspero vento, desses a Diana  
 Por vítima a tua filha. Sim, violento 465  
 O teu peito pugnou, mas voluntário  
 Prometestes imolar Ifigénia.  
 E assim mandaste a Argos mensageiro  
 (Não digas que por força) a Clitemnestra,  
 Ordenando que a Áulide com a filha 470  
 Viesse, porque esposa era de Aquiles,  
 Por este modo a morte pretextando.  
 Logo, porém, de parecer mudaste,  
 Nova carta escrevendo, arrependido  
 De dar teu sangue à pátria em sacrifício. 475  
 Este ar que respiramos testemunha  
 Que há pouco ouviu as tuas inconstâncias.  
 No teu obrar tens muitos semelhantes;  
 Empreendem no princípio coisas nobres,  
 Mas logo torpemente se arrependem, 480  
 Já por própria estultícia, já por vozes  
 Alheias, já por verem que não podem  
 Com valor sustentar sua árdua empresa  
 Com crédito do reino. Eu bem lamento  
 A desgraçada Grécia que, tentando 485  
 Contra bárbara gente ação gloriosa,  
 Por fim permitirá que dela zombe  
 Vil Frígio povo. E a causa do ludíbrico  
 Serás tu só para livrar a filha.  
 Jamais por atenção às opulências 490  
 A algum chefe farei com sumo mando  
 Em bélicas esquadras. O meu voto  
 Levará sempre aquele generoso  
 Sábio, prudente rei. Quem tem prudência,  
 Esse é que julgo ser chefe supremo. 495

Coro

E eu julgo coisa péssima e arriscada

Contendas entre irmãos e ásperas vozes.

Agamémnon

Quero agora eu, com <maneira> honesta

E breve, responder-te, sem mostrar-te

<Com um ar> insolente olhos irados, 500

Mas sim com mansa <fronte> e tom prudente.

Que, enfim, somos irmãos. É de homem torpe

O não tingir as faces com vergonha.

Dize-me pois. E donde vem mostrares

Contra mim furor tanto, e tanta ameaça 505

No turbo aspeto, nas acerbas vozes?

E que injúria te faço? Que pretendes?

Ir buscar a mulher que te roubaram?

Não posso concorrer para esse gosto.

A culpa torna a ti, que quando tinhas 510

Em teu poder mulher, qu'era leviana,

Refrear não soubeste. E de seus erros

Não sendo eu réu, suportarei a pena?

Dizes que sou de glórias ambicioso,

Levando a mal o meu supremo mando. 515

E eu digo que tu és, com clara afronta

Da razão e do brio ambicioso,

De tornar a lograr a bela esposa

Esquecido do ultraje. Mas são próprios

De um coração que é réu, os réus deleites. 520

Ora se eu antes mal considerando,

Mudei depois com parecer prudente

Por isso serei louco? Com mais causa

To podia eu chamar, que estando solto

De uma indigna mulher, por benefício 525

De algum amigo nune, alucinado

Queres recuperá-la. Esses amantes

Que estultamente a Tíndaro juraram,

Tal não fizeram, <não> em seu obséquo

Mas porque às bodas todos aspiravam. 530

Mas enfim, vai com esses pretensores,

Que, com néscio conselho e mente estulta,  
Fizeram pacto tal à pura força  
Por Tíndaro extorquido. Acompanhado  
Deles vai conquistar a torpe esposa, 535  
Que eu não quero matar por ela os filhos.  
Tu cuidas que é honesto e racionável  
Vingar ofensas de mulher malvada,  
E eu cuido que de pranto morreria,  
Pelo honesto motivo e racionável, 540  
De ter perdido aqueles que gerara,  
Eu mesmo concorrendo para o dano.  
Isto, e não mais, só quero responder-te:  
Se não queres usar de sã prudência,  
Dela eu sempre usarei em meus conselhos. 545

Coro

Isto sim que é falar bem diferente,  
Do que primeiro ouvi. A natureza  
Pede a um pai que se doa de seus filhos.

Menelau

Ai de mim, que me vejo sem amigos.

Agamémnon

Tê-los-ás toda a vez que os não quiseres, 550  
Para os expor à morte sem motivo.

Menelau

Não me dirás em que mostras que somos  
Filhos do mesmo pai?

Agamémnon

Em ser contigo  
Irmão sábio, prudente e não estulto. 555

Menelau

Entre amigos, recíprocas as penas

Devem ser sempre.

Agamémnon

Sim, se a causa é honesta.

Então chama-me embora em teu auxílio,

Mas não para me dares tanta angústia.

560

Menelau

Pois por justo não tens seguir a causa

Em que os príncipes <todos> se interessam?

Agamémnon

Não sei por qual razão todos deliram.

Menelau

Tu és só que deliras c'a vaidade

De empunhar esse cetro. A soberania

É que te faz traidor ao próprio sangue.

Enfim, eu seguirei os meus conselhos

Buscando a teu pesar outros amigos.

565

### **Cena 3<sup>a</sup>**

#### ***Mensageiro e os ditos***

Mensageiro

Aqui venho, alto rei de toda a Grécia

Dar-te alegre notícia. São chegados

Ifigénia, Clitemnestra e Orestes,

Bem que de tenra idade, as acompanha.

Justo alívio terás, pois que distante

Não há pouco que estás dos pátrios lares.

Os seus pés feminis como cansados,

Recobrando se estão junto da fonte,

E os palafreéns também soltos no campo

Refazendo-se estão com fresco pasto.

570

575

Eu vim adiante dar-te o fausto aviso,  
 Como era justo. O exército já sabe 580  
 De vinda tão feliz, e imensa turba  
 Vem concorrendo para ver tua filha,  
 Que é natural que ilustres personagens,  
 Quando gozam de próspera fortuna,  
 Tenham admiradora comitiva. 585  
 Por lá já se dizia, que esta vinda  
 Himeneu anunciava. Mas quais bodas?  
 (Instavam uns), outros diversamente  
 Diziam: são do pai justas saudades  
 De ver a amada filha; outros teimavam 590  
 Nas núpcias, por já verem sacrifício  
 Ordenado a Diana. Mas o esposo,  
 Quem será? Uns a outros perguntavam.  
 Eu vi, quando passei, tudo disposto.  
 Só vos, ó reis, faltais. Vinde coroados 595  
 Aumentar desta ação o prazer justo.  
 Vem tu, ó Menelau, dispor a festa.  
 Ouçam-se sons das cítaras festivas,  
 Vejam-se saltos das alegres danças,  
 Porque é chegado um dia tão ditoso 600  
 Para a régia donzela.

Agamémnon

Bem disseste,  
 Aprovo o teu prazer. Vai para dentro.  
 O mais o disporá sorte amiga.  
 Ai de mim, que dizer em tanto aperto, 605  
 Se o meu dizer por mim começar deve?  
 Oh, em que laços ásperos caímos  
 De atroz necessidade! Fado adverso  
 De modo me iludiu, que baldar soube  
 Todas minhas ideias, e por elas 610  
 Me conduziu a estado miserando.  
 Oh, quanta utilidade traz consigo  
 Nascer em berço humilde da vil plebe,

Porque ao contar o mísero seus males,  
 Fáceis lágrimas tem para exprimir-se. 615  
 Não assim quem nasceu de ilustre stirpe,  
 Que não tem livre o pranto. Feliz vulgo,  
 Que é árbitro da sorte dos monarcas,  
 De maneira que vimos a ser servos  
 Da mesma servil turba. E daqui nasce 620  
 Sentir eu pejo em não chorar agora,  
 E sentiria pejo, se chorara.  
 Ai quanto sou em sumo desgraçado!  
 E que posso eu dizer à ignara esposa?  
 Como a receberei <sendo um doloso>, 625  
 Com que olhos a verei? Sem ser chamada,  
 Contra a minha vontade derradeira  
 Veio. Mas com razão seguiu a filha,  
 Credo que vinha dar-lhe um tal marido,  
 E largar-lhe o penhor que ela mais ama. 630  
 Mas que dirá (ó nunes) Clitemnestra  
 Quando souber que por traidor engano  
 Do mesmo pai, da mesma iníqua esposa  
 Vem enganada, e a receber marido  
 Será só a Plutão, como parece? 635  
 De dor estalo, quando considero  
 Que ao ver-me a filha do seu fado ciente,  
 A língua soltará nestes queixumes:  
 Com que é <verdade>, ó pai, que tu me matas?  
 Essa paterna mão me crava o golpe? 640  
 Tais bodas tenhas tu, e os teus amigos  
 Himeneu como o nosso só celebrem.  
 Ai que o filho de Príamo me mata.  
 Foi morte para mim de Helena o roubo.

Coro  
 Eu, na verdade, bem que forasteira 645  
 Extrema pena sinto nos teus males  
 E doo-me de ver-te em tanto aperto.

Menelau

Dá-me licença, ó irmão, que a mão te toque.

Agamémnon

E porque não, se eu sou por ti vencido?

Menelau

Por Pélope, Agamémnon, <que foi nosso> 650

Comum avô, e por Atreu, que a vida

Nos deu, te juro, com sinceras vozes,

E o coração na boca (ó irmão, crê-me,

<Pois> te falo sem mínimo artifício.)

Que ao ver-te derramar tão justo pranto 655

A lágrimas não menos me comoves,

E o que antes disse, agora já detesto.

Não quero c'um irmão mal mostrar-me,

Sou do teu parecer. É coisa iníqua

Matar uma inocente. Eu te suplico, 660

Não antepoñas, não, meus interesses,

Mas uma filha sim, do vosso sangue.

Vejo que é coisa iníqua tu chorares

E eu gozar de prazer; dares teus filhos

À morte, e os meus viverem. Por ventura 665

Não poderei tomar outra consorte,

Se desejar ter sócia no meu leito,

Escolhida fiel, amante, ilustre?

Mas perder um irmão (os céus disponham

Que jamais eu o perca) pelo gosto 670

De conseguir Helena, será justo?

Por um bem ganharei um mal acerbo?

Oh que estulto assaz fui nesse primeiro

Conselho juvenil, alucinei-me.

<Porém> em mim caí, considerando 675

Quanto seja o mal matar os filhos,

E desprezar um sangue tão conjunto,

Que um mesmo pai nos deu. Compaixão terna

Me deve Ifigénia, destinada

Vítima, a fim de eu ter infiel esposa.	680
E que tem a tua filha com Helena?	
De Áulide desaferra toda a armada.	
Seus portos busque. E tu, ó irmão, enxuga	
Os olhos lacrimosos, e a mais pranto	
Não provoques minh'alma enternecida.	685
E se há vozes fatídicas, que toquem	
A Ifigénia, a mim já me não tocam,	
Delas cedo, e se tocam, minha parte	
Eu ta dou, Agamémnon. De conselho	
Mudado tenho e da mudança folgo,	690
Sendo justo aliviar irmão aflito.	
Esta costuma ser a natureza	
De quem não é por índole malvado	
Cai na razão e obra o que é só justo.	
[À margem] Orestes, [...] que inda tenro infante,	695
Vendo ir a cara irmã para o suplício,	
Em balbuciante voz dará mil gritos.	
E a mãe ... essa não sei como exprimi-la.	
Ai [...]	
 Coro	
Agora sim, que em modo generoso,	700
Ó Menelau, falaste, digna estirpe	
De Tântalo nascido do alto Jove.	
De teus grandes avós não degeneras.	
 Agamémnon	
Louvo-te, ó caro irmão, porque,	
Quando eu menos tais vozes esperava,	705
Por um modo de ti assaz bem digno.	
 Menelau	
Entre irmãos acontece muitas vezes	
Desuniões haver <já por outras> torpes coisas,	
por cobiça avara.	
Tais desordens de sangue eu abomino,	710

Comumente fatais aos <qualquer deles> parentescos.

Agamémnon

Nessa acerba, fatal necessidade

Estamos nós, por vermos nosso sangue

Derramado na minha infeliz filha.

Menelau

Como? E quem há que possa constranger-te

715

A <ofereceres> à morte a Ifigénia?

Agamémnon

Quem? O exército todo dos Argivos.

Menelau

E porque insistirá, voltando os chefes

Para os seus portos. E que empenho há neles?

Agamémnon

Por uma parte eu, sim, podia o engano

720

Encobrir, mas por outra é-me impossível.

Menelau

Pois como é isso? Não convém que tanto

Se tema o povo.

Agamémnon

Temo assaz Calcante,

O oráculo intimando a toda a armada.

725

Menelau

Não o fará patente, se primeiro

Com fácil morte a boca lhe fecharmos.

Agamémnon

Assim é, que costuma ser a raça

De agoureiros inútil. Reina neles

Só de glória ambição no rude vulgo.

730

Menelau

É gente que não faz nem bem, nem dano.

Agamémnon

Sabes em que consistem meus temores?

Menelau

Como posso saber se não mos dizes?

Agamémnon

Temo ao filho de Sísifo que sabe

Este nosso segredo.

735

Menelau

E que mal temes,

De Ulisses?

Agamémnon

Muito. Sempre foi no vulgo

Poderosa sua língua.

Menelau

É, com efeito,

Homem muito orgulhoso (horrendo vicio!).

740

Agamémnon

Por certo tenho, que ele, como vive

Entre os chefes do exército, e seu povo

Sublinhara o augúrio de Calcante,

Que ele já sabe que eu por força dele

Prometi minha filha em sacrifício

À irritada Diana, e que recuso

A promessa cumprir. A tal notícia

Peso dará com seus astutos modos,

De sorte que fará com que imolada

Ifigénia seja, e que a acompanhe

No mesmo fado algum de nós em pena.

745

750

Nem poderei em Argos escapar-lhe  
 Porque lhe arrasaram seus fortes muros,  
 E hão de [...] seus campos. Este é o estado 755  
 É, Menelau, de meus extremos danos,  
 A que me reduziu o céu infesto.  
 Uma coisa, ó irmão, em meu bem obra.  
 Assim que à armada fores, não publiques,  
 De maneira que o saiba Clitemnestra, 800  
 Que para sacrifício traz a filha  
 Destinada a Plutão. À miserável  
 Poupeemos tanta dor, quanto pudermos.  
 E não menos assim poupai-me a vista  
 <De> um objeto materno em dor insano. 805  
 Por onde vós também, ó forasteiros,  
 Palavra não digais do que me ouvistes.  
 (*vã-o-se*)

Coro

Oh quanto são estultos  
 Aqueles que se abrasam  
 Em amorosa chama, 810  
 <de bela [...]>  
 Arma Cupido o arco  
 Com áurea e férrea seta.  
 A uns dá fausta vida,  
 A outros morte. 815  
 Oh bela Citereia,  
 Desse teu filho as frechas  
 Mortíferas aparta  
 De nossos leitos  
 Santos, e moderados 820  
 Nossos deleites sejam.  
 Connosco, inquieta deusa,  
 Plácida vive.  
 De nós mortais são vários  
 Os génios e costumes. 825  
 Que raras são no mundo

As retas almas!  
 Educação honesta  
 Muito a virtude aumenta,  
 E o santo, casto pejo 830  
 Guia é segura.  
 Ele conserva a honra,  
 Virtude sempre bela,  
 Viçosa flor, que nunca  
 Vemos caduca. 835  
 Virtudes nas mulheres  
 São dotes opulentos.  
 Nos homens fazem grandes  
 Os pátrios ninhos.  
 Oh nunca teu armento 840  
 Levasses para o Ida  
 A deleitoso pasto,  
 Mísero Páris,  
 Tangendo frígia lira  
 Para alegrar teu gado. 845  
 Lá te esperava a infesta  
 Lite das deusas.  
 Em prémio conseguiste,  
 Para teu mal, que entrasse  
 Cupido nos teus olhos. 850  
 A Helena vendo  
 Entrou o deus não menos  
 Para seu mal nos olhos  
 Da mísera Lacina  
 A Páris vendo. 855  
 Ai que estas torpes vistas  
 Armaram tantas velas,  
 Ameaçando estragos  
 Aos Teucros muros!  
 Oh que lá vêm pomposas 860  
 <Entre> aparatos ricos  
 Co'a filha Clitemnestra,  
 Altas princesas.

De Tíndaro uma é prole,  
De grandes reis stirpe, 865  
E de Agamémnon outra  
Altiva filha.

Elas são quais deidades  
Nos auges da Fortuna,  
E fazem venturosa 870  
A infeliz turba.

Vamos, filhas de Cálcide, à carroça  
Dos nossos soberanos. Com semblante  
Alegre as festejemos, e façamos  
Com que ao descer, em falso o pé não ponham. 875

Prontas as mãos lhes demos,  
A fim que não tropecem,  
E com festiva frente  
Façamos que não tema  
Turba desconhecida a régia filha, 880  
Como em Áulide hóspede. Tumulto  
Não lhe façamos, que dê susto à virgem,  
Mas sim vamos com gestos concentrados.

### Ato 3º

#### Cena 1ª

#### *Clitemnestra, Ifigénia, Agamémnon*

*Orestes, figura muda e o Coro*

Clitemnestra (*para o Coro*)

<Sejas bem vinda, altas princesas de Argos, delícias de Áulide amor>

Tomamos, ó mulher, em bom agouro 885  
Esse teu cortês modo, essas festivas  
Suaves vozes. Já no peito sinto  
Faustos prelúdios das alegres bodas.

Tirai, <servos>, as dádivas que trago  
 Como dote da noiva, e com cuidado 890  
 A casa conduzi-as. Vós, mulheres,  
 Que alegres me cercais, a minha filha  
 Os braços dai, a fim de que descendo  
 <Tenro pé> não magoe. E vós, meus servos,  
 Ponde-vos adiante dos cavalos 895  
 Que no parar inquietos fazem susto,  
 E dê-me alguém para descer o braço.  
 Porém primeiro ao colo este menino  
 Tomai. É o tenro Orestes, que não sabe  
 Inda vozes formar. Filho, não dormes 900  
 Cansado dos balanços da carroça?  
 Esperta, que és chegado a ver as festas  
 Pelas bodas da irmã, e a ter um novo  
 Herói parente, que é de Tétis filho,  
 Estirpe divinal, igual à tua. 905  
 Tu, cara Ifigénia, do meu lado  
 Não te afastes, <mas> Oh teu pai que chega.  
 Reverente o saúda.

Ifigénia  
 Ó mãe, licença  
 Dás-me para ir buscá-lo a veloz passo, 910  
 E dar-lhe, saudosa, estreito amplexo?  
 (*rai*)

Clitemnestra  
 Régio esposo, que tenho em sumo apreço,  
 Aqui nos tens não tardas na obediência  
 A teu preceito.

Ifigénia  
 Aqui, ó pai, correndo 915  
 Venho buscar teus braços. Não mos negues.

Agamémnon

Não, minha filha, que tu sempre foste  
Entre todos a prole mais amada.

Ifigénia

Não te posso explicar com quanto gosto  
Te vejo, ó pai, depois de tanta ausência. 920  
Meus olhos em te ver não se saciam.

Agamémnon

Querida filha, ao pai sucede o mesmo.  
Ambos nos merecemos tal fineza.

Ifigénia

Amigo, o céu te guarde. O pensamento  
de nos mandares vir foi grata ideia. 925

Agamémnon

Nisso, <agora>, não sei se concordamos.

Ifigénia

Como? A modo que em ti, ó pai, não vejo  
Fronte serena e leda, <de ...>  
Olhos em mim não pões? Isso é <acaso>?

Agamémnon

A um <supremo> chefe nunca o deixam  
graves cuidados. 930

Ifigénia

Deixa agora todos,  
E cuida só em mim.

Agamémnon

Filha, está certa  
Que em ti só tenho todos meus cuidados. 935  
<Par'>outra <alguma> parte os não divirto.

Ifigénia

Pois então desassombra a turva fronte,  
E prazer mostra em ver-me.

Agamémnon

Pois não? Filha,

Aqui me tens alegre. E assim, enquanto

940

Te vir, me verás sempre.

Ifigénia

Mas tu choras?

Agamémnon

Sim, que <me> lembra essa futura ausência  
Que será dilatada.

Ifigénia

Eu não te entendo,

945

Não te percebo, ó pai.

Agamémnon

Quanto mais falas

Nessa séria maneira, mais me afliges,

E mais tenho de ti tenra piedade.

Ifigénia

Pois se está nisso, falarei festiva.

950

Vamos lá para dentro e, em companhia

Dos caros filhos teus, ficar-te deixa.

Agamémnon

Não posso mais calar. Louvo-te e parto.

Ifigénia

Partires já! Fica-te, ó pai, conosco.

Agamémnon  
Bem o desejo. Mas cumprir não posso 955  
(Oh céus!) minha vontade. Vou-me à armada.

Ifigénia  
Esquece-te das armas e desgraças  
De Menelau.

Agamémnon  
Ele por certo é a causa  
Dos infortúnios meus e dos alheios. 960

Ifigénia  
Ai, quanto tempo estás de nós distante!

Agamémnon  
E ainda um não sei quê embarga a armada  
Para não sair de Áulide.

Ifigénia  
E em que parte  
Têm os Teucros morada? É muito longe? 965

Agamémnon  
É onde tem seu lar o fatal Páris,  
Filho do frígio Príamo. Oh prouvera  
Aos deuses que ele nunca ninho certo  
Tivera, mas sim fora um homem ignoto.

Ifigénia  
Com que vais para longe, ó pai querido, 970  
E aqui me deixas só?

Agamémnon  
Não. Que comigo  
Também tu hás de vir.

Ifigénia

Os céus quisessem

Que honesta coisa fosse ir eu contigo

975

Ondas cortando na alterosa popa.

Agamémnon

E que mais queres, filha? Navegando

Irás daqui a pouco.

Ifigénia

Em companhia

De minha mãe, ou só?

980

Agamémnon

Sem sociedade

Nem de pai, nem de mãe.

Ifigénia

Pois encerrar-me

Queres noutro <terreno>, solitária?

Agamémnon

Basta. A teus anos não convém que tudo

985

Lhes seja manifesto.

Ifigénia

Ó pai, apressa

A tua volta feliz vencendo aos Teucros.

Agamémnon

Primeiro hei de fazer um sacrifício

Para ditoso ser na grande empresa.

990

Ifigénia

Mas dessa ação sagrada os sacerdotes

São os que dão conselho.

Agamémnon

Está tomado,

Tu mesma o saberás. Pois que presente

Quero que estejas junto do lavacro.

995

Ifigénia

Farei coro talvez com outras virgens

Em torno ao sacro altar?

Agamémnon

Enquanto o ignoras,

Mais do que eu és, ó filha, venturosa.

Vai para dentro pois, e co' as meninas

1000

Servas vai-te entretendo. Mas primeiro

Dá-me ósculo filial e terno amplexo,

Porque tens que estar longe muitos tempos

Dos olhos do teu pai. Oh caro seio,

oh belas faces, oh madeixas louras!

1005

Ai quanta angústia, quanta dor me causa

Helena e Troia! Dizer mais não posso,

Porque os olhos me assalta pronto choro.

Finalmente vai, filha, para dentro.

*(vai-se)*

E tu, consorte amada, não estranhes

1010

Se assim vencer me deixo de ternura,

Devendo dar a Aquiles por esposa

A cara Ifigénia. Sim, feliz

É tal separação, mas sempre custa

Aos amorosos pais, quando dão filhos

1015

Às famílias alheias. Doces filhos,

Que na sua criação tanto custaram.

Clitemnestra

Bem naturais são esses sentimentos

Em nós outros. Nem cuides que mos lembras

Com essas ternas lágrimas. Já sinto

1020

Tão duro apartamento. Mas preciso

É cumprirmos a lei que assim ordena  
Dar na prónuba idade esposo às filhas.  
Eu bem sei que é Aquiles nosso genro,  
Porém dele não sei a excelsa origem, 1025  
E sabê-la desejo.

Agamémnon  
Foi de Egina  
Asopo pai.

Clitemnestra  
E essa casou com filho  
De mortal ou de nume? 1030

Agamémnon  
Dela Jove  
Éaco teve, e este a Peleu, que esposo  
De Tétis foi. E desse ajuntamento  
Com a filha de Nereu nasceu Aquiles.

Clitemnestra  
E de Nereu (que é nume) a filha deusa 1035  
A Peleu, consentindo <os> outros numes,  
Ou contra o querer deles?

Agamémnon  
Quem tais bodas  
Fez foi o mesmo Jove com aplauso  
Do marino Nereu. 1040

Clitemnestra  
E as ditas núpcias  
Fizeram-se no mar?

Agamémnon  
Não, mas na gruta  
De Quíron, lá no Pélio.

Clitemnestra  
Onde os Centauros  
Dizem que habitam? 1045

Agamémnon  
Lá pelas deidades  
De Peleu o consórcio celebrou-se.

Clitemnestra  
E Aquiles foi por Tétis educado  
Ou por seu pai? 1050

Agamémnon  
Quíron que o criara,  
Para que os costumes dos malvados  
Não aprendesse.

Clitemnestra  
Bom. Foi sábia escolha.

Agamémnon  
Um tal herói, no mundo tão famoso  
Será teu genro. 1055

Clitemnestra  
E assaz de estima digno.  
E onde vive ele agora?

Agamémnon  
Lá nas raias  
De Fízia, junto à Apidana corrente. 1060

Clitemnestra  
E lá assento terá Ifigénia?

Agamémnon  
Isso pende do esposo. Efetuado

O himeneu, disporá ao seu arbítrio.

Clitemnestra

Fortuna amiga sempre os acompanhe.

E das bodas o dia assinalado

1065

Quando será?

Agamémnon

Quando feliz a lua

O seu círculo encher.

Clitemnestra

E os sacrifícios

Primeiros pelo próspero consórcio,

1070

Dedicados à deusa tens disposto?

Agamémnon

Não tardará tão justa diligência,

Estou com ela já.

Clitemnestra

E depois logo

Os convites farás?

1075

Agamémnon

Assim que aos numes

Apresentar a vítima pedida.

Clitemnestra

E nós onde faremos às mulheres

Os usados convites?

Agamémnon

Aqui mesmo,

1080

À vista dos belígeros navios.

Clitemnestra

Bem me parece. É coisa necessária  
Mas também é preciso que nos guies  
Ao festivo lugar das sacras núpcias.

Agamémnon

Esposa, sabes tu o que obrar deves, 1085  
E nisso cumprirás grata obediência?

Clitemnestra

Que coisa? Obedecer-te é meu costume.

Agamémnon

Nós, onde está o esposo ...

Clitemnestra

Porque é isso?  
Sem concorrer a mãe, <como> é devido, 1090  
Pretendereis talvez atar o laço?

Agamémnon

Sim, só com Gregos a função faremos.

Clitemnestra

Que novidade é essa? Eu entretanto  
Onde estarei?

Agamémnon

Em Argos, assistindo 1095  
Às outras filhas tuas.

Clitemnestra

Com que eu mesma  
Não serei a que leve adiante a tocha?

Agamémnon

Eu mesmo a levarei.

Clitemnestra  
Contra o costume 1100  
Nisso queres obrar. Se noutro o visses,  
Loucura o julgarias.

Agamémnon  
Decoroso  
Não te é o apareceres no concurso  
De armados esquadrões. 1105

Clitemnestra  
É decoroso  
Que eu, mãe, assista de uma filha às núpcias.

Agamémnon  
Mas não menos convém que tu cuidado  
Vás ter da tua feminil família,  
E que não fique só. 1110

Clitemnestra  
Deixa a meu cargo  
Esses cuidados. Ficaram fechadas  
E defendidas bem minhas donzelas.

Agamémnon  
Obedece. Recolhe-te.

Clitemnestra  
Por certo 1115  
Que o não farei. Pela deidade o juro,  
Que de Argos é rainha. Tu lá fora  
Governa (como é justo) o que te toca.  
Que a mim cá dentro o governar as servas  
E à filha ministrar os desposórios 1120  
Pertence só.  
(*vai-se*)

Agamémnon

Baldou-se quanto urdido

A minha mente tinha. Imaginava

Com astúcia apartar a Clitemnestra

De ver hórrida ação. Mas não consigo 1125

Vencer ao seu amor. Vou a Calcante

De novo consultar sobre o que agrada

(<Assaz> o meu pesar) à casta deusa.

Marido que é prudente e judicioso,

Ou deve só manter mulher prudente, 1130

Ou deve sem mulher viver alegre.

Coro

Com que as argênteas claras correntes

Do Simoente surcaram Gregos,

Ferradas proas contra as muralhas

Do Ílio infeliz? 1135

Ai que já vejo triste a Cassandra,

Ao ar soltando louras madeixas,

Ser agitada com estro insano

Por Febo irado.

Nos altos muros vejo os Troianos 1140

Armas opondo ao grego Marte

Que vem, cortado do frígio Xanto

Rápidas ondas.

Broqueis abraçam, enristam lanças

Para arrancarem de amantes braços 1145

A torpe esposa, irmã dos gémeos

Castor e Pólux.

Ai que de Pérgamo aos fortes muros

Já lava sangue, já vão caindo.

Já das raízes a aflita Troia 1150

Jaz arrancada.

Semeia Marte no campo horrendo

Soltas cabeças de exangues corpos.

Medonho objeto às mães e filhas

De pasmo e pranto. 1155

Oh quanto choras, Hécuba aflita!  
 Oh quanto Príamo teu fado sentes!  
 Oh quanto Helena choras a ausência  
 Do amado Páris!  
 Nunca tais males sintam meus netos, 1160  
 Males nascidos da torpe filha  
 Do deus que, oculto em níveo cisne,  
 Visitou a Leda.  
 Assim a Fama divulga a fraude  
 De Jove amante. Se é que não mentem 1165  
 Os néscios vates nos seus delírios,  
 Quando assim cantam.

**Ato 4º**

**Cena 2ª**

*Aquiles, Clitemnestra, Coro*

Aquiles  
 Onde aqui vive dos Aqueus o chefe?  
 Que servo o avisa de que o busca Aquiles,  
 O filho de Peleu? Venho dizer-lhe 1170  
 Porque há tanta demora sem proveito  
 Nestas fozes do Euripo. Inertemente  
 Uns aqui passam seus jovens anos,  
 Sem que o seu sangue no himeneu propaguem.  
 Outros, esposas tendo nos seus lares, 1175  
 Não têm filhos ainda estando ausentes.  
 Tão grande é o desejo desta guerra,  
 Não sem o auspício dos amigos deuses.  
 Venho falar por mim. Os outros digam  
 As razões que lá têm. Eu já não posso 1180  
 Os Mirmidões mais reter nas margens  
 Inertes deste Euripo. E a cada instante  
 Me estão dizendo: Aquiles, que se espera?  
 Quanto a desferrar inda nos falta?  
 Enfim resolve. Ou leva aos pátrios muros 1185

Os esquadrões que mandas, ou não cuidas  
Nas inertes demoras dos Atridas.

*(Sai Clitemnestra)*

Sejas bem vindo, ó filho d'alta deusa,  
Progénie de Nereu, ilustre Aquiles,  
Ouvindo-te lá dentro, quis eu mesma 1190  
Vir receber-te.

Aquiles  
Ó venerando e santo  
Pudor que assim me atraí! Que matrona  
Vendo estou tão modesta, tão fermosa?

Clitemnestra  
Não me admira que tu me não conheças, 1195  
Sendo esta a vez primeira que nos vemos.  
Louvo-te de que faças justo apreço  
Da santa verecúndia.

Aquiles  
E com quem falo?  
Digna-te de dizer-mo. Uma matrona 1200  
Entre esquadrões armados! Faz-me espanto.

Clitemnestra  
Falas com Clitemnestra, que é esposa  
De Agamémnon, o chefe desta armada,  
E de Leda nascida.

Aquiles  
Em pouco tudo 1205  
Me disseste, ó rainha. Mas não devo  
Contigo prosseguir no meu discurso.  
A teu esposo busco.

Clitemnestra  
Estranha coisa!  
Tu de mim te retiras? Por princípio 1210  
Das faustas núpcias nossas mãos unamos.

Aquiles  
Tocar-te a mão! Que dizes? Tal fazendo  
Justamente a Agamémnon eu temera.

Clitemnestra  
E que tens que temer se és já meu genro,  
Ó digno filho da marinha Tétis? 1215  
Himeneu de que faço sumo apreço.

Aquiles  
Himeneu, dizes? Pasma dessas vozes.  
Eu suspeito, ó rainha, que te enganas,  
E que se alucinou com outro a mente.

Clitemnestra  
Natural é em todos esse pejo 1220  
Em novas amizades, se lhes falam  
Em concertadas bodas.

Aquiles  
Segurar-te  
Posso, ó rainha, que jamais tua filha  
Por consorte pedi, nem <inda> à ideia 1225  
Me veio tal consórcio.

Clitemnestra  
Isso é possível?  
Ambos nós com razão nos admiramos  
De tão estranhas vozes.

Aquiles  
Eu suspeito 1230

Algum engano aqui. Mas não mentimos  
Nem eu nem tu.

Clitemnestra

Esta mentira urdiu-se

Para meu dano certamente, ó Aquiles.

Sinto sumo pudor no que já disse.

1235

Desculpa-me o meu erro involuntário.

Aquiles

É certo que de nós alguém ludíbrio

Quis fazer, mas não faças disso caso,

E esquece-te da coisa facilmente.

Clitemnestra

Fica-te embora. Que com fronte alegre

1240

Já te não posso ver. Pois que figura

De mentirosa fiz com pejo acerbo.

Aquiles

Pois eu menor pudor em mim não sinto.

Vou buscar teu esposo.

## Cena 2ª

### *Um servo e os ditos*

Servo

Pára, ó filho

1245

Da undosa Tétis, e ouve-me não menos

Ó tu de Leda filha.

Aquiles

Quem me chama

Com perturbadora voz, exangue rosto?

Servo

Um servo. Não escondo a minha sorte.

1250

Aquiles

E de quem? Tu a mim não pertences.

Servo

Servo sou desta casa, e por mandado  
De Tíndaro aqui sirvo a Clitemnestra.

Aquiles

Pois aqui estou. Porque parar me fazes?

Se tens que me dizer, dize-o.

1255

Servo

Vós ambos

Estareis aqui sós?

Clitemnestra

Sim, sós estamos.

Não há dentro quem ouça.

Servo

Oh sorte amiga,

Faze com que aproveite o meu aviso!

1260

Aquiles

Ele, pelo que mostra, dilatada

E grave coisa tem.

Clitemnestra

Rogo-te, ó velho,

Q' em ter-me mais suspensa não prossigas.

Dize por uma vez.

1265

Servo

Tu não ignoras,

Quanto fiel eu sou.

Clitemnestra

Bem sei, que antigo

És doméstico nosso.

1270

Servo

E como parte

Do teu dote Agamémnon recebeu-me.

Clitemnestra

Sim, sim. De Argos te trouxe e confidente,

De quem apreço faço, sempre foste;

Porém vamos ao mais.

1275

Servo

Sou um bom servo.

Tenho-te muito amor desde menina,

Mas o mesmo não tenho a teu marido.

Clitemnestra

Porquê? Dá a razão desse teu dito.

Servo

Porque co'as próprias mãos matar pretende

A filha que gerou.

1280

Clitemnestra

Vai-te. Estás tonto.

Não creio no que dizes. Já perdeste

Co's muitos anos o juízo antigo.

Servo

Pois deves crer-me. Com punhal agudo

Quer trespassar o colo da menina.

1285

Clitemnestra

Ai, infeliz de mim! Pois isso é certo?

Delirou meu marido?

Servo  
Só co'a filha,  
E contigo se mostra um peito insano. 1290  
Com tudo o mais tem são entendimento.

Clitemnestra  
E a causa qual será? Algum maligno  
Génio o assalta, constringe e desespera.

Servo  
Segundo diz Calcante, quem o inspira  
São as vozes de Apolo, a fim que a armada 1295  
Possa daqui partir.

Clitemnestra  
Mãe infeliz!  
Filha desgraçadíssima que morres  
Às mãos do próprio pai! E por qual causa?

Servo  
Para <que Menelau de novo [...]> 1300  
<De> Helena já roubada do Troiano.  
Morre por uma <infida pura virgem>, uma inocente.

Clitemnestra  
Com que prescrito estava pelos [...]  
Que o retorno de Helena para a Grécia  
De Ifigénia a vida nos custaria? 1305

Servo  
É certo. Manda Apolo que a menina  
A Diana se ofereça em sacrifício.  
Assim convém ao mísero Agamémnon.

Clitemnestra  
E por que causa bodas fraudulentas  
Me fizeram partir dos pátrios lares? 1310

Servo

Para poderes vir alegre e pronta  
A bodas tão felizes.

Clitemnestra

Ai que à morte  
Não só tu, filha, vens. Mas companheira  
Nela terás a quem te dera a vida.

1315

Servo

Por certo que ambas vós sofreis acerba,  
Extrema, infelicíssima desgraça,  
E Agamémnon se atreve a ação horrível.

Clitemnestra

Perdida estou. Meus olhos já não podem  
O pranto reprimir.

1320

Servo

Lágrimas cruas  
São as de mãe, que perde os caros filhos.

Clitemnestra

E como sabes tu distintamente  
Tão secretas notícias?

Servo

Nova carta  
Eu ia já levar-te...

1325

Clitemnestra

A dar-me pressa  
Em conduzir à morte a própria filha?

Servo

Não. Mas para a jornada não fazeres.  
Porque tinha voltado ao seu juízo

1330

O misérrimo rei.

Clitemnestra

E qual motivo

Tiveste, em não trazer-me a fausta carta?

Servo

Tirou-ma Menelau. Ele foi causa

De tão amargo mal.

1335

Clitemnestra

Ouves, ó filho

De alta deidade e de Peleu famoso,

Ouves estes segredos impensados?

Aquiles

Ouço que és a mulher mais infeliz.

E que eu um homem sou, em cujo peito

Arde não leve dor.

1340

Clitemnestra

De desposórios

Pretexto com Aquiles leva à morte

Minha inocente filha.

Aquiles

Já te disse,

Que ardo em não leve dor contra Agamémnon.

1345

Clitemnestra

Pudor não devo ter de já prostrar-me

A teus pés, e abraçar os teus joelhos;

Que eu <sou> mulher mortal, e tu de deusa

És alto filho. E porque em tanto aperto

Me lembrará que sou rainha altiva?

Não pede toda a ação mais abatida,

Não pede toda a indústria mais potente,

1350

O salvar (se é possível) uma filha?  
Dá-me socorro, ó semideus famoso, 1355  
Vale à que foi (posto que em vão) ditosa  
Consorte de um Aquiles, e por isso  
Conduzi como noiva já coroada.  
E agora, como <a> morta, novamente  
A coroa mudarei em tristes flores. 1360  
Como afronta a ti feita essa ação toma,  
Porque, se bem que de Himeneu os laços  
Não se apertaram, inda assim tiveste  
De esposo o doce nome e novo amigo.  
Rogo-te pois por essa ilustre dextra, 1365  
E por tua grande mãe, que no mar reina,  
Que se Aquiles nos mata involuntário  
Aquiles nos dê vida generoso.  
Eu não busco outro altar por meu asilo,  
Se não teus pés. Aqui não tenho amigos. 1370  
Agamémnon cruel se mostra agora.  
Enganada aqui vim. Entre soldados  
Me vejo, gente audaz, pronta a tumultos.  
Mas que assim como é dada a ações iníquas,  
Também, se quer, as justas favorece. 1375  
Por onde se a valer-nos te resolves,  
Estendendo esse braço, somos salvos,  
Se não nos dás favor, somos perdidos.

#### Coro

O ser mãe é linguagem que assaz move.  
É peito onde alto amor mais se conhece. 1380  
Por isso é tão comum suportar penas  
E insólitas fadigas pelos filhos.

#### Aquiles

Meu ânimo de ideias generosas  
[...] os outros se eleva. Nas desgraças  
Alheias compadece-se, nas próprias 1385  
Sofre-as. Se amigo é o fado, prazer sente,

Delas com moderação.

Coro

Sábios e honestos

Somente os homens são de tais costumes,

Que assim conduzem retamente a vida. 1390

Aquiles

Convém contudo às vezes a prudência

Não praticar em néscia demasia.

Mas comumente é ótima virtude.

De Quíron, alto mestre de piedade,

Aprendi praticar simples costumes 1395

E singelas palavras. Se os Atridas

Nos governarem com justiça reta,

Obedientes seremos. <E> se <obram>

Sem razões, deles caso não faremos.

Meu espírito livre aqui e em Troia, 1400

No que toca ao valor, mostrarei sempre,

Injustas sujeições aborrecendo.

Quanto a ti, ó rainha, que assim sabes

Sofrer coisas atrozes, está certa,

Que quanto obrar puder a teu respeito 1405

Aquiles obrará. Compaixão sinto

De mãe aflita, de inocente filha,

Que o nome teve já de minha esposa.

Espero, não será vítima iníqua

E que o pai, <com> seus dolos, não abuse 1410

Outra vez do meu nome. Bem que o ferro

Eu não seja quem alce contra a vida

Da enganada princesa. É o meu nome

Quem finalmente a mata, sendo a causa

Seu pai audaz. Nem o meu corpo isento 1415

<Fica de tal qual mancha>, se a mãe

Perder a meu respeito a régia virgem,

Que tolera sentença tão impia

Com tanto vilipêndio do seu sangue.

Serei um homem réu, homem covarde 1420  
 (E um herói Menelau), nem serei filho  
 De Peleu, mas de algum maligno génio,  
 Se tal sofrer. Juro-te pois, rainha,  
 Por Nereu, nume undoso, e pela deusa  
 Minha prezada mãe, que esse Agamémnon 1425  
 Nem sequer tocará nas vestiduras  
 Da pretendida filha em sacrifício.  
 Antes será mais fácil ser famosa  
 Cidade, ó ignoto sigilo, que berço  
 Aos dois Atridas dera, e a grande Ftia, 1430  
 Que é minha pátria, ficará sem fama.  
 Calcante que recolha os costumados  
 Instrumentos que traz aos sacrifícios.  
 Que homem é Calcante? Um agoureiro  
 Que acerta em poucas coisas e erra em muitas. 1435  
 Ver-se-á se acerta agora. Se não, d'arte  
 De adivinhar farei o justo preço.  
 Se assim me empenho, amor não é quem obra.  
 Se eu quisesse himeneu, não faltariam  
 Princesas a escolher. Isto não digo 1440  
 Por ufana vaidade, mas sincero.  
 Valer-vos quero, porque assaz piedade  
 Merece o vosso aperto, não obstante  
 A afronta de Agamémnon o qual devia  
 Pedir o meu consento para o engano, 1445  
 Que eu fácil consentira em dar meu nome.  
 Visto ser comum bem a toda a armada,  
 Dever sacrificar-se Ifigénia.  
 Mas visto está que quem governa a empresa  
 Por um homem me tem que pouco importa, 1450  
 E nenhum caso faz d'heroicos feitos  
 Se obrem, ou não se obrem. Porém minha espada  
 Banhada em largo sangue há de mostrar-lhe  
 Quem seja Aquiles, antes de ir a Troia,  
 Se ele, ou alguém, tocar Ifigénia. 1455  
 Entretanto sossega-te, rainha,

Que em mim te apareceu aqui um nume,  
Não porque o seja, mas porque o socorro  
Parecerá divino.

Coro

Tens, ó filho 1460  
Do grão Peleu e da cerúlea deusa,  
Dito coisas de ti somente dignas.

Clitemnestra

E eu que direi? Como hei de agradecer-te  
Com vozes de louvor, nem excessivas,  
Nem parcas, que eu tua graça não ofenda? 1465  
Porque os homens que têm virtude interna,  
Se ouvem nímios louvores, aborrecem  
Aos mesmos louvadores extremosos.

Por outra parte sinto em mim vergonha  
De queixas produzir, dignas de pranto, 1470  
A quem nelas não deve acompanhar-me,  
Por faltar-lhe interesse para a pena.

Tu livre e solto estás. Contudo um homem  
Que é, como tu, magnânimo e piedoso  
Também lá se interessa em dor alheia. 1475

Novamente te rogo o teu auxílio,  
Porque é digno de auxílio o nosso fado.  
E não menos também (como bem sabes)  
Porque, como eu meu genro te supunha,  
Morrendo minha filha, infausto agouro, 1480

A sua morte fará (como creem todos)  
Às núpcias verdadeiras. E assim debes  
A bem teu empenhar-te em que ela viva.  
Mas assaz generoso te explicaste  
No princípio e no fim do teu discurso, 1485

De que hás de dar a vida à minha filha,  
Visto queres com constante empenho.  
Quererás talvez tu que ela apareça  
A lançar-se a teus pés em ato humilde,

Como homem que despreza? Eu bem conheço 1490  
Que impróprias são tais coisas de uma virgem.  
Pintado o pejo lhe verás na fronte,  
Mas gesto generoso ao mesmo tempo.

Aquiles

Não a faças sair. Honesta virgem  
Ama honesto pudor. 1495

Clitemnestra

Sem que padeça  
O casto pejo, aparecer bem pode.

Aquiles

À presença tua filha não me tragas,  
E ação indecorosa não obremos.  
Em ócio numerosa soldadesca 1500

Repara em tudo, e murmurando espalha  
Notícias que o decoro alheio ofendem.

Certas podeis estar de que sou vosso,  
Ou me rogueis, ou não. Lhe farei guerra,  
Se necessário for. Eu não vos minto, 1505  
Como já vos mentiram. Se ludíbrio  
Nisto faço de vós, primeiro eu morra.

Clitemnestra

Propício o céu te seja, ó herói preclaro,  
Enquanto obras, já que de infelizes  
[Com quem] sentes piedade. 1510

Aquiles

Para a empresa  
Próspera ser, dá-me atenção, rainha.

Clitemnestra

Dize, Aquiles, que assaz com gosto te ouço.

Aquiles

Novamente a Agamémnon persuade,  
Que tome em sua ação melhor conselho.

1515

Clitemnestra

De meu marido o natural caráter  
É ser tímido e frouxo. Das esquadras  
Tem concebido medo.

Aquiles

Porém deve

Razão maior prevalecer constante  
À razão que é menor.

1520

Clitemnestra

Fria esperança

Concebo, se Agamémnon entra nela.  
Porém, diz-me enfim o que obrar devo.

Aquiles

Suplica-lhe primeiro instantemente

1525

Que dos filhos não seja atroz verdugo.  
Porém, se ele não der pelos teus rogos,  
Recorre então a mim. Virei falar-lhe.

E no caso que anua ao meu empenho,  
Não há para que adiante mais passemos,  
Conseguimos em paz o desejado.

1530

Eu então cederei de minhas iras,  
Passando pela ofensa de um amigo,

E não terá o exército motivo

Para de mim queixar-se, tendo isso

1535

Que com sábia prudência eu me portara,

E não com força armada. Deste modo

Se a ação se conseguir, sem aparatos

Vós felizes sereis.

Clitemnestra  
Sábio falaste 1540  
Isso só dita cauto entendimento.  
Mas se eu não alcançar rendê-lo a rogos  
Onde te hei de buscar a dar resposta?  
Onde poderei ver-te novamente,  
E com teu braço reparar meus danos? 1545

Aquiles  
Descansa que hás de ver-me em teu socorro  
Onde preciso for. Serei teu guarda,  
Para que não te veja<algum dos> Gregos  
Desanimada e exangue com afronta  
Do Tindárido nome, sempre ilustre 1550  
E nas gregas regiões de grande apreço.  
E assim não temas de ficar indigna  
Da prosápia de Tíndaro.

Clitemnestra  
Obedeço  
Ao que me determinas. Se há deidades, 1555  
Tu que, como estou vendo, és homem justo,  
Vencedor sairás de justa empresa.  
Se não há deuses, de que serve obrares?

Coro  
Oh quem te vira  
Nas faustas núpcias 1560  
Da undosa Tétis,  
Doce himeneu!  
Quem te ouvira tanger a flauta líbica,  
Quem te ouvira pulsar a doce cítara  
Que a saltos festivos os pés convida, 1565  
Correspondendo às líras das Camenas,  
Calçando as Musas  
Áureos coturnos,  
Soltando as tranças

De áureas madeixas.	1570
Subiram por aplauso ao monte Pélío E com festivos sons, vozes harmónicas Soar fizeram da cerúlea Tétis E de Peleu os nomes pelos salões <sup>77</sup> .	
Com áureas taças	1575
Desceu do Olimpo O frígio moço, Que roubou Jove, Nas mesas ministrando o néctar cândido.	
Por distinto prazer às bodas ínclitas,	1580
E formando coreas <sup>78</sup> pela areia Cinquenta filhas de Nereu undoso. De frescos ramos	
Vejo coroados	
Vir os Centauros	1585
Às régias mesas, Logrando a companhia das Olímpicas Deidades concorrentes, e do báquico Licor <bebendo> com alegres brindes, Augura<ram> a progénie esclarecida.	1590
Tessálias virgens Ledas cantavam. Viva a alma Tétis Glória das ondas.	
Ali então o fausto deus fatídico,	1595
E Quíron, cultor grande das Piérides, Glórias cantaram do futuro Aquiles. Terror dos Teucros, glória dos Argivos.	

<sup>77</sup> A leitura paleográfica sugere a palavra “selons”; efetivamente, as três primeiras letras são “sel”, terminando o vocábulo com “ns”; a letra em falta indicia a presença de um “o” ainda que menos fechado do que o autor habitualmente utiliza.

<sup>78</sup> A leitura paleográfica não encontra correspondência a qualquer vocábulo presente noutras fontes. Pelo contexto de utilização, a palavra referir-se-á a uma forma ou configuração, hipoteticamente linhas ou círculos.

Deste consórcio	
(Quíron dizia)	1600
Nascerá prole	
De Marte digna.	
Chefe será de uns esquadrões mirmídones	
E o reino assolará do ilustre Príamo,	
A cinzas reduzindo as altas torres	1605
Da misérrima Troia antes florente.	
A mãe divina	
Lhe dará armas,	
Que serão obra	
Do deus Vulcano.	1610
Mas ai que vejo a Ifigénia mísera,	
Cingindo as fontes de grinalda lúgubre,	
Como se põem no sacrifício à Cerva,	
Colhida na espessura montanhosa.	
Cruéis Argivos	1615
Banharão ferros	
No rubro colo	
Da infeliz virgem.	
Já <respeito> não tem pudor virgíneo,	
Não prende já beleza os braços ímpios,	1620
Reina só impiedade, e as leis vencidas	
São pelo orgulho e horrenda Injustiça.	
Oh não suceda	
Que os deuses vinguem	
<Tanta> impiedade	1625
Dos gregos peitos.	

## Ato 5º

### Cena 1ª

#### *Clitemnestra, Agamémnon, Ifigénia*

Clitemnestra

Saio agora buscando a meu marido,

Que há muito que <o> não vejo. E deixo a filha  
Lá dentro entregue às ânsias mais violentas,  
Sabendo já quanto seu pai maquina 1630  
Contra <a sua> inocente, infeliz vida.  
Mas oh! Eis que aqui chega a quem procuro.  
E que ideias malvadas traz na mente  
Contra os mesmos (Oh céus) que ele gerara.

Agamémnon  
Em oportuno tempo aqui te encontro, 1635  
Ó Clitemnestra, a fim de discorrermos  
Sós por sós a respeito destas bodas,  
Que não é decoroso ouçam donzelas.

Clitemnestra  
E que é isso que tens para dizer-me?

Agamémnon  
Manda que saia fora Ifigénia, 1640  
Que quero que ela assista ao sacrifício  
Preparatório às núpcias, e que o ferro  
Lance por próprias mãos na sacra chama.  
Preparado está tudo, agora, bezerra,  
<Vasos> que colham o imolado sangue 1645  
A Diana propícia nestas bodas.

Clitemnestra  
Tu falas sabiamente, enquanto às vozes,  
Enquanto às obras, eu não sei que nome  
Deva dar-lhes. Sai fora, Ifigénia,  
Obedece a teu pai, de quem já sabes 1650  
As secretas ideias. Também traze  
O teu menino irmão. Mais obediente  
Não pode a filha ser a teus preceitos.  
Aqui presente a tens. O mais que resta  
Pertencente a nós ambos, dizei logo. 1655

Agamémnon

Filha, tu choras? Por que causa os olhos  
Em mim não pões, antes em terra os fixas,  
E descendo esse véu, a fronte escondes?

Ifigénia

Ai de mim! Eu não sei por onde deva  
Dar princípio a meu mal inesperado. 1660  
Não sei formar discurso. Ignoro os traços  
E arte, com que outros a sua fala intimam.

Agamémnon

Que estranha novidade em vós observo?  
Em ambas vejo a alma perturbada,  
E semblante abatido! 1665

Clitemnestra

Abre teu peito,  
E dize-me com toda a singeleza ...

Agamémnon

Não tens que me exortar. Direi sincero.

Clitemnestra

É verdade, Agamémnon, que pretendes  
Nossa filha oferecer em sacrifício? 1670

Agamémnon

Não me fales em coisas tão horrendas.  
Donde te vem suspeita tão estranha  
Que não deverá vir-te ao pensamento?

Clitemnestra

Não é essa a resposta ao que eu pergunto.

Agamémnon

Pois pergunta-me coisas convenientes, 1675

E terás a resposta merecida.

Clitemnestra

O que pergunto é isto. Unicamente

Disto quero resposta.

Agamémnon

Oh atroz fado!

Oh nume que me arrastas!

1680

Clitemnestra

Esse nume

É quem também arrasta a mãe e a filha.

É um fado só quem faz três infelizes.

Agamémnon

Pois tu em que te julgas desgraçada?

Clitemnestra

E ainda ânimo tu tens para fazeres

Tão dolosa pergunta?

1685

Agamémnon

Estou perdido.

Já manifestos são os meus arcanos.

Clitemnestra

Tudo já sei. Ignota a meus ouvidos

Essa ideia não é, que atroz máquinas.

E a não sabê-lo, esse silêncio mesmo,

Esses suspiros são sinais bem claros.

Acusando-te estão.

1690

Agamémnon

Calar convém-me,

Pois que dize. Dizendo falsidades,

Os meus males faria mais acerbos,

1695

Acrescentando a eles imprudência.

Clitemnestra

Ouve-me pois. Por uma vez patentes  
Os pensamentos meus quero fazer-te,  
Sem mínimo rebuço. E para dar-te 1700  
Logo uma viva dor que te envergonhe,  
Lembra-te que eu casei contigo invita.  
Se me tens, fui roubada. À dura força,  
A morte dando a Tântalo, primeiro  
Meu caro esposo, e a um meu infante filho, 1705  
Possuíste tirano o meu consórcio.  
Por onde meus irmãos, filhos de Jove,  
Famosos em domar bravos ginetes,  
Te declararam guerra. E se respiras,  
A vida a meu pai Tíndaro só deves. 1710  
Porque humilde buscaste o seu asilo,  
E comigo por fim tanto pudeste,  
Que, esquecida dos danos já causados,  
Consenti no consórcio. Testemunha  
Sê tu mesmo, se achaste em algum dia 1715  
Coisa em mim que manchasse os santos laços  
De um pudico himeneu e que ofendesse  
O decoro da casa, consentindo  
Liberdades a Vénus. Qual desgosto  
Clitemnestra te deu, que te apontassem 1720  
Por marido infeliz no seu consórcio  
Os de casa e os de fora? Assaz ditoso  
É quem tem mulher tal, <não só> pudica,  
Mas das rendas <da casa> aumentadora,  
Coisa tão rara a ver nestas idades. 1725  
Além disto <eu> te <dei> neste menino  
Herdeiro <para> reino. Dei-te filhas,  
Para teres alianças proveitosas,  
E uma delas matar-me agora queres  
Com estranha sevícia, a um pai horrível. 1730  
Se alguém te perguntar por que tal obras,

Que lhe hás de responder? Eu a resposta  
 Serei quem dê por ti. Porque dar queres  
 Helena a Menelau. Famosa empresa!  
 É uma ação de imortal glória digna, 1735  
 Por tornar a comprar mulher infida  
 Ao leito conjugal, mulher infame.  
 À santa honestidade matar filhos,  
 Vindo a dar, o que deve ser <mais> caro,  
 Por coisa que em si é a mais odiosa. 1740  
 Dize-me mais. Se contra Troia fores,  
 E lá te demorares longo tempo,  
 Ficando eu solitária em triste casa,  
 Quais cuidas que serão meus pensamentos  
 Vendo-me mãe, já sem a amada filha, 1745  
 Única a enxugar prantos de ausência?  
 Ao entrar no seu quarto, ao pôr os olhos  
 Nos vazios assentos que ocupava  
 A mísera menina, e nos lugares  
 Onde antes divertia a tenra idade, 1750  
 Que direi, filha, em solitário pranto?  
 O que agora te digo aqui presente:  
 Teu pai, aquele mesmo que te dera  
 A doce vida, te dá morte amarga.  
 É ele, é ele só e nenhum outro 1755  
 Quem te mata. Não busca mão alheia,  
 À sua casa deixando tais memórias,  
 Para ser cá chorado, quando morto.  
 Eis aqui a mercê que lhe devemos.  
 Não causará espanto, se ao tornares, 1760  
 Como mereces, fores recebido.  
 Ah, não me obrigues ... Não. Pelas deidades  
 Te rogo, que de amante a ser-te infesta  
 Não me constranjas, nem também te mostres  
 Malvado contra mim. Ora se à filha 1765  
 A vida tiras, qual amiga paga  
 Esperas de Diana, deusa justa?  
 Não temes infaustíssimo retorno

Por tanta atrocidade antecedente?  
 E que digo retorno? Bom sucesso 1770  
 Na perigosa empresa? As divindades  
 Teria eu por estultas, se ajudassem  
 Ao mesmo atroz verdugo de seus filhos.  
 Quais hão de ser aqueles, que ao voltares  
 Par'Argos, vás correndo a dar os braços, 1775  
 E deles receberes os amplexos,  
 Se cuidaste antes em deixá-los mortos,  
 Por uma iníqua, vã, malvada ideia?  
 Nada podes negar disto que digo.  
 Entendes que te basta empunhar cetro 1780  
 E seres dessa armada o sumo chefe?  
 O que fazer devias era aos gregos  
 Capitães convocar, e assim falar-lhes:  
 Quereis à vela dar, Aqueus guerreiros,  
 A Troia demandando? Tirai sortes 1785  
 E por elas se saiba qual é a filha,  
 Que deve cair vítima a Diana.  
 Todos iguais ficavam no seu dano,  
 E não tu só entre infinitos gregos  
 Sujeito a dar na filha a rês às aras. 1790  
 Ou também procederes de outro modo.  
 Menelau desse Hermíone sua filha  
 Pela mãe, que da guerra era amorosa.  
 Eu só é que hei de ser a castigada?  
 Eu que te guardo o tálamo sem mancha? 1795  
 Irá malvada mãe levando a filha  
 Para Esparta, e mãe casta, mãe sem culpa  
 A infeliz será a abandonada?  
 Responde-me, se neste meu discurso  
 Injusta coisa digo. Ora Agamémnon! 1800  
 Resolve lá. Se o que pondero é justo,  
 Não queiras ser tirano. A filha viva,  
 E vive tu c'ò nome de pai digno.

Coro

Atende, ó rei prudente, à justa esposa.  
Que assaz é natural, é terno e doce 1805  
A vida conservar dos caros filhos.  
Não pode haver mortal que isto me negue.

Ifigénia

Se eu possuía, ó pai, a voz facunda,  
Que me dizem, tivera Orfeu famoso,  
Qual até movia as mesmas pedras, 1810  
Eu empregara agora a minha língua  
Em comover teu peito empedernido.

Porém já que não sei, só te apresento  
Único pranto que é também facundo,  
E vozes em que somos poderosas. 1815

A teus pés já prostrada, e teus joelhos  
Abraçando (qual homem que suplica).  
Quem nasceu do teu sangue às vitais luzes  
Por benefício desta miserável,  
Te roga, que <ainda> antes do seu prazo 1820

Não lhe tires a vida. Oh quanto é doce  
Ver os raios do sol. E oh quanto amargo  
Ir ver lúgubres coisas lá no Averno.  
Ai! Lembra-te que eu fui a que primeira  
Te chamou pai, e tu chamaste filha, 1825

Deixando-me brincar no teu regaço,  
Em que gosto sentias, e eu não menos.  
Recorda aquelas vozes carinhosas  
Com que nos doces tempos me afagavas.  
Inda me lembram: Praza aos céus, ó filha, 1830

Que eu te veja empregada em bom marido  
Sempre afagada da fortuna amiga  
Desfrutando feliz anos florentes,  
E ditosos fazendo os meus caducos.  
Eu então do teu colo suspendida 1835

Te dizia (conservo inda a memória):  
Pois eu hei de deixar-te, ó pai querido?

E não hei de ser eu quem de ti cuide,  
 Quem te alinhe na idade decadente,  
 Pagando, como posso, o amor extremo 1840  
 Com que criada fui? Tal não suceda.  
 Ah que esquecido estás de tais carícias,  
 E assaz o mostras nessa atroz ideia!  
 Mas oh! Não seja assim. Eu to suplico  
 Por Pélops e teu pai Atreu. Por esta 1845  
 Mísera mãe, a quem já custei dores,  
 E novamente as causo mais acerbas.  
 E eu que tenho, meu pai, c' os desposórios  
 De Páris com Helena? Porque veio  
 Ele para meu dano? Porque os 1850  
 Em nós não pôes? Concede-nos ao menos  
 Podermos ver-te a frente, que inda é grata.  
 Um ósculo paterno por memória,  
 Em despedida dá na aflita filha,  
 Se é que ela há de morrer, e não têm força 1855  
 A abrandar o teu peito as minhas vozes.  
 Vê se podes mais que eu, ó caro Orestes.  
 Bem que vozes formar inda não saibas,  
 Com choro roga ao pai, que não me mate  
 Que até nos peitos infantis domina 1860  
 Não sei que senso nos fatais desastres.  
 Se mudo fica, ó pai, no seu silêncio  
 Por um estranho modo está falando,  
 Rogando-te o perdão à minha morte.  
 Se o que eu <disse> não sabe comover-te, 1865  
 Saberá isto agora, que em meu simples  
 Parecer a alma mesma o inspira a todos.  
 Nós mortais não há coisa mais suave,  
 Nem que mais se apeteça do que a vida.  
 Ir habitar com sombras lá no fundo 1870  
 Ouço a todos dizer que é coisa horrenda.  
 Por isso se reputa por estulto  
 Quem deseja morrer, e todos julgam  
 Que melhor é viver com infortúnios,

Do que a vida acabar com glória e fama. 1875

Coro

Oh misérrima Helena! Tu és causa  
De lide tão cruel entre os Atridas.  
Esses teus desposórios imprudentes  
Quando serão fatais de Atreu ao sangue!

Agamémnon

Eu conheço mui bem, onde é preciso, 1880

E onde não, praticar piedosos modos.  
Mais que insano eu seria, se no peito  
Vivo amor não sentisse por meus filhos.

O céu sabe qual dor trespassa est'alma  
Em obrar tal ação, e sabe o quanto 1885

Igual dor sentiria em não obrá-la,  
Pois fazê-la convém. Vedes, vós outras,  
Toda esta armada? Quanto é numerosa?

Vedes de toda a Grécia os poderosos  
Com braço armado? Pois soltar as velas 1890

Contra os muros de Troia nenhum pode,  
Se eu te não sacrifico, ó Ifigénia,  
Como preserve o áugure Calcante.

Todo o exército quer assaltar Troia,  
Para que não se atreva a frígia gente 1895

A praticar de novo essa insolência  
De <vir> roubar mulheres aos Argivos.  
Se à vingança eu obstar, salvando a filha,

Elas, as outras que em Argos inda tenho  
E eu mesmo, com o resto do meu sangue, 1900

Objeto enfim seremos do irritado  
Grego furor. Não te persuadas, filha,

Que Menelau me vence, que seus rogos  
Me fizeram ceder. Não certamente.

Vence-me a Grécia, à qual obstar não posso. 1905

Queira, ou não queira, devo oferecer-te  
Por vítima a Diana. Neste transe

Havemos de ceder e dar castigo,  
Aos bárbaros mostrando-lhes que um grego  
Não deve ser privado da consorte. 1910  
*(vai-se)*

Clitemnestra  
Ai <que dor>, ó mulheres forasteiras,  
Que testemunhas sois da minha angústia!  
Ai de ti, desgraçada Ifigénia,  
Vês como teu pai parte endurecido,  
E resoluto a dar-te aos negros Manes? 1915

Ifigénia  
Vejo sim. E ai de ti, mãe infeliz,  
Que também serás vítima da filha  
Estalando de dor! Enfim o fado  
Decretou que eu não visse mais de Febo  
Os vitais resplendores. Oh infestas 1920  
Frígias montanhas, que já destes berço  
A Páris, arrancando com violência  
Por Príamo do seio da consorte,  
Escondendo o pastor entre os pastores.  
Prouvera ao céu que nesse fatal Ida 1925  
Jamais se ouvisse o pleito das deidades,  
E o juiz tu não fosses em meu dano.

Coro  
Ai quantos danos são os de que és causa,  
Estulta Helena, a todo o grego povo!  
Mas sobretudo a ti, régia donzela, 1930  
Em quem a flor da idade hoje se murcha.  
Assaz me fere o peito teu desastre.

Ifigénia  
Eu vejo, ó mãe, ao longe grega turba  
De homens armados. Ai de mim!

Clitemnestra  
Não temas, 1935  
Que é o filho de Tétis por quem foste  
De Argos mandada vir para consorte.

Ifigénia  
Servas, abri-me a porta e acompanhai-me  
Que <preciso> se faz.

Clitemnestra  
E <de quem> foges? 1940

Ifigénia  
Fujo de Aquiles. Sinto pejo em vê-lo  
Vendo tão malogradas minhas bodas.

Clitemnestra  
Assim é que não foram venturosas.  
Porém que razão há para a fugida?  
O caso é por ventura vergonhoso? 1945  
Não te retires, fica aqui comigo.

**Cena 2ª**  
*Aquiles e os ditos*

Aquiles  
Ó filha infelicíssima de Leda!

Clitemnestra  
Assaz falas verdade, assim dizendo.

Aquiles  
Ouve-se alto rumor na grega gente.

Clitemnestra  
A respeito de quê? 1950

Aquiles  
De Ifigénia.

Clitemnestra  
Infausto agouro tomo, do que dizes.

Aquiles  
Teima-se em que há de ser sacrificada.

Clitemnestra  
E não houve quem forte se opusesse?

Aquiles  
Houve Aquiles. Porém, como se opunha 1955  
À imensa multidão, estive em risco  
De jazer afrontado.

Clitemnestra  
E como?

Aquiles  
A golpes 1960  
De pedras em chuveiros, que caíam,  
A dar<em-me co'a> morte sepultura,  
Por querer a tua filha dar a vida.

Clitemnestra  
E quais foram os braços tão ousados?  
Contra ti? Pois tiveram tanto arrojo?

Aquiles  
Eram os Gregos todos. 1965

Clitemnestra  
E os teus fortes  
Mirmidões por ti não combatiam,  
Defendendo o seu chefe?

Aquiles  
Esses primeiro  
Foram na sedição, e meus adversos 1970  
Se declararam.

Clitemnestra  
Deste modo, ó filha,  
Bem nos podemos dar já por perdidas.

Aquiles  
E diziam-me alguns, que o interesse  
Das bodas me obrigava a tanto excesso. 1975

Clitemnestra  
E tu que respondias?

Aquiles  
Claramente  
Dizia, que tal virgem imolada  
D'Argos viera para minha esposa.

Clitemnestra  
Sábio disseste, o que dizer devias. 1980

Aquiles  
Que o pai ma prometera. Assim bradava,  
Pela vida da noiva protestando.  
Mas do tumulto a horrenda gritaria  
Sufocava-me as vozes.

Clitemnestra  
Muito pode 1985  
Alvorotado povo. É feroz monstro.

Aquiles  
Contudo inda em valer-vos não desisto.

Clitemnestra  
Pois tu só contra tantos?

Aquiles  
E esta gente  
Vês armados aqui? 1990

Clitemnestra  
Os céus disponham  
Que de ânimo não mudes.

Aquiles  
Serei sempre  
O que te prometi.

Clitemnestra  
Pois minha filha 1995  
Não será morta?

Aquiles  
Não. Por meu consenso.

Clitemnestra  
E quem será aquele que a buscá-la  
Virá?

Aquiles  
Dizem que mil, seguindo a Ulisses. 2000

Clitemnestra  
O condutor será esse que é raça  
De Sísifo?

Aquiles  
Esse mesmo. Mas não temas.

Clitemnestra  
E vem por seu querer, ou vem mandado?

Aquiles  
Voluntário é que vem, com grande gosto. 2005

Clitemnestra  
Com que escolheu manchar-se em sangue alheio.

Aquiles  
Freio em mim achará sua ousadia.

Clitemnestra  
Enfim há de levá-la com violência?

Aquiles  
Convém primeiro retirá-la.

Clitemnestra  
E salva 2010  
Da morte ficará?

Aquiles  
Essa ventura  
Pode ser finalmente que suceda.

Ifigénia  
Ouve-me agora, ó mãe. Eu já conheço  
Que em vão contra meu pai te tens irado. 2015

E coisas que não pôde a nossa força  
Feminil alcançar, de balde tenta  
Outro poder manter. Contudo é justo  
Dar o digno louvor a quem presente  
Nos oferece o amparo generoso. 2020

Tu, cauta, deves ponderar que podes  
Ser acusada de que a este empenhas  
Em coisa que amotina a toda a armada,  
E venha ele a sentir um grave dano.  
Ora <atende-me agora ouve uma ideia> 2025  
<Que ocorre e não julgo ser>

Me vem. Quanto a mim, não é delírio.  
 Gosto já de morrer. Porém com glória  
 Quero acabar. Por onde de meu peito  
 Expulso já todo o funesto senso 2030  
 E pensamentos lúgubres de morte.  
 Vê se sábia eu discorro. A Grécia toda  
 Em mim os olhos põe, arbitra sendo  
 Da partida da armada, e do castigo  
 Que os Troianos merecem. Torpe povo 2035  
 Aprenda a não roubar mulher alheia.  
 Serei para os futuros vivo exemplo,  
 Pois que pende de mim o Teucro estrago  
 Pelo roubo de Helena, e as nobres Gregas  
 Aprendam a não crer em outros Páris. 2040  
 E que glória imortal eu não alcanço  
 Em pôr em liberdade decorosa  
 Sem receio de insulto a pátria cara?  
 Na verdade, eu não devo amar a vida,  
 Porque se à luz vital, ó mãe, me deste 2045  
 Não foi para ti só, foi para a Grécia.  
 Cento e cento de heróis assim o entendem  
 Que da pátria aqui vêm forçando remos  
 Para darem nas vidas glória a Gregos  
 E pôr um freio à barbara insolência, 2050  
 Vingando agora o recebido insulto.  
 Pois porque há de servir de impedimento  
 A vida de uma só a tantas glórias?  
 Eu tenho por ventura algum direito  
 Que a este contradiga? Com quais forças 2055  
 De palavras se pode opor a isto?  
 Morra pois uma inútil, viva Aquiles.  
 Este é que não convém oferecer-se  
 A risco, contra todos combatendo  
 Só por uma mulher. Qualquer dos homens 2060  
 Merece muito mais, que mil mulheres,  
 Gozar da luz vital. Por outra parte,  
 Se a vida que Diana aponta é a minha

E não outra, eu mortal a uma deidade  
 Opor-me deverei sem estultícia? 2065  
 Espontânea dou pois meu corpo à Grécia,  
 (Bem que o mande uma deusa) caia embora  
 A filha de Agamémnon, se com ela  
 Há Troia de cair. Minhas memórias  
 Nas futuras idades, minhas bodas, 2070  
 Meus filhos sejam esta ação gloriosa.  
 Justo é que o grego povo impere livre  
 Sobre bárbara gente, e lei lhe imponha,  
 Q' em servidão os bárbaros nasceram,  
 E os Gregos em altiva liberdade. 2075

Coro

Oh quanto de teu peito os sentimentos  
 São generosos, ó real donzela!  
 Mas igualmente oh quanto o teu destino,  
 E o nume que te manda são acerbos.

Aquiles

Tu, de Agamémnon filha esclarecida, 2080  
 Causas espanto ao coração de Aquiles.  
 Venturoso eu mil vezes, se algum nume  
 Por especiosa graça me fizesse  
 Possuidor de uma esposa tão prestante.  
 Julgo por ti feliz a Grécia toda, 2085  
 E pela Grécia a ti, agora que ouço  
 <Tão> heroico falar, da pátria digno,  
 Deixando de te opor aos altos deuses,  
 Que são, mais que os humanos, poderosos,  
 E julgando ser bom e útil aquilo, 2090  
 Que dura precisão impõe e manda.  
 Ness' alma sábia e reta eu refletindo,  
 Arder me sinto por tão altas bodas,  
 E por isso ardo mais em defender-te,  
 E a dor do teu destino me trespassa. 2095  
 Se isto é verdade, em testemunha chamo

A Tétis, minha mãe. Ah se eu não livro  
Do atroz perigo vida tão prestante,  
Com toda a Grécia em peso combatendo,  
Oh que dano fatal será tua morte! 2100

Ifigénia

Eu, quando assim falei, ninguém na mente  
Tive em particular. Tu não te empenhes  
Se não por essa esposa que roubada  
A seu marido foi, por ser fermosa,  
E agora à justa guerra leva esposos, 2105  
Para em paz as consortes segurarem.  
Por mim eu te requeiro que o teu sangue  
A perder não exponhas, nem a vida  
Tires a Grego algum. Salvar me deixa  
Da Grécia o pundonor, se eu puder tanto. 2110

Aquiles

Oh sentimento heroico! Se aprovas  
Essa resolução, que dizer devo?  
Tu prendes minha língua, e a voz embargas  
A não dizer a cândida verdade.  
Queira o céu que depois não te arrependas. 2115  
Eu desistir não devo do que disse.  
Vou pôr-me junto à ara. Verão todos  
Que de armas eu provido não consinto  
Na crua ação, mas que feroz me oponho.  
Pode ser que então tu, quando o cutelo 2120  
Vires no ponto de ameaçar-te o colo,  
Minha defesa aproves. Eu não devo  
Mostrar-me vil, porque teu nobre peito  
(Bem que imprudente) mostra-se alentado.  
Eu vou já para o templo de Diana 2125  
Esperar a infeliz Ifigénia.

*(vai-se)*

Ifigénia

Porque em silêncio, ó mãe, as faces banhas  
De lágrimas perenes?

Clitemnestra

Pois não tenho

Causa excessiva.

2130

Ifigénia

Deixa-me em sossego,  
Não me aumentes mais dor. Faze-me um gosto,  
Em que empenhada estou.

Clitemnestra

Sim. Dize-o, filha.

Ifigénia

Rogo-te que não cortes as madeixas,  
Nem luto arrastres.

2135

Clitemnestra

Filha, que me pedes? Eu mostrar não devo  
De minhas mágoas os sinais sinceros?

Ifigénia

Não, que tu não me perdes. Serei salva.  
Antes por minha causa nova vida  
Mais gloriosa terás.

2140

Clitemnestra

Eu não te entendo.  
Pois não hei de chorar tão dura morte?

Ifigénia

Não. Nem alçar sepulcro às minhas cinzas.  
Seja o altar de Diana única urna.

2145

Clitemnestra

O que pedes, farei. Irás contente,  
Pois falas não só sábia, mas piedosa.

Ifigénia

Fá-lo como ditosa, que distinto  
A minha pátria benefício faço.

Clitemnestra

E que queres que eu diga, Ifigénia, 2150  
Às diletas irmãs que estão em Argos?  
Que recados lhes dás na eterna ausência?

Ifigénia

Que também não me chorem, que não vistam  
Por mim lúgubres vestes. Venturosos  
Os céus as façam. O meu tenro Orestes 2155  
Que cresça para ser um herói digno  
Do sangue que lhe corre pelas veias.

Clitemnestra

Por despedida aperta-o no teu seio.

Ifigénia

Vem cá, querido Irmão, dá-me os teus braços.  
Que quanto o teu silêncio permitia, 2160  
Por mim oraste.

Clitemnestra

Enfim, filha, que queres  
Que eu por ti obre em Argos, com que gosto  
Te dê lá na região das tristes sombras?

Ifigénia

Que jamais a meu pai mostres ter ódio, 2165  
Antes te lembres sempre que é esposo.

Clitemnestra

Desastres lhe virão por teu respeito.

Ifigénia

Porém sem culpa. Que ele, involuntário,  
Só pelo grego bem me oferece à morte.

Clitemnestra

Sempre ele procedeu com fraudulência 2170  
E por um modo tal, que Atreu ofende.

Ifigénia

Quem é que me conduz às aras sacras,  
[E ao] corte dos cabelos?

Clitemnestra

Eu, eu, filha.

Ifigénia

Não, por certo. Essa ação do teu juízo 2175  
Filha não é, nem decorosa ao sexo.

Clitemnestra

Hei de ir a teus vestidos arrastrada.

Ifigénia

Cede, querida mãe, ao meu desejo.  
Não faças o que intentas, que a nós ambas  
<não é decente ação>. Alguns dos servos 2180  
De meu pai conduzam para o prado,  
Onde vítima Diana me espera.

Clitemnestra

Com que, ó filha, já partes? Ai de mim!

Ifigénia

E para não tornar jamais a ver-te.

Clitemnestra  
Oh, que angústia mortal! Deixas tua mãe? 2185

Ifigénia  
E deixo-a por um modo dela indigno.

Clitemnestra  
Detém-te um pouco. Não me deixes só.

Ifigénia  
Não posso tolerar ver-te em angústias,  
Esperdiçando pranto. Vós, donzelas,  
Que fiéis me servistes, faustos hinos 2190  
Cantai à deusa, filha do alto Jove,  
Que eu vou já <dar> vitória e liberdade  
À grega gente, e o canto <já> começo.

Levai entre coreas<sup>79</sup>,  
Alegres servas, 2195  
Como em fausto triunfo  
<Vossa princesa>.

Em mim (crede-o, donzelas)  
Levais de Troia  
Quem destrua as muralhas 2200  
Sem mão armada.

Trazei belas grinaldas  
À vencedora,  
Que assaz é minha fronte  
De coroa digna. 2205

Ide, ledas, espalhando  
O licor sacro.  
Não cesseis das coreas<sup>80</sup>  
Em torno às aras.  
Cantai todas à deusa, 2210

---

<sup>79</sup> Vide nota anterior.

<sup>80</sup> Vide nota anterior.

Salve, ó Diana.  
Tu, dos bosques rainha,  
Salve, ó Diana.  
Tu, de Júpiter filha,  
Salve, ó Diana. 2215  
Este sangue virgíneo  
Ó nume, ela as iras aplaque  
À Grecia infaustas.

Coro  
Oh quanto de honras ó mãe digna  
Na filha <singular> que ao mundo deste! 2220  
Não te choramos, porque é vedado  
Nas aras pranto.

Ifigénia  
Não cesseis nos aplausos  
Da casta deusa,  
Vós festivas, donzelas, 2225  
Sócias amantes.  
Toda a Grécia não vedes  
De lança armada?  
Pois eu sou quem demoro  
Os seus triunfos. 2230  
Se em mim gozam os Gregos  
Excelso lume,  
Não duvido apagá-lo  
Em noite eterna.  
Lá teremos descanso, 2235  
Se aqui nos falta.  
Adeus já, para sempre  
Vitais alentos.

Coro  
Ai, caras sócias, que já se ausenta  
A alta heroína, que horrendo estrago 2240  
Vai dando o sangue com valor nobre,

À infeliz Troia.  
 Lá vai coroada de ilustres folhas,  
 Lá vai banhada do licor sacro,  
 Virgíneo sangue leda oferecendo 2245  
 À deusa virgem.  
 Já corre o sangue do níveo colo,  
 Já soam vozes de Aqueus festivos,  
 Vendo que o golpe corta as amarras  
 Dos fixos lenhos. 2250  
 De novo a filha do sumo Jove  
 Cantemos todas com culto pio,  
 Pedindo amparo, prósperos ventos,  
 À grega armada.

(*outra voz*)  
 Ó deusa ínclita, 2255  
 Que te deleitas  
 De humanas vítimas,  
 Faze que a Grécia  
 Aporte a Pérgamo,  
 E que Agamémnon 2260  
 Por justas dádivas  
 Grato te ofereça  
 Coroas áureas  
 Por monumento  
 Dos gregos ânimos. 2265

### Cena 3ª

#### *Mensageiro, Clitemnestra, Coro*

Mensageiro  
 Fora sai do aposento, ó Clitemnestra,  
 Que tenho que falar-te.

Clitemnestra  
 E que me queres?

Assim que a voz te ouvi, <qual> frio gelo,  
O sangue me parou. Ai quanto susto 2270  
Me faz toda tremer, convulsa, exangue.  
Não me venhas contar novo desastre,  
Que espírito não tenho para ouvi-lo.

Mensageiro

Sossega, que antes venho referir-te  
Coisas estranhas, coisas portentosas 2275  
Da ditosa imolada.

Clitemnestra

Então não tardes.  
Dize já, dize.

Mensageiro

Ora ouve o caso todo  
Com clara distinção, feliz rainha. 2280

Começarei com ordem do princípio,  
Se é que a não perturbar a mente errando  
Em tais quais circunstâncias alteradas.  
Assim que nós chegamos à floresta.

Em verde prado, consagrado à <virgem> 2285

Filha do sumo Jove, as belicosas  
Esquadras dos Aqueus foram seguindo

A generosa vítima. E chegada

Ao sítio do holocausto, de imprevisto

Cordão fizeram, e acolheram dentro, 2290

Cerrando mais o círculo. Agamémnon,

Que já presente estava, assim que a filha

Veio <buscar> no lugar da dura oferenda,

Um suspiro arrancou, que ouviram todos.

Voltou as costas contra o atroz objeto 2295

E este cobriu o aspeto c'os vestidos,

Para não se lhe ver perene pranto.

Buscou primeiro ao pai a denodada

Heroína, e assim disse. Aos teus preceitos

A tua filha aqui tens. Cumpre o teu gosto. 2300  
 Que eu, de livre vontade e sem violência,  
 Ofereço pela pátria, pela Grécia  
 Minha vida a Diana em sacrifício.  
 Os meus rogos agora não são outros,  
 Senão que a sorte sempre a minha tenhas, 2305  
 E vitorioso para a pátria voltes.  
 Entre vós outros, Gregos, nenhum ouse  
 Tocar-me, porque eu forte o colo a golpe  
 Fixo oferecerei. E mais não disse.  
 Os circunstantes todos espantados, 2310  
 Do coração magnânimo ficaram,  
 E com mudez atónita aplaudiram  
 Tão estranho valor numa menina.  
 Posto no meio então Taltíbio araldo  
 Fausto augúrio anunciou, e impôs silêncio 2315  
 Aos márcios esquadrões. Logo Calcante  
 Em áureo canistrel pôs o luzente  
 Ferro desembainhado, e da imolada  
 Os cabelos corou. Eis de improviso  
 O filho de Peleu correu ligeiro 2320  
 Lugar tomando junto d'ara sacra  
 E o canistrel co'a espada <defendendo>,  
 Disse então. Ó Diana, ó casta deusa,  
 Que gostas de matar feras em matos,  
 Ó de Jove alta filha, os olhos volve 2325  
 E deste sangue o tom, que te oferece  
 A grega armada e seu supremo chefe,  
 Aplacado recebe. Sangue puro  
 Que do colo sairá de régia virgem.  
 Por ela nos concede que possamos 2330  
 Sem perigo soltar velas ao vento,  
 E de Troia expurgar os fortes muros.  
 C'os olhos entretanto em terra fixos  
 A soldadesca estava, e os dois Atridas.  
 E então o sacerdote, no cutelo 2335  
 Pegando, e as <preces> costumadas feitas,

Entrou a tentar o lugar certo  
 Onde o golpe empregasse na garganta.  
 Ai que dor em tal ponto (bem que os olhos  
 Fixos no chão eu tinha) mortalmente 2340  
 Me atravessou o coração aflito!  
 Eis que improvisamente viram todos  
 Estranha coisa, coisa portentosa,  
 Descarregou-se o golpe, correu sangue,  
 Mas desapareceu, sem saber como, 2345  
 A vítima virgínea. O sacerdote  
 Brada pasmado, brada toda a gente  
 Ao espetáculo novo, e os mesmos olhos  
 Não podiam dar fé ao que observavam,  
 Vendo jazer em terra, degolada, 2350  
 Ferosa corça ainda palpitante,  
 As aras espargindo com seu sangue.  
 Então Calcante alegre (e qual seria  
 Seu gozo, só tu podes ponderá-lo)  
 Disse aos chefes Argivos: Vossa armada 2355  
 Desaferrar já pode. Esta que vedes,  
 Vítima montanhosa à casta deusa  
 Tem aplacado. Que ela mesma o oculta  
 Por debaixo o golpe em vez da virgem,  
 Que intacta nos esconde! Satisfeita 2360  
 Está, e seus olhares maculados  
 Não quer com sangue de imortal donzela.  
 Sem falência esperai amigos ventos  
 E emproai para Troia. Conceberam  
 Todos alta esperança em sua empresa, 2365  
 Que de nau para nau passou a todos.  
 De modo que hoje mesmo partiremos  
 De Áulide, e surcaremos do benigno  
 Egeu as ondas com tão fausto auspício.  
 Depois de estar das chamas consumida 2370  
 A vítima pasmosa, o sacerdote  
 Fez as usadas preces pela fausta  
 Volta do grego exército triunfante.

No mesmo ponto exuberando em gozo  
Me ordenou Agamémnon que viesse 2375  
Dar-te parte da graça portentosa,  
Que o céu fez à princesa, cuja glória  
Há de ser imortal na feliz Grécia.  
De quanto te narrei fui testemunha.  
Subiu Ifigénia aos altos astros. 2380  
Isto é certo, por onde a dor se extinga,  
E a cólera se apague contra o esposo.  
As futuras mercês das divindades  
Inesperadas vêm a nós, humanos.  
Os deuses guardam sempre aos seus amados. 2385  
E bem se vê, pois neste mesmo dia  
Admiramos tua filha morta e viva.

Coro

Ó quanto a teu respeito tenho extremo  
Júbilo, ó felicíssima rainha,  
Co'à notícia do fausto mensageiro, 2390  
Que assegura a tua filha entre as deidades.

Clitemnestra

Oh cara Ifigénia! E a qual dos numes  
Deves o benefício? E como agora  
Devo chamar-te?  
Por ventura falsa 2395  
A notícia terei, a fim que cesse  
Em meu perene pranto?

Coro

Eis que Agamémnon  
Chega a certificar-te da verdade.

**Cena última**  
*Agamémnon e os ditos*

Agamémnon

Fortuna amiga quis olhar risonha, 2400

Ó esposa, para nós, salvando a filha.

É certo que entre os numes tem morada.

Por onde com teu filho aos lares de Argos

Torna ditosa, porque a armada em ponto

Está de dar à vela. Adeus, <consorte>, 2405

Na volta falaremos com sossego,

Aos deuses graças dando. O céu te guarde.

Coro

Vai-te, de Atreu grande filho,

Às frígias praias,

Pelas ondas te leve 2410

Sorte risonha

Com <amigos destinos>.

Volta triunfante,

Ostentando preciosos

Teucros despojos. 2415

FIM



2.

*IFIGÉNIA ENTRE  
OS TAUROS*



**Ato 1º**  
**Cena 1ª**  
**Prólogo**

Ifigénia

Pélope, que de Tântalo era filho,  
Ganhando em Pisa de Enómao a filha  
Por sair vencedor no veloz carro,  
Teve da régia prometida esposa  
Por filho Atreu. De Atreu à luz vieram 5  
Menelau e Agamémnon, rei argivo.  
E deste nasci eu, a Clitemnestra  
Tomando por esposa, do famoso  
Tíndaro filha. Eu sou Ifigénia,  
Que tive o berço lá onde, do Euripo 10  
As bravas ondas são de fortes ventos  
Com frequentes tumultos sacudidas.  
Aquela filha sou, que o pai acerbo  
Sacrificou por vítima a Diana  
Em Áulide, perante a grega armada, 15  
Do agoureiro Calcante aconselhado,  
Que assim lhe disse: ‘Está seguro, ó chefe  
Supremo destas quilhas poderosas,  
Que não hás de poder soltar as velas  
Contra Troia, se em vítima primeiro 20  
A filha não ofereces a Diana.  
Por conselho de Ulisses ardiloso  
Mandou meu pai buscar-me em companhia  
De minha mãe a Argos, c’o pretexto  
De me ter dado por esposa a Aquiles. 25  
Em Áulide enganada com tal fraude

Entrei, e o himeneu foi sacrifício  
 À deusa irada. Graças eu lhe rendo,  
 Porque ao ponto do golpe do verdugo  
 Ela benigna me salvou a vida, 30  
 Pondo em vez do meu colo o de uma corça,  
 E me trouxe pelo ar a estas praias  
 Onde domina o bárbaro Toante,  
 Que assim lhe chamam por seus pés velozes,  
 Como se neles asas ostentasse. 35  
 Ela me pôs ministra neste templo,  
 Onde sofre Diana ser honrada  
 Com culto que só tem de honesto o nome,  
 Pois que de humanas vítimas ... Mas temo  
 Da deusa irritação, e mais não digo, 40  
 Se bem que era costume aqui antigo  
 Sacrificar-lhe todo o infeliz Grego  
 Que pisasse estas praias desumanas.  
 Eu de horror cheia só como ministra  
 Ofereço o sacrifício. O mais que indigno 45  
 É da mortal humanidade, deixo  
 Ao verdugo a quem toca, e a ação não vejo.  
 Mas, ai de mim, que inda apagar não posso  
 Da triste fantasia horrenda imagem  
 Que nesta noite me pintou um sonho. 50  
 <Sonhei> que, livre desta cruel terra,  
 Estava em Argos entre minhas servas  
 Sossegada dormindo; que à veemência  
 De súbito tremor, eu despertando,  
 Eu saltando do leito acelerada 55  
 Caíra logo pavimento e teto,  
 Ficando unicamente uma coluna  
 (De toda a grande fábrica do paço)  
 Firme na base; e tudo o mais em terra.  
 Mas até esta caiu logo. E vozes 60  
 Como que ouvia de homem moribundo.  
 Eu, como costumada a forasteiros  
 Matar nesta região, pelo costume

A coluna lavei com sacro rito, como se  
 Fora vítima <estrangeira> 65  
 Em ponto de morrer. E mil lamentos  
 Fiz (segundo o costume neste ofício).  
 Ora desta maneira eu interpreto  
 O fatal sonho. Orestes é já morto,  
 Pois que os filhos varões são as colunas 70  
 Dos pátrios lares; outra não havia  
 Em casa de meu pai. Logo o meu caro  
 Irmão Orestes é representado  
 Na prostrada coluna, e já não vive.  
 Não posso outro supor do reino herdeiro. 75  
 Porque quando eu parti d'Argos, Estrófilo  
 Inda filho não tinha. Logo é Orestes.  
 Por onde, bem que esteja eu tão distante,  
 Justo é que faça a irmão que estimei sempre  
 As honras sepulcrais. Para fazê-las 80  
 Argivos aqui tenho que me ajudem,  
 Servas, que El Rei me deu para serviço  
 Da deusa e da ministra. Elas, que fora  
 Vivem do meu albergue, se ajuntaram  
 Agora neste templo. A causa ignoro. 85  
 (*vai-se*)

**Cena 2ª**  
***Orestes, Pílates***

Orestes  
 Amigo, observa bem, se pela estrada  
 Ao longe ou perto vês alguém que venha.

Pílates  
 Observo e mais que observo. Ninguém vejo,  
 Tudo deserto está.

Orestes  
Ora este templo, 90  
Pílades, se será o de Diana,  
Em demanda do qual Argos deixámos,  
E em undoso baixel aqui viemos?  
Que te parece?

Pílades  
Quanto a mim é ele, 95  
E deve parecer-te o mesmo, ó Orestes.

Orestes  
A verdade é que vemos ara sacra  
De sangue (talvez grego) assaz manchada.

Pílades  
E as paredes em torno assaz vermelhas,  
Pelas humanas vítimas. 100

Orestes  
Pendientes  
Os despojos não vês da grega gente,  
Infeliz passageira? É de Diana  
Certamente o templo que buscamos.

Pílades  
Pois à mira se esteja. Se alguém virmos, 105  
Recolhemo-nos logo nesta gruta.

Orestes  
Ai io! Que rede atroz me armaram  
Os oráculos teus! Oh a que Terra  
Me constrangeste a vir! Tu me obrigaste  
A vingar a meu pai, a mãe matando, 110  
De cuja ação irei ser por mil modos  
Das vingadoras Fúrias perseguido,  
E vagabundo andar entre perigos,

Para te perguntar, qual era o meio  
 Dos tormentos curar de meus furores. 115  
 Em resposta me deste que buscasse  
 A Táurica região, onde tem ara  
 Diana tua irmã, e do seu templo  
 A imagem dela, que do céu viera,  
 Roubasse ou por violência ou por engano, 120  
 E nas terras de Atenas a deixasse.  
 <Isto feito> meus males fim teriam,  
 E nenhum outro meio me apontaste.  
 Prontamente tomei o teu conselho,  
 E aqui me vejo nesta ignota terra 125  
 De hóspedes gregos inimiga acerba,  
 E por isso rodeada de perigos.  
 Ora Pílates, fido companheiro,  
 Desta empresa que julgo insuperável,  
 Não me dirás agora que faremos? 130  
 Bem vês quanto são altos, quanto fortes,  
 Desta cidade os muros; de que modo  
 A altura venceremos? Férreas portas  
 Arrombaremos? Mas com quê? E dado  
 Que possamos entrar, não será certa 135  
 A nossa morte às mãos do cruel povo,  
 Que forasteiros vendo-nos, ao templo  
 Nos levará em duro sacrifício?  
 Fujamos pois de um tão atroz destino.  
 Voltemos para a nau, salvando as vidas. 140

Pílates

Fugir? Que dizes? Isso é coisa infame.  
 Por certo esse não é nosso costume,  
 Tira do pensamento tal vileza.  
 Quanto mais que essa ação afronta a Apolo,  
 Não respeitando o oráculo de um nume. 145  
 Retiremo-nos sim daqui, prudentes,  
 E busquemos abrigo nesta lapa  
 Que banha o negro mar. Nosso cuidado

Deve ser estar longe do navio,  
A fim de que alguém, vendo-o, o não acuse 150  
A quem daqui é rei; por onde presos  
Logo seremos. Deixa vir a noite  
E então, da escuridade socorridos,  
Tentarmos o roubo com destreza.  
Vai entretanto ver pelas colunas 155  
Onde achas vão que <dê entrada a> um corpo.  
E toma alento que almas generosas  
É que são para empresas; as cobardes  
De nada servem nas fações custosas.

Orestes  
Oh queira o céu que não se verifique 160  
Em nossa audácia nossa cobardia.  
Depois de tanto mar termos sulcado,  
Debalde não voltemos. Teu conselho  
Quero tomar, a gruta demandemos.  
Porque não há de ser de Apolo a culpa, 165  
Se não se cumpre o oráculo, mas nossa.  
Por onde é necessário peito ousado,  
E o trabalho que houver nesta árdua empresa  
Amedrontar não deve a gente moça.

*(vão-se)*

### **Cena 3<sup>a</sup>** ***Ifigénia e Coro***

Ifigénia  
Cantai, cantai, ó povos, 170  
Que as praias habitais do undoso Euxino,  
Hino à vossa deidade  
Acompanhando <este> devoto canto.

Ó Filha de Latona,

Diana caçadora, 175  
Que pisas por montanhas  
Às feras dando mortes,  
Sê-nos propícia sempre,  
E guarda este alto templo  
Adonde culto tens. 180

Dele, por graça tua  
Ministra eu sou, deixando a belicosa  
Grécia, e famoso Eurotas,  
Fazendo assento nos Euxinos  
Que tu me assinalaste, 185  
Salvando-me de morte sanguinosa.

Coro  
Aqui venho obedecer-te,  
Mas o para quê ignoro.  
Que nova causa é a tua  
De nos chamares ao templo? 190

Ifigénia  
Ah não sabeis, ó servas,  
A dor acerba que este peito oprime!  
Quero que, em nébias tristes,  
Acompanheis meu canto lastimoso,  
Ingrato, <acerbo> canto. 195

Choro minha família deplorada,  
Na perda de irmão caro,  
Que não respira já entre os viventes.  
Vós mal sabeis que sonho  
Atroz, fatal, tive a passada noite, 200  
Em que o irmão dileto

Sombra fugiu para as tartáreas sombras.  
Dou-me já por perdida.  
Lares paternos já perdi de todos.  
Oh que funesto dano 205  
Obrou em Argos o cruel destino,

Roubando-me um amado, Único irmão, coluna de meu reino, E com morte improvisa Fazendo-o habitador do negro abismo.	210
A esta infeliz alma Quero agora fazer sepulcrais honras. O vaso aqui trouxe-me A mortos destinado. Pela terra Água derramar quero	215
De Baco, e das abelhas os licores, E o sangue de bezerros, Sacrifício que a vós mortos são jucundos. Trazei-me pois, ó servas, O áureo vaso aqui já. As divindades	220
Tartáreas aplaquemos Os sagrados licores derramando.	
Oh tu, extrema prole Do <mísero> Agamémnon! Assim como eu te choro	225
Da luz vital privado, Assim recebe grato Este piedoso ofício Do modo que é possível. Já que oferecer não posso	230
Meu pranto em seu sepulcro, E nele por memória Deixar estas madeixas Do mármore pendentes. Se lá na nossa pátria	235
Todos me choram morta Por vítima a Diana, Eu cá te choro extinto Por vítima do Fado.	
Coro O teu pranto acompanhando	240

Em tristes sons cantaremos,  
Segundo da Ásia o costume.  
A teu irmão, negra sombra,  
Lúgubres hinos, quais canta  
Sem harmónica doçura 245  
Ingrato Plutão no Averno.

Ifigénia

Ai de ti, sempre infausta  
Misérrima família dos Atridas!  
Perdeste finalmente  
O brilhante esplendor do cetro e coroa. 250  
De males, males nascem.

Este presente vem daquele antigo  
Em que Febo espantado  
Retrocedeu no carro, envolto em trevas.  
De dores provêm dores. 255

Esta que sinto vem do antigo estrago  
Por esse áureo cordeiro.  
E não menos por esses mortos filhos,  
De Tântalo infeliz,  
Por meu pai ambicioso assassinado. 260

Não contente o destino  
Com tantos males à família Atrida,  
Contra mim outros manda,  
Fazendo-me nascer de infaustas vidas.  
Oh noite, fatal noite 265

Em que eu vi luz vital, noite em que as Parcas  
Cantaram meus desastres,  
Que assaz na idade própria se cumpriram.  
De Áulide fui chamada  
Por fraude para esposa venturosa 270

(Oh que infeliz esposa!)  
Do filho de Peleu, e d'alma Tétis.  
Mas o himeneu divino  
Trocou-se em sacrifício (em fim ditoso).  
Sim, vivo, mas em terra 275

Inimiga cruel de passageiros.  
 Vivo, mas sempre aflita  
 Passando acerbos dias, sem esposo,  
 Sem filhos, sem lar pátrio,  
 Sem parentes, sem povo que me estime. 280  
 Vivo, mas sem que possa  
 Cantar a Juno, tutelar deidade  
 Do meu nativo berço.  
 Exercitar de Palas as pinturas  
 Em recamadas teias. 285  
 Aqui não posso, como usava em Argos  
 Tecendo a finas cores  
 As titânias histórias, que incompletas  
 Lá no tear ficaram.  
 Sim, de Diana sou serva ministra. 290  
 Mas de que sacrifícios!  
 De hóspedes miserandos, que derramam  
 Nestas aras seu sangue,  
 E atroam com gemidos estes ares  
 Os quais soltar me fazem 295  
 Lágrimas compassivas. Porém deles  
 Me esqueço já, lembrada  
 Só de um irmão, do meu amor objeto,  
 Que morto jaz em Argos,  
 E que eu deixara quase inda pendente 300  
  
 Dos peitos, e dos braços  
 Da mãe, que cuidadosa para o cetro  
 De Argos o alimentava.  
 Como transtornou tudo infesto Fado!

## Ato 2

### Cena 1ª

*Coro, Pastor, Ifigénia*

Coro  
 Ali chega um pastor, que vem das praias, 305

E novidade traz.

Pastor

Ó de Agamémnon

E de Clitemnestra filha, dá-me ouvidos,  
Que coisa nova tenho de dizer-te.

Ifigénia

Pois que é isso? Tu vens como espantado. 310

Pastor

Das ilhas que Simplégades se chamam,  
Aportou uma nau em nossas praias  
Com dois mancebos, se não me engano,  
Fugidos não sei donde. A presa é bela  
E vem bem oportuna, para dares  
Duas vítimas jucundas a Diana.  
Por onde fica as coisas preparando  
Ao novo sacrifício, enquanto os trago.

315

Ifigénia

De qual nação e pátria serão eles?

Pastor

Deles não sei senão que ambos são gregos. 320

Ifigénia

Sabes seus nomes?

Pastor

Um chamava ao outro  
Pílades; do outro não lhe ouvi o nome.

Ifigénia

Como deste com eles, e prendê-los  
Pudeste só? 325

Pastor  
Éramos mais pastores  
E vimo-los ocultos numa gruta.

Ifigénia  
E pastores que têm com o mar?

Pastor  
O gado  
Íamos a lavar n'água salgada. 330

Ifigénia  
À primeira pergunta torno ainda.  
E como vós pudestes prender ambos,  
Isso quero saber. Eles vêm tarde,  
Não pode já ser hoje o sacrifício.  
E como no meu tempo nunca as aras 335  
Da deusa em sangue grego se banharam,  
Há tempo a responderes.

Pastor  
Junto às águas,  
Que por entre as Simplégades escorrem,  
Estávamos lavando as nossas reses. 340

Eis que um dos nossos numa escura lapa  
Pelas ondas cavada, onde se acolhem  
Os pescadores de coral, lá dentro  
Dois homens percebeu. Amedrontado  
Retrocedeu o passo, e veio aos sócios, 345

Apenas imprimindo os pés na areia,  
Só nas pontas dos dedos estribado.  
Companheiros (dizia) aquela gruta  
Deuses do mar acolhe certamente.

Eu os vi. Numes são. Um mais piedoso 350  
De joelhos se pôs, e as mãos alçando,  
Pondo na lapa os olhos, assim disse:  
Ó filho da marinha Leucótea,

Custódio dos baixéis, sacro Palémon,  
 Sê-nos propício <no lavado> armento. 355  
 E se sois os Dioscuros, ou filhos  
 De Nereu que gerou cinquenta filhos,  
 Não nos sejais infestos. Porém outro  
 Pastor, menos com nunes reverente,  
 Zombou das preces, e atrevido disse: 360  
 Quais deuses?! Quanto a mim são alguns nautas  
 Que a nado se salvaram de naufrágio.  
 E por medo da lei que os faz incursos  
 Na pena de perderem logo a vida,  
 Nas aras de Diana se esconderam  
 Por escapar da morte nessa lapa. 365  
 De nós à maior parte parecia-nos  
 Que acertara o pastor mais atilado.  
 Eis que no mesmo ponto um dos ocultos  
 Sai fora e, com horrífica figura,  
 Qual furioso Bacante, tremebundo, 370  
 Arrojando a cabeça contra a rocha,  
 Assim gritou qual caçador em mato:  
 ‘Pílates, tu não vês como uma Fúria  
 Me quer matar? Não vês como me arroja  
 Por todo o corpo víboras vorazes? 375  
 Eis que outra negra filha do Cocito  
 Sulcando os ares vem com longas asas.  
 E fogo despedindo dos vestidos,  
 De minha mãe me mostra a torpe imagem.  
 Ai que na ação está de apedrejar-me! 380  
 Certamente me matara, se não fujo!’  
 Porém por onde? Vários torcimentos,  
 E arremedos fazia o miserável.  
 Nunca tal vi. Ora mudava as vozes  
 Em mugidos, quais touros acossados, 385  
 Ora ladrava, como cães raivosos,  
 <Segundo> contam que as Tartáreas Fúrias  
 Ouvir se fazem, quando à terra sobem.  
 Nós juntos uns com outros, como um corpo

Fazendo só, estávamos quietos, 390  
E quase, quase a morte já temendo.  
Muito mais quando o furibundo um ferro  
Tirou do seio, e arremeteu, correndo  
Qual sanhudo leão, contra os cordeiros  
C'o punhal trespassando-lhes o peito. 395  
E cuidando que assim das cruéis Fúrias  
O sangue derramava por vingança,  
Sangue que já tingia a branca espuma  
Que o mar arremessava contra a praia.  
Como cada pastor já via ou morto, 400  
Ou disperso o rebanho, era já força  
Defender o restante. Sinal demos  
Com córnea tuba, ao mais vizinho povo  
Chamando em defençaõ, pois com fortes  
Estrangeiros, cobardes supuséramos 405  
Não bastarem pastores desarmados.  
Não tardou o socorro. Mas o louco  
Desesperado então caiu em terra,  
E afrouxou nos seus motos furibundos,  
Lançando pela larga boca espuma. 410  
Oportuna ocasião aproveitámos,  
E cada qual com pedras despedidas  
O fizemos deter. O companheiro  
Era para admirar. Ora da boca  
A espuma lhe alimpava, ora co'as roupas 415  
Das pedras cuidadoso o defendia,  
Mostrando uma amizade única  
Porque, para o livrar, se expunha à morte.  
Enfim tornou o furibundo.  
E ao levantar-se, vendo-se cercado 420  
De aluvião de gentes inimigas,  
Do coração arranca alto suspiro,  
Vendo o frontal perigo em que se achava.  
Nós íamos das pedras prosseguindo  
Ao longe no arremesso sucessivo, 425  
Quem de um lado atacando, e quem por outro,

Até que, vendo-nos ambos oprimidos,  
 O insano disse: ‘Ah Pílates amigo,  
 Já que morremos, morra-se com glória,  
 E co’a espada na mão meus passos segue’. 430  
 Assim que nós ao longe luzir vimos  
 Desembainhados ferros, num instante  
 Trepando pelas rochas nos salvámos.  
 E de lá nas pedradas prosseguimos  
 Defendidos da altura dos rochedos. 435  
 Porém os animosos forasteiros  
 Não deixavam também de perseguir-nos  
 Montando as fragas. Sem cessar os tiros  
 Nós então repetimos. Mas não houve  
 Nem um de nós que ousasse de mais perto 440  
 Ver as luzentes armas. Finalmente,  
 Como eram repetidos os chuveiros  
 De pedra sobre pedra, os inimigos  
 A fraquear entraram. Fez-se cerco.  
 Porém de nós (parece coisa incrível) 445  
 Nenhum se achou com ânimo valente  
 Deles lançar as mãos. Até que à frequência  
 Dos tiros acertou-se a desarmá-los,  
 Pedras ferindo as dextas já cansadas.  
 Vencidos da fadiga, ambos em terra 450  
 Sem alentos caíram. De improviso  
 Nós saltando sobre eles, os prendemos,  
 E os levamos a El Rei, que logo à morte  
 Os condenou nas aras de Diana.  
 E para a execução a ti mandou-me. 455  
 Com que alegra-te, ó virgem. Em dois Gregos  
 Tens em que te vingar da cruel Grécia,  
 Quando em Áulide quis tirar-te a vida.

Coro

Por certo estranhas coisas referiste  
 Desses Gregos que às ondas se entregaram, 460  
 Para sofrerem fim tão lastimoso.

Ifigénia

Tens dito. Vai buscar os estrangeiros.

O mais corre por nós, como é costume.

Ai servas, eu mostrar peito inumano,

Peito que sempre tive compassivo! 465

Que o digam meus Argivos, quando em Argos

Eu ditosa vivia. Quanto pranto

De qualquer me custava a desventura,

Ou ele estranho fosse, ou fosse grego.

Aquele sonho hoje me faz tirana, 470

Pois que já não respira o meu Orestes.

Ah Gregos, Gregos, gente sem piedade

Que matar-me quiseste! Nesses vossos

Nacionais saciarei minha vingança.

Oh se, em vez deles, ventos assoprassem 475

Que me trouxessem, em baixel feliz,

Nestes parciais não antes naufragando,

Aquela Helena, causa dos meus males,

Por Menelau odioso conduzi-la.

Traze-me, ó reto Jove, estes iníquos 480

Que quero saciar neles minhas iras,

E fazer que Áulide achem nesta terra

Co'ò mesmo fado amigo que eu lá tive.

Apagar da memória inda não posso

Que Gregos desumanos me tomassem 485

Por bezerra <ofertada> em sacrifício,

Sendo meu mesmo pai quem me oferecesse.

Oh quantas vezes a seus pés prostrada,

Chorando longo pranto, Ó pai, dizia,

Com que estas são as bodas destinadas? 490

Os hinos a Himeneu são néncias tristes?

O Aquiles é Plutão? Com fraudulência

De Argos vim quase em nupcial triunfo

Para ser, qual vil rês, sacrificada?

Ai que me lembro que comigo trouxe 495

Ao meu Orestes, que hoje choro morto.

Lembrada estou que, bem que irmã eu fosse

E ele tenro menino, o casto pejo  
 Não me quis consentir que o véu da fronte  
 Eu chegasse a seus lábios, como virgem, 500  
 Que aos lares de Peleu se destinara.  
 Oh misérrimo Orestes, se és já morto!  
 Mas por qual causa a morte te dariam?  
 Seria por vingar do pai a afronta?  
 Eu, servas, não percebo de Diana 505  
 A vontade. Ela diz que, se um humano  
 Maculado se achar por morte feita,  
 Ou tocado tiver em algum pasto,  
 Ou em corpo já morto, não se atreva  
 Chegar <como poluto> a seus altares. 510  
 E esta mesma deidade, que assim manda,  
 Se delicia de vítimas humanas.  
 Quanto a mim, eu não creio que Latona,  
 De jovem esposa vise as vitais luzes  
 Filha de índole néscia, e tão variante. 515  
 Do mesmo modo por embuste tenho  
 Que Tântalo as deidades convidasse,  
 Para lhes dar por pasto ao próprio filho.  
 O que eu só creio é que este povo incluto  
 Da Táurica região, como inclinado 520  
 Por génio natural aos homicídios,  
 Põe de seus crimes culpa às divindades,  
 Em quem não pode haver nem leve culpa.

Coro

Terras Ciâneas, arriscadas ilhas,  
 Que aos nossos mares costumais unir-vos, 525  
 Mares já notos de Io fugitiva  
 D'Argos fugindo.  
 Que gente é esta que aportara ignara  
 A infidas praias, tendo doce ninho  
 Lá onde banha abundantes terras 530  
 O puro Eurotas.  
 Destes escolhos como não fugistes

<Ó> néscios Gregos! Não sabeis quem habita  
 Neste terreno virgem que a Diana  
 Já vos oferece? 535  
 Sulcastes ondas com pesados remos,  
 Soltastes velas a naufrágio expostos,  
 Para perderdes neste feroz clima  
 Sangue inocente?  
 Como passastes ilhas semeadas 540  
 De ásperos escolhos, fraudulentos baixos,  
 Ilhas que se unem aos baixios, infestas  
 Em duro laço.  
 Oh se o motivo foi em vós avara,  
 Cobiça torpe dessas vãs riquezas, 545  
 Para fazerdes da opulência rico  
 O lar paterno.  
 Oh quantos danos essa insaciável  
 Ambição de ouro tem causado, e causa  
 No peito humano, sem que tema os riscos 550  
 Do mar doloso!  
 Trazei-nos, deuses, pela mesma via  
 Destes incautos, néscios passageiros,  
 Aquela Helena, causa lastimosa  
 De mil estragos. 555  
 Oh queira-a viva pelas tranças presa  
 Deixar a vida nestas sacras aras,  
 Às mãos cruentas da feroz ministra  
 Que arde em vingança.  
 Era devido que pagasse a infame, 560  
 Infida esposa do afrontado Atrida  
 De seus delitos por igual maneira  
 Justo castigo.  
 Com quanto gosto assistiria à morte!  
 E o lenho undoso nos levasse a Argos, 565  
 Fugindo à dura escravidão presente  
 Do atroz Toante.  
 Oh quem me dera ver o pátrio ninho

E cantar nele <à liberdade um> canto,  
Entre os amigos e parentes caros 570  
Que lá são livres.

### Ato 3

#### *Ifigénia, Coro, Orestes, Pílates*

Ifigénia

Eis chegam de Diana maniatadas  
As estrangeiras vítimas. Seguras vêm  
Por laços dobrados. Vós, amigas,  
Calai por ora. Examinar intento 575  
Estas gregas primícias a Diana.  
Não mentiu o pastor no seu aviso.

Coro

Pois que a cidade, ó veneranda virgem,  
Te impõe tão ímpia <lei> como parece,  
E estás contra os Argivos tão irada, 580  
Nesses mancebos tu o furor sacia.

Ifigénia

Bem está. Porém antes de dispor-se  
O necessário ao culto da deidade,  
Soltai as mãos aos presos. Não é justo  
Que sendo ao santo nume consagradas 585  
As mãos em laços tenham. <Ide> ao templo  
Preparar o preciso <aos> sacrifícios.  
<(vão-se)>

<Vinde> cá, respondi-me. Ainda <tendes>  
Quem vos gerara e quem à luz vos dera?  
Tendes acaso irmã? Oh pobre dela, 590  
Que de um dos seus irmãos será privada!  
Ninguém do seu destino está ciente,  
Os futuros os deuses nos escondem,

Para ignorarmos o que está por vir a nós.  
E donde vindes, míseros mancebos? 595  
Sulcastes tantos ares perigosos,  
O pátrio lar deixastes, para virdes  
Aportar a umas praias tão tiranas,  
Onde haveis de perder a cara vida.

Orestes

E tu, porque te mostras compassiva? 600  
Que tens c'os fados ásperos que arrastam  
Estes dois infelizes ao teu templo?

Que te importa saberes quem nós somos?  
Somos duas certas vítimas da morte,  
Sem lamento o dizemos. Não é homem 605  
De nobre coração quem, destinado

A morrer, minorar quer com seu pranto  
O mortal ponto, se Plutão vizinho  
Tem já para o levar ao negro reino,  
Sem que reste esperança de salvar-se. 610

A um dano de que serve aumentar outro,  
Dando a vida entre angústias? E assim cessa  
De tanta compaixão. Deixa ao <destino>  
Obrar a seu arbítrio. Já sabemos  
Quais são os sacrifícios que aqui se usam. 615

Ifigénia

Qual é de vós que Pílates se chama,  
Quero sabê-lo.

Orestes

É este. E porque fazes  
Essa pergunta vã?

Ifigénia

Em qual cidade 620  
Da Grécia nasceu ele?

Orestes  
Assaz inquires.  
Tens mais que perguntar?

Ifigénia  
Sim. Saber quero  
Se sois irmãos. 625

Orestes  
Por amizade o somos,  
E não por natureza.

Ifigénia  
E a ti que nome  
Ao nascer te puseram?

Orestes  
Desgraçado 630  
Deveriam chamar-me.

Ifigénia  
Não é essa  
A resposta que quero. Se as desgraças  
Te perseguem, põe culpa ao teu destino.

Orestes  
Já que morremos com ignoto nome, 635  
Sem irrisão morramos. Não se saiba  
Quem foi que padeceu infame morte.

Ifigénia  
Que pensamentos são esses que ostentas?  
Isso é em ti soberba?

Orestes  
Tu, meu corpo 640  
Podes sacrificar, não o meu nome.

Ifigénia

Dize ao menos a pátria onde nasceste.

Orestes

Para quem morrer, já são muitas,  
E inúteis as perguntas que me fazes.

Ifigénia

E que te custa dares-me este gosto? 645

Orestes

Enfim Argos ilustre é a pátria minha  
De que muito me prezo.

Ifigénia

Sim, és d'Argos!

Orestes

De Micenas a cidade foi meu berço,  
Terra tão venturosa n'outros tempos. 650

Ifigénia

E então da pátria foste desterrado,  
Ou por teu gosto só a abandonaste?

Orestes

Deixei-a em certo modo por meu gosto,  
E também a deixei contra vontade.

Ifigénia

Ora quererás tu a várias coisas,  
Que desejo sabê-las, responder-me? 655

Orestes

Contanto que não seja perguntar-me  
Por infortúnios meus, embora dize.

Ifigénia

Pois que vens d'Argos, tenho grande gosto  
De que a sorte a este porto te trouxesse.

660

Orestes

Pois eu nenhum. Se nisso prazer sentes,  
Guarda lá para ti.

Ifigénia

Diz-me, Troia

Conheces? Sabes quanto dela a fama  
Espalhado já tem?

665

Orestes

Aos céus prouvera  
Que a não conhecera, e nem por sonhos  
Dela tivera mínima notícia.

Ifigénia

Dizem que dela nem se vêm vestígios,  
Arrasada por guerra em longos anos.

670

Orestes

Falam verdade os que isso te asseguram.

Ifigénia

Menclau a consorte accitaria?

Orestes

Aceitou. Mas a vinda dessa Helena  
Foi em dano fatal de um meu conjunto.

Ifigénia

E onde está ela, que não leves males  
Me causou igualmente?

675

Orestes  
Em Esparta vive  
C'o primeiro marido.

Ifigénia  
Oh indigna esposa,  
Ódio, não de mim só, porém de todos  
Quantos na Grécia vivem! 680

Orestes  
Dano acerbo  
Me causou seu consórcio.

Ifigénia  
Mas tornando  
À primeira pergunta: Os gregos chefes  
Voltaram vencedores? 685

Orestes  
Por que causa  
Tanto me inquires?

Ifigénia  
Assim é preciso.  
Antes que morras, quero que mo digas.

Orestes  
Pois embora pergunta o que quiseres,  
Já que vejo que é força responder-te. 690

Ifigénia  
Um tal Calcante, célebre agoureiro,  
Voltaria de Troia?

Orestes  
Ouvi a Gregos  
Que lá morrerá. 695

Ifigénia  
Oh tutelar Diana!  
E lá que faz o filho de Laertes?

Orestes  
Esse inda não chegou ao pátrio reino,  
Porém é vivo, se não mente a fama.

Ifigénia  
Pois oxalá que morra, e que não volte  
A seus paternos lares. 700

Orestes  
Porque soltas  
Contr'ele imprecações? Deixa o que em tu<d>o  
Assaz vive misérrimo.

Ifigénia  
Inda vive,  
Será, de Tétis o famoso filho? 705

Orestes  
Aquiles, esse é morto. Foi baldado  
Seu himeneu em Áulide.

Ifigénia  
Dolosas  
Ouvi que foram as fingidas bodas,  
E quem mo diz por experiência o sabe. 710

Orestes  
E quem és tu, que coisas tão miúdas  
Da Grécia me perguntas?

Ifigénia  
Eu sou d'Argos,  
Donde saí, logo na verde idade. 715

Orestes

Então razões tens tu para as perguntas.

Ifigénia

E o sumo chefe inda será feliz?

Orestes

Quem? O que eu conheci, é desgraçado.

Ifigénia

Chamavam-lhe Agamémnon, filho herdeiro

Do rei célebre Atreu.

720

Orestes

Nada sei desse.

Ah, não prossigas mais essa pergunta.

Ifigénia

Pelos deuses te rogo, que mo digas,

Que nisso se interessa o meu alívio.

Orestes

Pois queres que te diga que é já morto?

725

Ifigénia

Morto! Ai de mim! Por fados inimigos?

Orestes

Porque assim o pranteias? Tu com ele

<Tens> para o lamentar algum motivo?

Ifigénia

Choro a sua fortuna, antes risonha.

Orestes

Pois morreu. E por modo assaz iníquo,

Morto pela mulher.

730

Ifigénia

Com que foi ela

Quem lhe tirou a vida? Pois por certo

Q' ela, indigna, matou a quem é digno

De ser sempre chorado.

735

Orestes

Enfim, não instes

Em mais me perguntar.

Ifigénia

Isto somente.

E inda é viva a mulher desse infeliz?

Orestes

(Oh que aperto)! É já morta, e foi seu filho

Quem da vida a privou.

740

Ifigénia

Ó consternada,

Miseranda família! E por que causa

O filho lhe deu morte?

Orestes

Por ter morto

A seu pai inocente.

745

Ifigénia

Oh que parece

Ter sido justa a ação.

Orestes

Porém os deuses

Por justa a não tiveram.

750

Ifigénia

De Agamémnon

Inda filhos ficaram?

Orestes

Resta Electra

Inda donzela.

Ifigénia

E dessa antiga filha,

755

Que foi sacrificada, inda há memória?

Orestes

Nenhuma, se não só que já não vive.

Ifigénia

Na verdade foi filha desgraçada,

E não menos o pai, que à morte a dera.

Orestes

Torpe mulher, malvada, foi a causa

760

De ela acabar com desprazer de muitos.

Ifigénia

Ora esse filho da paterna morte

Vingador, vive em Argos?

Orestes

Lugar certo

Não tem de habitação. Onde sucede

765

Vagabundo parar, aí tem assento.

Ifigénia

Ide-vos já de minha fantasia (*para o coro*)

Falsos sonhos, fantasmas mentirosos,

Que nada sois senão delírios nossos.

Não há dar crença a sonhos, vãs imagens

770

Da mente irregular em mil ideias.

O mísero inda vive, é parricida,

Mas consta-me que o foi, por induzido  
Dos conselhos dos vates, e obrigado.  
Não foi ao menos por seu livre arbítrio. 775

Coro

E nós filhas misérrimas, escravas,  
Se país inda teremos? Quem o sabe?

Higénia

Ora já que em matéria tal falamos,  
Atendei-me a uma coisa que proponho,  
Coisa a mim proveitosa, e a vós não menos. 780

Dize-me pois, Argivo. Se da morte  
Eu te livrar, quererás tu levar-me  
Carta a Argos que <escravo> compassivo  
Me escreveu? Até aqui não tive meio  
De <poder> enviar-lha. Porque Gregos 785

Aqui nunca aportaram que pudessem  
Levar de mim notícia à pátria cara,  
Onde <ainda> terei quem me conheça,  
Seja por amizade, ou parentesco.  
Tu pois (que ao parecer não me és adverso), 790

Já que patrícios somos, e conheces  
As pessoas a quem dirijo a carta,  
Podes servir-me, pois te salvo a vida.  
E para o sacrifício o companheiro  
Basta, que fique a contentar a deusa 795  
E a lei satisfazer da iníqua terra.

Orestes

Pronto estou. Tudo justo me parece.  
Uma coisa só não. Cumprireis tudo,  
Mas o meu sócio hei de levar comigo.  
Viver eu, e ficar um <que> amo tanto 800  
Para ser oferecido em sacrifício,  
Isso impossível é. Ah que não sabes  
Que, se este vem, não é por desgraçado,

Vem por me acompanhar. Eu o infeliz  
Unicamente sou, ele é o amigo, 805  
Que quer ter parte em meus atrozes males.  
E parece-te bem, que eu vá servir-te,  
Deixando à morte a quem me serve tanto?  
Olha, faz uma coisa, e concordado  
Tudo assim fica. Dá-lhe a carta, e certa 810  
Podes ficar de que há de ser entregue.  
E embora a mim me mata. Tu imaginas  
Que eu sou daqueles (raça torpe, indigna)  
Que chamam para si nas desventuras  
Seus amigos, e neles descarregam 815  
O peso do seu mal? Não, ó ministra,  
Não sou tão vil. Este que trago é amigo,  
E meus amigos quero que não morram,  
Ou, se o fado é cruel, morrer com eles.  
É uma vida somente a minha e deles. 820

Ifigénia

Oh pensamento excelso! Tu de estirpe  
Generosa és nascido certamente.  
Tal rasgo de amizade verdadeira  
Não vem de baixo sangue. Oh os céus queiram 825  
Que seja assim um caro irmão que tenho.  
Quando eu parti, era mínimo, agora  
Já não o conhecerei, mas sempre o amo.  
Enfim, ó forasteiro, já que queres,  
Embora a carta leve o companheiro,  
E fica tu servindo ao sacrifício, 830  
Pois que excessivo apreço fazes dele.

Orestes

E quem ânimo tem para matar-me?  
Coração não suponho tão ferino.

Ifigénia

Eu, pois que sou ministra de Diana.

O seu culto vale mais que a tua vida.

835

Orestes

Inda assim, isso é obra assaz indigna.

Ifigénia

Dura necessidade me constrange.

Orestes

Pois quê? Virgínias mãos hão de manchar-se?

Ifigénia

Eu só d'água a aspersão é que ministro.

Orestes

E quem o mortal golpe descarrega?

840

Ifigénia

Homem que está aqui dentro desta casa.

Orestes

E morto terei honras de sepulcro?

Ifigénia

Sim, <ou> no fogo, ou dentro em negra gruta.

Orestes

Não sinto a morte. Sinto que me falta  
De minha cara irmã <as mãos> piedosas  
Que meu corpo componha, como se usa  
Lá no grego país.

845

Ifigénia

Louco desejo tens se tão remoto  
Estás da cara irmã. Mas, pois que és d'Argos,  
Descansa nisso. O que eu puder fazer-te,  
Hei de fazê-lo como se irmã fora.

850

Sepulcro te darei com tristes honras  
E lançarei na pira o mais seletto louro,  
Licor de abelhas montanhesas. Dentro  
Vou e co'a carta volto logo. Vós, 855  
Ministros, guardai-os vigilantes,  
Mas soltos de prisões. Vedes que adverso  
Peito não tenho, nem terei? Mil graças  
Ó céus vos rendo, por me dardes meio  
Para enviar de mim à pátria novas 860  
Quando menos se esperam. Quem lá vive  
Saiba, que em vão lamenta e julga morta  
A coisa sua. Enxugarão seu pranto,  
E eu nisso sentirei prazer extremo.  
(*vai-se*)

Coro  
<Ah na verdade> chorosa 865  
Com compassivas lágrimas,  
Ó forasteiro mísero,  
Vendo-te acerba vítima  
De um sacrifício atroz.

Orestes  
Pois eu não julgo minha morte digna 870  
Do vosso pranto merecer, ó virgens.  
Antes ver-vos quisera em ar alegre,  
Por dar um infeliz fim a seus males.

Coro  
<Contigo é que> alegramo-nos,  
Pois que com fado próspero 875  
Saís desta terra bárbara,  
E voltareis ao lar pátrio  
Que berço já te deu.

Píladés  
Ah não vos alegreis. Sim é ventura

Tornar a ver a pátria suspirada, 880  
Mas não ao preço de deixar cá morto  
Dileto amigo, parte da minha alma.

Coro

Ó quanto são horríficos  
Os sacrifícios ímpios  
De passageiros hóspedes! 885  
Ai, ai de vós misérrimos,  
Que inda a fortuna é dúbia,  
A qual escolha vítima  
A nossa <deusa> tétrica.  
<Por isso em nós ignora-se> 890  
A qual de vós, ó míseros,  
Devemos lamentar.

Orestes

Pílates pelos deuses eu te rogo,  
Que me digais sincero, se em teu peito  
Sentes o mesmo que no meu eu sinto. 895

Pílates

Como posso sentir coisa que ignoro?  
Explica-te.

Orestes

Qual o teu conceito  
Sobre a donzela deste altar ministra?  
Não reparaste, como interessada 900  
Com destreza por Gregos perguntou-me,  
Pelo facto de Troia, pela volta  
Da grega armada, e se vencera aos Teucros,  
Pelo vate Calcante, e por Aquiles?  
Sobretudo admirou-me o inquirir tanto 905  
<Sobre> Agamémnon, sobre os filhos dele,  
E da mulher, a quem privei da vida.  
Quanto a mim, ela é d'Argos fugitiva.

Pois a não sê-lo, por que empenho mostra  
Em mandar uma carta, e inquire tanto 910  
A respeito de Argivos, bem mostrando,  
Que com ela é comum a sorte d'Argos,  
Pois que assim se interessa em bens e males.

Pílades

Tu bem reletes. Reparei no mesmo,  
E eu to dissera, se primeiro eu fora 915  
Em te comunicar o meu conceito.

Acho só que não basta a consequência  
De teres a donzela por argiva,  
Ouvindo-a perguntar por coisas gregas.  
Porque dos reis os públicos sucessos 920

E o que passa em cidades conhecidas,  
Sabe-o logo qualquer que quer sabê-lo,  
Que a fama tem cuidado em publicá-lo.  
Mas vamos ao que importa. Esta ministra  
Mais disse, de que tu não fazes caso, 925  
E eu não pouco.

Orestes

Pois Pílades amigo,  
Dize-mo já. Comunicada a coisa,  
Melhor a entenderás.

Pílades

É coisa torpe, 930

Que repugna à amizade verdadeira,  
Morreres aqui tu, e eu ficar vivo.  
Isso impossível é. Eu por amigo  
Contigo naveguei. É pois forçoso  
Que eu também morra amigo, onde tu morres. 935

Admirou-me que tu queiras manchar-me  
Com lábio de cobarde e infame sócio,  
Como o serei não só entre os Argivos,  
Mas na Fócida toda. Mil malignos

(que é gente que não falta) hão de chamar-me 940  
 Traidor amigo. E pode ser que passem  
 Inda a mais, espalhando, que eu protervo  
 Ao ver do sangue teu o estrago horrendo.  
 Da vida te privei, ou que com traças  
 Te maquinei a morte, para o reino 945  
 Facilmente roubar-te, ou adquiri-lo,  
 Casando com Electra, única herdeira.  
 Achas que é capaz Pílates, temendo  
 Tanta impostura, de mostrar-se em Argos?  
 Só se eu pudor e brio não tivera, 950  
 Só se amizade não te professara.  
 Por onde certo está, que est'alma fida  
 Há de partir da tua acompanhada  
 Ao reino de Plutão. Na mesma pira  
 Nossos corpos serão das chamas pasto. 955  
 Um amigo fiel assim acaba,  
 Um que teme labéus assim procede.

Orestes

Coisas nobres me dizes, mas não gratas,  
 E como que fomentas mais meus males. 960  
 Deixa-me sofrer estes, não me aumentes  
 Dano novo, que agora me espertaste.  
 Pois que se assim te dói a minha morte,  
 Se assim temes labéu, isso a mim mesmo  
 Sucederá também se eu der consenso 965  
 Em que sejas o morto, sendo amigo,  
 Que se expõe voluntário a meus trabalhos.  
 Não serei chamado traidor ingrato?  
 Muda pois de conselho. Tu, nos termos  
 Em que eu estou, não deves reputar-te. 970  
 Eu sou o ódio dos deuses, bem o sabes,  
 Pelo que vês sofrer-me. Pois que muito  
 É que quem sofre tanto a vida deixe?  
 Será mais do que mal, ventura a morte.  
 Pelo contrário tu dos justos numes 975

Iras não sofres, antes és ditoso,  
 E todo o sangue teu, livre da mancha  
 Que a mim me contamina. Vive amigo,  
 E com Electra vive em santo laço.  
 De vossos filhos surgirá meu sangue, 980  
 E a casa de Agamémnon, já purgada  
 Do delito que eu fiz, reinará fausta.  
 Vai pois. Não contradigas a ministra.  
 Só te depreco, que chegado a Argos,  
 (Por nosso mútuo amor te rogo, ó caro) 985  
 Sepulcro me levantes, e <sobre> ele  
 Ponhas minhas memórias, como é uso.  
 De minha irmã espero que com pranto  
 Banhe o túmulo vão, e nele oferta  
 Faça de seus cabelos. Lá lhe dize 990  
 Que uma mulher argiva, mas ignota,  
 Foi quem morte me deu, <assim> purgando  
 Ela meus crimes com jucunda morte,  
 Santa oferenda fazendo-me a Diana.  
 Vê lá bem, minha irmã não desempares, 995  
 Nem te esqueças de nossa afinidade,  
 Minha paterna estirpe escurecendo.  
 Porém temer não posso coisa indigna  
 De quem eu entre todos meus amigos  
 Achei sempre o mais fido, o mais amante. 1000  
 Oh quantas fiéis provas me tens dado,  
 Sofrendo de meus males o castigo,  
 Como se foras réu. Porém que muito  
 Se nos criamos ambos, se um só passo  
 Nunca eu dava sem ti nos passatempos 1005  
 Da caça, dos passeios, das palestras.  
 Até quiseste acompanhar o amigo  
 Na fraude dos oráculos de Apolo,  
 Que armado contra mim com vaticínios,  
 A que crédito dei com mente estulta, 1010  
 Me inspirou a matar aquela mesma  
 Que o ser me dera. E constrangeu-me agora

A vir eu mesmo aqui buscar a morte.

Pílades

Sim, sepulcro terás, mísero amigo,  
Porém não como mandas. Eu esposo 1015

<De Electra sou sempre ou serei amante>,

Sem que ao consórcio seja fraudulento.

Enquanto às vozes do apolíneo nume,

Nunca as achei falazes. Bem que à morte

Próximo esteja, eu inda dele espero 1020

Verificado <em nós> o vaticínio.

Muitas vezes sucede desventuras

Passarem para bens inesperados,

Quando os deuses o querem.

Orestes

Cala amigo. 1025

De proveito nenhum me serve Apolo.

Pois que ali vem essa mulher do templo,

Por cuja vinda morte atroz se segue.

#### Ato 4º

#### *Ifigénia e os Sobreditos*

Ifigénia

Vós, mulheres, parti. Ide ter pronto

Tudo o que é necessário para a sacra 1030

Função de um sacrifício.

Coro

Obedecemos.

Ifigénia

A carta trago já. Para que um destes

A leve a Argos. Chegai mais, mancebos,

E ouvi-me. É natural em quase todos  
Os que infelizes são, iguais não serem,  
Quando a ditosos passam. No perigo  
Tudo prometem; fora dele, ingratos  
A palavra não cumprem. Eu receio  
Que aquele que de vós for livre e salvo,  
Apenas embarcado, mais não cuide  
De entregar esta carta, bem que importe.

Orestes  
Por onde tal receias? Donde nasce  
Contra nós a suspeita?

Ifigénia  
Só descanso,  
Se o que for me jurar que há de entregá-la  
A quem eu lhe disser.

Orestes  
Isso é bem justo.  
Mas igualmente é justo que tu jures  
Que ao portador hás de deixar ir salvo,  
Sem que do povo bárbaro se tema.

Ifigénia  
É de razão, e enfim forçosa coisa,  
Pois que, a não ser assim, frustra-se o empenho  
De que a carta se entregue.

Orestes  
Pois licença  
Prometes ter do rei?

Ifigénia  
Sim, hás de tê-la,  
Que eu hei de persuadi-lo. A ser preciso,  
Farei com que ele mesmo na nau entre.

Orestes  
Pílates, jura. 1060

Pílates  
Pois eu sou? ...

Orestes  
O tempo  
Não é para disputas amorosas.  
Lembra-te do que já nisso altercamos.

Pílates  
Já que é forçoso, <esta incumbência aceito.> 1065

Ifigénia  
Hás de dizer: Eu juro que esta carta  
Hei de entregar em Argos.

Pílates  
Eu juro que esta carta que me entregam  
Em Argos hei de dá-la a quem se ordena.

Ifigénia  
E eu te prometo que há de sair salvo 1070  
Destas fragosas praias.

Orestes  
E a quem tomas  
Por testemunha desse juramento?

Ifigénia  
A Diana, a quem sirvo neste templo.

Pílates  
Eu por Júpiter juro, rei do Olimpo. 1075

Ifigénia

E se ingrato injustiça me fizeres  
Faltando ao juramento, qual é a pena?

Pílades

Que eu antes de voltar, mísero morra.  
E a tua imprecação?

Ifigénia

Que os pés em Argos 1080  
Eu <viva> jamais ponha.

Pílades

Mas deixámos  
De coisa declarar que assaz importa.

Ifigénia

Na volta ma dirás, se, como espero,  
Fores bem sucedido na viagem. 1085

Pílades

E se eu não for feliz? Suponhamos,  
Que a nau periga, e que entre as minhas coisas  
Leva a borrasca a carta, e que eu só pude  
Salvar o corpo. Olha que então ligado  
Não estou já ao sacro juramento. 1090

Ifigénia

Lembra-te bem (que esses sinistros casos  
Facilmente sucedem). Mas remédio  
Me ocorre já. Quanto esta carta encerra  
Eu to digo palavra por palavra.  
Toma sentido, para o referires 1095  
Em Argos fielmente. A carta é breve.  
E assim, se a vida tu salvar puderes,  
Salvas também a carta na memória.

Pílades

Pelo que toca ao meu fiel serviço,

E à obrigação que tenho ao juramento 1100

Sábria ideia é a tua. Vou contente.

Mas inda não disseste a quem a carta

Hei de entregar, ou que dizer na falta,

Se por desgraça perecer?

Ifigénia

Orestes, filho de Agamémnon. 1105

Pílades

Deuses,

Que ouço? (*à parte*)

Ifigénia

Em sua mão entrega a carta

Ou dize assim: Ifigénia é viva,

Posto que no conceito dos Argivos 1110

Morta já seja, quando em sacrifício

Em Áulide foi vítima a Diana.

É ela quem te escreve, irmão amado.

Orestes

É viva! E aonde está? Se ela imolada

Foi a Diana, como vive ainda? 1115

Ressurgiu por ventura a nova vida?

Se será isso um estro delirante?

Ifigénia

É viva, e está presente. Com perguntas

Não me perturbes no que vou dizendo.

Vem, caro irmão, tirar-me desta terra, 1120

Bárbara terra, antes que nela eu morra.

Por mais tempo não sofras que eu ministra

Seja de humanas vítimas em Tauris,

No templo de Diana.

Orestes  
Que me dizes, 1125  
Pílades? A que praias aportamos?

Ifigénia  
Não me cortes o fio. Se buscar-me  
Par'Argos não vieres, em mil cruas  
Imprecações hei de romper, furiosa,  
Já contra ti, já contra os teus, ó Orestes. 1130  
Repito o nome, a fim que bem impresso  
Te ficasse na memória.

Pílades  
Oh sumos deuses!

Ifigénia  
E porque agora invocas as deidades?  
Que causa tens? 1135

Pílades  
Nenhuma. Continua,  
Que eu distraí-me acaso n'outra coisa.  
Se eu quisera dizer o que a alma sente,  
De mim coisas incríveis ouvirias.

Ifigénia  
Enfim, crédito dá-me ao que te escrevo. 1140  
Se da morte escapei, o benefício  
A Diana só devo, pondo corça  
Em lugar do meu colo. Nela o ferro,  
E não em mim, descarregou o golpe.  
E pelos ares a propícia deusa 1145  
Trazendo-me, me pôs neste terreno.  
Da carta eis aqui tens toda a <substância>.

Pílades  
Em virtude do estreito juramento,

Com pasmo verás como ligeiro  
Desato o sacro nó e entrego a carta. 1150  
E tu da obrigação também te livras.  
Esta estimável carta aqui te entrego,  
Que tua irmã te manda, amigo Orestes.

Ifigénia

Este, Orestes?! Que me dizes? Prende  
Um não sei quê a língua, em nada atino. 1155

Orestes

Pílates, eu aceito o penhor caro,  
E sem a carta ver já lhe respondo.  
Dá-me os teus braços, ó irmã querida,  
Antigo objeto de meu pranto amante.  
Quê? De mim te retiras? Fé não prestas 1160  
À mais certa verdade? Mas desculpo o  
Teu virgíneo pudor, que eu mesmo apenas  
Creio o que vendo estou. Absorto em pasmo  
Não sei como me julgue tão ditoso.

Coro

É certo, ó forasteiro, que fizeste 1165  
Indecorosa ação, vestes tocando  
De quem é consagrada à casta deusa.

Orestes

Prazer inopinado me arrebatou.  
Oh, não te mostres, doce irmã, esquiva  
Com quem é de Agamémnon também filho. 1170  
Alegra-te, a um irmão dás hoje vida,  
Que nunca imaginaste poder dar-lha.

Ifigénia

Meu irmão, tu! E atreves-te a afirmá-lo?

Orestes

E porque não, se o sou?

Ifigénia

Em Argos vive,

1175

E sei que assento tem na Náuplia terra.

Orestes

Não assiste já lá.

Ifigénia

Pois tu nasceste

Da Tindárida filha?

Orestes

Eu nasci filho

1180

D'alto rei que de Pélope era neto.

Ifigénia

Que dizes? Podes dar-me disso provas?

Orestes

Muitas. Sabes a contenda

De meu avô Atreu contra Tiestes?

Ifigénia

Ouvi-a. E foi por um cordeiro d'ouro.

1185

Orestes

Já me ocorre, que a triste história sabes

Porque a deixaste recamada em Argos

Com arte delicada.

Ifigénia

Oh! nisso agora

Grande prova me dás, ó forasteiro,

1190

Que já no coração amor me espertas.

Orestes

Parece que estou vendo o lavor fino,  
E sobretudo ao sol retrocedendo  
E com bem viva ação voltando a frente.

Ifigénia

Assim é, que empenhei-me nessa imagem.

1195

Orestes

Inda mais. De tua mãe não recebeste  
Banho nupcial em Argos, quando foste  
Por Áulide com ela, destinada  
Esposa de ...

Ifigénia

Sim, bodas malogradas,  
Que para este atroz reino me trouxeram.

1200

Orestes

E que razão tiveste de deixares,  
Quando ias leda para o sacrifício,  
À mãe, cortadas, as fermosas tranças?

Ifigénia

Sabes isso também? Para memória  
Minha lhas dei, pedindo que as pusesse  
Pendentes do meu túmulo.

1205

Orestes

Se queres

Sinal mais certo, com que não duvides,  
Direi coisa que vi (prova segura)  
N'uma casa interior dos aposentos,  
Onde vivias no íntimo do paço.

1210

Não estava escondida a antiga lança  
De Pélope, avô nosso, lança insigne,

Que ele enristou contra Enómao que, morto,

1215

Forçado lhe cedeu Hipodamia?

Ifigénia

Oh caro Orestes! Sim, és Orestes,

Meu peito ambíguo já não duvida.

E com que vozes hei de exprimir-te

Desta alma amante júbilo extremo 1220

Vendo-te em Tauris? Oh quem dissera

Que até'qui, fados sendo-me adversos,

Enfim seriam fados amigos?

Apenas creio, sorte risonha,

O amor extremo, com que me animas 1225

Nesta improvisa dádiva cara.

Orestes

E eu que posso dizer neste impensado,

Pasmoso objeto, vendo que está viva

Quem morta reputada longos prantos,

Longos lamentos merecera em Argos? 1230

Emudecer-me faz o mesmo gozo.

Com essas doces lágrimas alegres

Exprime, irmã querida, teus prazeres,

E este semblante atónito me banha.

Ifigénia

Oh, caras servas, este que vedes 1235

Deixei menino quase em mantilhas

No lar paterno. Minhas delícias

Era a beleza do tenro infante.

Quem me dissera, meu doce Orestes,

Que inda à minha alma restava ver-te 1240

Gentil mancebo na cruel Tauris!

Este prodígio supera quantos

Espalha a fama com tuba alegre.

Orestes

Quanto meu peito em júbilo estremoso

Redunda, ao refletir, que de hoje em diante  
Ditosos toda a vida viveremos,  
Gozando-nos da doce companhia. 1245

Ifigénia

Amigas, dai-me parabéns faustos.  
Que inesperados são os meus gozos.  
São tão <sobejos>, que me parece 1250  
Durar não podem; e até receio  
Que tu me fujas a veloz voo,  
E só me deixes, prenda adorada.  
Dou-vos mil graças, ó pátrios Lares  
Ó dos Ciclopes obra famosa, 1255  
Minha Micenas, guardando a vida  
De irmão dileto, que é luz brilhante  
Da nossa régia prosápia antiga.

Orestes

Quanto à família, é certo que felizes  
Nós ambos somos. Mas pelos sucessos 1260  
Com que a têm os destinos oprimido,  
<Há longo tempo> assaz é desgraçada,  
E infundiu em nós seus infortúnios.

Ifigénia

Oh quanto é certo! Basta dizer-te  
Que estive a ponto de dar meu sangue, 1265  
Vítima em aras... Porém funestas,  
Cruéis memórias lugar não tenham  
Neste tão fausto dia de gozos.

Orestes

Bem que menino eu era, inda conservo  
Uns longes dessa ação, e me parece 1270  
Que ouço inda agora da família o pranto.  
Soube depois, quando crescido em anos,  
Da fraude, com que a Áulide vieste

Co' pretexto de ser feliz esposa  
Do grande filho de Peleu e Tétis. 1275  
Tudo infortúnios foram. Mas que mágoa,  
Que angústia inconsolável fora a tua,  
Se observado tiveras o costume  
De tão bárbaro reino neste templo!

Ifigénia

Graças aos deuses, que te livraram 1280  
Da ação cruenta. No ponto estavas  
De oferta seres n'ara a Diana.  
Mas longe, longe de alegres almas  
Lembranças duras, que tanto afligem.

[...]Que obraram mãos 1285  
[...] Mas aí quem sabe, se enfim duráveis  
Serão os gozos, que agora temos,  
Ou se mudança farão os fados,  
Às mãos levando-nos deste rei bárbaro?

No modo cuide-se de fugir rápidos 1290  
Desta cidade, <cruenta> terra,  
E buscar Argos, terra piedosa,  
Antes que o ferro sinta o teu colo.  
Pondera, Orestes, no feliz meio  
De conseguirmos tanta ventura. 1295

Coro

Na verdade, este caso inopinado  
É superior a quanto a fama espalha.  
Hei de contar, enquanto eu tiver língua,  
Sucesso tão insólito, tão novo. 1300  
É costume entre amigos, quando chegam

A ver-se a morte mais por meio estranho,  
Mutuamente apertarem-se nos braços.  
Alegrai-vos, irmãos, fraterno amplexo  
A santa honestidade não ofende.  
Enxugai esses prantos, e ocupai-vos 1305  
Só na traça em fugir-vos desta terra.

A ti pertence, Orestes. Quem é sábio,  
Tempo não perde na feliz fortuna,  
Antes os seus favores aproveita  
E complemento põe a seus desejos. 1310

Orestes

Dizes bem. E segundo o céu me inspira,  
A fortuna de nós terá cuidado,  
Se nós também para <a> obra concorreremos  
Com sábia diligência. Mas quem vence  
Nas ações dos mortais é das deidades 1315  
O auxílio superior nas coisas justas.

Ifigénia

Falta-me perguntar, qual é de Electra  
Nossa irmã o destino.

Orestes

Feliz vive  
Preso no laço de himeneu com este. 1320

Ifigénia

E este quem é? Quem são seus pais?

Orestes

É filho  
De Estrófilo, rei da Fócida.

Ifigénia

Parente  
Então é nosso e bem conjunto. 1325

Orestes

É primo,  
Pela filha de Atreu. Porém a nossa  
Amizade, <a> mais íntima e provada,  
Inda nos uniu mais que o próprio sangue.

Ifigénia  
Seria já nascido quando às aras 1330  
Nosso pai me ofereceu em sacrifício?

Orestes  
Inda não tinha visto as vitais luzes,  
Porque Estrófilo <tardou> por longos tempos  
Em prole ter.

Ifigénia  
Sejas feliz, ó esposo 1335  
De minha amada irmã, ambos fortuna  
Sempre acompanhe.

Pílades  
O mesmo te anuncio.

Ifigénia  
Porém dize-me, Orestes. Clitemnestra...

Orestes  
Oh, não me pronuncies esse nome. 1340  
Do caso não falemos. As afrontas  
Que meu pai recebeu vinguei brioso.

Ifigénia  
E o motivo qual foi por que ela a morte  
A seu marido deu?

Orestes  
Novamente te rogo que deixemos 1345  
De parte a nossa mãe. Honor motivo,  
Porém não te convém a ti sabê-lo.

Ifigénia  
Basta! Já o não pergunto. O reino de Argos,  
Visto ter-te salvado o céu amigo,

A ti pertence só. 1350

Orestes

Quem rege os povos

Agora é Menelau. Exterminado

De todo o reino eu sou.

Ifigénia

Pelas violências

Talvez de nosso tio. 1355

Orestes

Não por certo.

Ele não me expulsou de pátrio berço,

Mas quem me força, quem me expulsa e pune

É medo de atroz fúria do Cocito.

Ifigénia

Dela talvez é efeito isso que obraste 1360

Contra o gado dos míseros pastores,

Que vieram queixar-se de um furioso,

Insano, que na praia os assolava.

Orestes

Provera aos céus que fosse a vez primeira

Essa, em que cometi tanta desordem, 1365

Assaltado da fúria vingadora.

Ifigénia

Punindo a culpa da materna morte?

Orestes

Tenho chegado a lástimas tão cruas

Que até férreos bocados, como a bruto,

Me têm sofreado a boca embravecida. 1370

Ifigénia

E por que coisa os pés aqui puseste?

Orestes

Porque o mandou o oráculo de Apolo.

Ifigénia

Mas a que fim? Se é que dizer-se pode.

Orestes

Eu to digo. E essa foi de meus trabalhos

A terrífica origem. Cometida 1375

Por mim a ação, que de<c>larar não quero,

Contra a vida de quem à luz me dera,

<Logo das negras> Fúrias violentado

D'Argos saí, expondo-me a desterro.

Nele mandou-me Apolo que buscasse 1380

Atenas, onde das nefandas deusas

Na presença advogasse a minha culpa.

Num sagrado lugar onde já

Na presença de Jove perorara

Por delito que obraram mãos audazes, 1385

Apenas eu cheguei, nem um só houve

Que piedoso quisesse receber-me,

Por saber que eu aos deuses era odioso.

Depois sim houve quem rubor sentia

De me não hospedar. Dava-me albergue, 1390

Mas em mesa apartada, e não ousava

Fazer-me companhia na comida.

Bem que eu dissimulasse, a entender dando

Que não lhes percebia a diferença,

Não se esqueciam de <me> dar em rosto 1395

Que eu não podia concorrer com eles

Em comida e bebida. E assim enchiam

Seu copo próprio do licor de Baco.

E alegres o exauriam sem a usada

Cortês entrega para o mútuo brinde. 1400

Contr'eles formar queixa eu não ousava.  
 E só comigo mesmo meus queixumes  
 Em segredo fazia, refletindo  
 Em que o descortês trato procedia  
 Do parricídio, tão horrendo a Atenas. 1405  
 E depois soube, que eu motivo dera  
 Por minha ação, que a Natureza afronta,  
 A instituir-se público festejo  
 Pelo povo de Atenas, cuja festa  
 Sei que em minha memória inda subsiste, 1410  
 Reinando os copos de escumoso Apolo.  
 Mas quero-te contar o sucedido.  
 No lugar sacro, onde orou já Mavorte,  
 Subi ao tribunal (íngreme assento)  
 Para ouvir a sentença do meu feito. 1415  
 Contra mim da outra parte estava a Fúria  
 (E <era> a mais velha das irmãs Erínias)  
 De que as mesmas razões, que me absolviam,  
 E outras ouvi, que réu me declaravam.  
 Chamei Apolo em minha testemunha, 1420  
 Com ele defendendo a ação obrada.  
 Os votos numerou, benigna, Palas,  
 E absoluto saí pela igualdade  
 Entre amigos e adversos pareceres,  
 Desempatando a deusa. As Fúrias todas 1425  
 Que presentes estavam ao juízo  
 Obediência renderam, não podendo  
 Agravar da sentença, e também elas  
 Me declararam livre. Porém, como  
 De perdoar não são numes do Averno, 1430  
 Apesar da sentença e dos seus votos,  
 Entraram-me a afligir por vários modos,  
 Todos opostos, todos insofríveis.  
 Já não podendo tolerar meus males,  
 A Apolo recorri lá no seu templo, 1435  
 Onde oráculo tem, e novamente  
 Pedi-lhe que de mim piedade houvesse,

Se não que ali, por próprias mãos, eu mesmo  
 Vítima me faria em seus altares.  
 Quando, prostrado, assim lhe deprecava 1440  
 Com fronte dos jejuns amortecida,  
 Eis que ouço lá dos íntimos retrates  
 D'áurea trípole voz, que me mandava  
 Vir aqui a roubar o simulacro,  
 Que descera do Olimpo, e colocá-lo 1445  
 Na grande Atenas. Se feliz fosse,  
 Que de tal roubo a empresa conseguisse,  
 Salvo seria das tartáreas deusas,  
 Curado das terríficas loucuras.  
 A fim tal aportamos nestas praias. 1450  
 Mas a fação audaz será baldada  
 Se tu nos não prestares teu auxílio.  
 Só com ele a deidade roubaremos.  
 E nessa nau de remos bem provida,  
 Contigo a levaremos para Atenas. 1455  
 Eia pois, cara irmã, objeto amado,  
 Salva da nossa casa único herdeiro,  
 E põe-me fora de um fatal perigo.  
 Perde-se em mim de Pélope a prosápia,  
 Perde-se um reino, enfim, perde-se tudo, 1460  
 Se roubado não leve o simulacro  
 Vindo do céu, como me manda Apolo.

#### Coro

Por certo foi dos deuses ira acerba  
 A que moveu tamanhas desventuras  
 Contra o sangue de Tântalo. 1465

#### Ifigénia

Tu, Orestes,  
 Inda que tu a Tauris não chegasses,  
 Em desejos ardia sucessivos  
 De voltar para a pátria, e gozar nela  
 Da tua suspirada companhia. 1470

Por onde o que desejas eu desejo,  
 Salvar-te quero do fatal perigo,  
 E não deixar perder único resto  
 Do meu sangue. Se bem que foi-me adverso,  
 Contudo, como o amei, inda hoje o amo. 1475  
 Por onde certo está, que a minha dextra  
 Não há de concorrer para que banhe  
 O teu sangue este altar. Mas assaz temo  
 Iras da deusa e do feroz Toante.  
 Nem sei que hei de dizer para iludi-lo, 1480  
 Quando ele vir do seu marmóreo plinto  
 Tirado um simulacro, que honra a Tauris.  
 Bem vês que então a minha morte é certa.  
 E que desculpa tenho para dar-lhe?  
 Porém, se nós pudéssemos a imagem 1485  
 Roubar a um mesmo tempo, e dar à vela,  
 Então é que seríamos felizes,  
 E assim só pouparíamos as vidas.  
 Mas dado que escapar eu só não possa,  
 Não importa. Inda a ideia é venturosa. 1490  
 Sim, fico eu morta. Porém tu vais vivo  
 Cozar do reino, que te dá teu sangue.  
 Tu grande falta fazes, eu nenhuma.  
 Morra-se embora. Quando da família  
 Um varão morre faz na casa perda. 1495  
 Quando falta mulher, imbele sexo,  
 Perda não se experimenta.

Orestes

Ah não me faças  
 Desses discursos, doce Ifigénia,  
 Com que queres que eu seja desse modo 1500  
 Teu o homicida, como concorrente?  
 Da mãe basta-me assaz para meus danos  
 O derramado sangue. Eu viver quero,  
 Mas contigo há de ser. Quero ver Argos,  
 Mas há de ser na tua companhia. 1505

Se infesta sorte ordena que aqui morras,  
Quero eu também morrer, e alegre morro.  
Porém não temo em ti tanto infortúnio.  
Que o fado não se mostra amigo nosso  
Para logo fazer-nos infelizes. 1510

Ouve como eu discorro. Se a Diana  
Ingrato fosse deixar este assento,  
Como havia ordenar-me expressamente  
O deus irmão, que arrebatasse a imagem,  
E a trouxesse à cidade de Minerva? 1515  
Por onde eu, animoso, refletindo  
Nesta razão espero ver Atenas  
C'o penhor sacro a que me manda Apolo.

Ifigénia

Mas que traça urdiremos, com que salvas  
As vidas, nosso intento consigamos? 1520  
Considera bem nisto, que a vontade  
Em mim não pode ser mais pronta, e ansiosa  
De voltar ao terreno, que é meu berço.

Orestes

Matar-me lembra ao bárbaro tirano.

Ifigénia

Essa lembrança sobre perigosa, 1525  
É traidora. Infiéis tirar a vida  
A quem nos deu albergue? Gente grega  
Não tem tais pensamentos desumanos.

Orestes

Forçados procedemos. Outro meio  
Não há de assegurarmos nossas vidas. 1530

Ifigénia

Eu para tanto em mim valor não sinto.  
Porém louvo-te o arrojo destemido.

Orestes

Ocultos ficaremos neste templo

E das sombras noturnas ajudados

Fugiremos c'ò roubo. Ações furtivas 1535

A noite favorece, como o dia

As sinceras ostenta.

Ifigénia

Bem dizias,

Se guardas neste templo não ficassem,

Os quais hão de dar fé da nossa empresa. 1540

Orestes

Ai de nós! Desse modo bem podemos

Já dar-nos por perdidos. Tu reprovias

Todas minhas ideias. E eu não vejo outras,

Que salvar possam nossas vidas.

Ifigénia

Pois a mim me parece que segura 1545

Uma me ocorre.

Orestes

Sim? Dize-ma, ó cara.

Ifigénia

Para traçar o engano, é de valer-me

Dos teus mesmos delírios.

Orestes

Vós, mulheres, 1550

Insignes sois em descobrir astúcias

Para enganar aos homens.

Ifigénia

Voz espalho,

De que chegaste aqui, fugindo às penas

De teres morto a mesma mãe em Argos. 1555

Orestes

Se nos é útil isso, espalha embora  
A minha insana ação, vale-te dela.

Ifigénia

De muito vale. Porque acrescento logo  
Que à pura deusa oferecer não devo  
Vítimas maculadas. 1560

Orestes

Mas receio  
Que isso não tenha força em cruel terra.

Ifigénia

Tem, se eu disser, que deves ser primeiro  
Purificado do materno insulto,  
Para poderes ser sacrificado. 1565

Orestes

Está bem. Porém como tiraremos  
O santo simulacro?

Ifigénia

Ao mesmo tempo  
Que eu persuadir, que deves ser lavado  
N'água pura do mar, ao rei Toante, 1570

Também hei de dizer, que quer Diana  
Purificada ser, porque a tocaste.  
E assim irei (porque a mim só pertence)  
Com a estátua, e contigo ao lavatório  
Na praia mais vizinha ao teu navio. 1575

Conseguir isto espero.

Orestes

E o meu amigo

Pílades, onde fica?

Ifigénia

Já se sabe,

Que igualmente direi estar impuro 1580

Por concorrente na tirana morte.

E há de ser nosso sócio na fugida.

Eu busco logo ao rei porque não devo

Fazer isto em segredo. Tu dispostas

Tem entretanto as coisas, de maneira 1585

Que não haja demora no embarca<r>mos.

Orestes

Pronto o baixel está, já sobre remos

E a todo o pano mais que a voo, as ondas

Cortará. Porém julgo necessário,

Que estas mulheres com suaves vozes 1590

Previnas a guardarem no seu peito

Quanto ouvido aqui têm. Eu não lho rogo,

Porque para à piedade comoverem

Têm mais força as mulheres do que os homens.

*(vai-se)*

Ifigénia

Caras amigas, para vós agora 1595

Os olhos volto em ato suplicante,

Como quem em vós tem toda a esperança.

Ou o ser eu feliz na árdua empresa,

Indo com um irmão, e c'um parente

Viver na amada pátria, ou ser com eles 1600

Vítima nestas aras, de vós outras

Dependente está só. Logo o confesso

No princípio da súplica que faço.

Por génio natural nós, as mulheres,

Coração temos, que à piedade inclina, 1605

E os nossos interesses ajudamos,

Mostrando lealdade umas a outras.

Por onde em favor meu guardai segredo,  
 E ajudai-me fiéis minha fugida.  
 É para <toda a língua> um raro lustre 1610  
 Saber calar por um obséquio feito  
 À sincera amizade. Vós bem vedes  
 Como uma sorte pode fazer-nos  
 Ou venturosos nos paternos lares,  
 Ou desgraçados nestas cruéis aras. 1615  
 Se o sucesso for próspero, eu prometo  
 Levar-vos para a Grécia, e libertar-vos  
 Do dano a que possais ficar expostas.  
 Valei-nos pois só c'ò silêncio amigo,  
 E se é preciso, a vossos pés o rogo, 1620  
 Interpondo os maiores valedores,  
 Os pais, se ainda os tendes, os vossos filhos,  
 Se acaso já sois mães. Quem me responde?  
 Quem me confirma a graça ou quem <ma nega>?  
 Desenganai-me já. Se meu intento 1625  
 Não aprovas, vereis irmãos amantes  
 Da tirania vítimas cruentas.  
 E vos vereis também desamparadas,  
 Já sem o amor de quem vos amou sempre.

Coro  
 Senhora, enxuga as lágrimas. Sossega 1630  
 E cuida em te salvar unicamente,  
 Que tens em nós quem guarde alto segredo  
 E pelo sumo Jove to juramos.

Ifigénia  
 O céu vos remunerere um tal serviço,  
 Enchendo-vos de bens em toda a vida. 1635  
 Haveis de recolher-vos nessas casas,  
 Apenas chegar virdes a Toante.  
 Porque, como costume, ele não tarda  
 A saber se se fez o sacrifício.  
 E tu, Diana, venerada deusa, 1640

Que em Áulide salvaste minha vida,  
Quando se viu no mais tremendo transe,  
Benéfica também ma salva agora,  
E não menos aos dois, meu caro sangue.  
Se não por causa tua, em todo o mundo, 1645  
Se ouvirá que esse oráculo fraterno  
Já não é verdadeiro nas respostas.  
Sai, ó deidade pia, finalmente  
Da bárbara região, que não te é dada.  
De Atenas busca a competente terra, 1650  
Onde terás os teus devidos cultos,  
E não já os cruéis, que aqui te oferecem.

Coro

Oh desgraçada alcíone,  
Que hoje és funesto pássaro,  
Que por escolhos ásperos 1655  
Choras com vozes lânguidas  
De teu esposo mísero  
A morte em ondas húmidas  
De tempestade atroz.  
Oh quanto o meu mal próprio 1660  
(Bem que sem asas rápidas)  
Se iguala ao teu misérrimo,  
Neste terreno vendo-me,  
Longe de gente argólica,  
Longe de um céu benéfico 1665  
À geração mortal.

Outra voz

Oh que amargo, que pranto perene  
Foi o nosso, rendidas escravas  
Às mãos duras de atroz inimigo,  
E vendidas por preço excessivo 1670  
Lar achamos <na> bárbara Tauris,  
Onde somos de um templo cruento  
As vis servas, que n'ara ministram,

Sendo as vozes mortais infelizes.  
Ai que grave moléstia é a minha, 1675  
Lembrada dos tempos em que era ditosa.  
Que o servir se não tem amargura,  
É só nessas que escravas nasceram.

A 1ª voz  
Oh tu, princesa argólica,  
Que enfim és felicíssima, 1680  
Pois cortarás no undívago  
Reino, com remos rápidos,  
As salsas ondas plácidas  
Onde soará a música  
Fruta do agreste Pã. 1685  
O amigo nume délfico  
Te irá seguindo harmónico,  
Pulsando doce cítara,  
E à terra conduzindo-te  
Do fértil país ático, 1690  
Das Divindades célicas.

(Versão portuguesa da tragédia incompleta)

**Maria de Fátima Silva** é Professora Catedrática Jubilada do Instituto de Estudos Clássicos e membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Autora de uma tese de doutoramento intitulada *Crítica do Teatro na Comédia Antiga*, dedicou-se a aprofundar a matéria ‘teatro grego, cómico e trágico’, sobre que publicou vários livros e numerosos artigos. Produziu ainda traduções de Aristófanes e Menandro, bem como de outros autores como Heródoto, Aristóteles, Teofrasto e Cáriton. Mais recentemente tem-se dedicado aos estudos de recepção, sobretudo no que diz respeito às influências do teatro grego no teatro português.

**Ana Inácio** é licenciada em História e Pós-graduada em Ciências Documentais e em Gestão de Sistemas de e-Learning. Exerce a profissão de bibliotecária no ensino superior, tendo sido docente e formadora nesta área do conhecimento. Para além de outros interesses relacionados à História, mantém particular ligação à paleografia e aos autores clássicos.

**Nuno Simões Rodrigues** é Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador dos Centros de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e de História e de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. Doutor em Letras, na especialidade de História da Antiguidade Clássica, tem-se dedicado ao estudo da História Cultural da Grécia Antiga (religião, mito e tragédia), da História Social e Política da Civilização Romana (fins da República e alvares do Principado) e da Recepção da Antiguidade Clássica (cinema, teatro, BD). Traduziu Eurípides, Plutarco e os *Scriptores Historiae Augustae*. De momento, trabalha numa “biografia” de Deméter e Perséfone.

coleção  
dramaturgia

1 2



9 0



**IMPRESA** DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS